



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Marina de Mattos Dantas

**Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a  
construção do atleta contemporâneo**

Rio de Janeiro

2011

Marina de Mattos Dantas

**Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Heliana de Barros Conde Rodrigues

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

D192

Dantas, Marina de Mattos.

Futebol de base e produção de subjetividade : o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo / Marina de Mattos Dantas. – 2011.

106 f.

Orientadora: Heliana de Barros Conde Rodrigues.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.

1. Futebol – Aspectos psicológicos – Teses. 2. Futebol - Treinamento– Teses. 3. Futebol – Aspectos econômicos - Teses. 4. Jogadores de futebol - -- Teses.. I. Rodrigues, Heliana de Barros Conde. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III.Título.

dc

CDU 159.9:796.332

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Marina de Mattos Dantas

**Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 28 de junho de 2011.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Heliana de Barros Conde Rodrigues  
Instituto de Psicologia - UERJ

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marisa Lopes da Rocha  
Instituto de Psicologia - UERJ

---

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva  
Universidade Federal de Minas Gerais

Rio de Janeiro

2011

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que de alguma forma estiverem presentes durante a caminhada que se traçou durante esses anos.

Especialmente a meus pais pela aposta, carinho e compreensão.

A Heliana pelo carinho, paciência e pelos momentos de felicidade compartilhados.

Ao Chico por sempre estar presente e com quem muitas das discussões aqui contidas se iniciaram em conversas apaixonadas infundáveis sobre o futebol...

Ao Silvio e a Marisa pelas aulas, conversas e pela disponibilidade e carinho.

A todos do GEFuT que através da amizade me faz acreditar que outras práticas na Educação Física para além do culto ao corpo são possíveis.

A Alessandra, Jairo, Paula e Teresa pela solicitude e por compartilharem suas experiências.

A todos os meus amigos que compartilham comigo a alegria desse momento.

Os entendidos viviam atribuindo aos jogadores europeus uma saúde de vaca premiada. Os brasileiros não subiam três degraus de uma escada sem dispnéia pré-agônica. E vem a copa e demonstra, inversamente, que a saúde, a resistência, a vitalidade, estão com a gente. E a famosa burríssima velocidade? Só os europeus sabiam correr, e o brasileiro levava meia hora para ir de uma esquina a outra esquina. Mentira, tudo mentira. Nós corremos muito mais. Apenas a nossa velocidade é mais inteligente e menos obtusa. Mas eu queria um favor dos entendidos, ou seja: que admitissem a forma física dos nossos jogadores. E lançassem um manifesto, proclamando: As vacas premiadas somos nós!

*Nelson Rodrigues*

## RESUMO

DANTAS, Marina de Mattos. *Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo*. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

A proposta deste estudo foi construir uma cartografia dos modos de fazer psicologia em centros de treinamento (CTs) de categorias de base, bem como das relações da psicologia do esporte com outros saberes/poderes e de seus possíveis efeitos na formação do jogador de futebol, tendo por campo empírico o cotidiano de alguns clubes de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. Em aliança com os pensamentos de Félix Guattari e Gilles Deleuze, apropriamo-nos dos escritos destes e de outros pesquisadores da Análise Institucional como interlocutores nesta cartografia; igualmente, das contribuições de Michel Foucault sobre sociedade disciplinar e biopoder. Estudos antropológicos e sócio-históricos também nos ajudaram a compreender como se constrói a noção/prática de formação no futebol brasileiro contemporâneo. Colaboraram ainda nessa composição os debates metodológico-epistemológicos sobre História Oral, procedimento que funcionou como um dispositivo ético-político durante todo o processo de investigação. Neste sentido, mediante entrevistas de história oral temática, buscou-se conhecer o trabalho de quatro psicólogos do esporte atuantes em categorias de base na atualidade. Complementarmente, observações em centros de treinamento foram realizadas. Nesse percurso, apreendemos nuances da instrumentalização do corpo-atleta que remetem ao processo histórico de construção dos atuais modos de formação do jogador de futebol no Brasil. Pistas sobre os primeiros trabalhos de Psicologia do Esporte de que se tem notícia integram tal processo, e apontam a uma psicologia que também se instrumentalizava, tendo os testes psicométricos como principal recurso. Em uma trajetória na qual forças mais, e menos flexíveis produzem efeitos políticos, vê-se o aspirante a jogador de futebol transformar-se em um atleta que funciona como jogador-peça, jogador-produto, ou mesmo jogador-empresa, a fim de realizar o almejado e muitas vezes inquestionável sonho de ser mundialmente conhecido e aclamado. No espaço dos CTs, disciplina e biopoder se articulam em dispositivos em prol da manutenção de uma produção em moldes capitalísticos. Das modulações das práticas neoliberais surge ainda a figura do empresário para gerenciar a vida dos jogadores e garantir que sejam produtos valorizados no mercado global de boleiros. Embora ainda hoje os testes e os perfis psicológicos sejam instrumentos hegemônicos na psicologia esportiva, as práticas desta última são tão diversas quanto os modos de subjetivação existentes e implicam efeitos às vezes mais, às vezes menos adaptados à promoção do rendimento esportivo e à constituição do atleta empreendedor-de-si mesmo.

Palavras-chave: Futebol de base. psicologia do esporte. produção de subjetividade. formação. atleta jogador de futebol.

## ABSTRACT

The purpose of this study was to construct a cartography about the ways of doing psychology in youth soccer training centers (TCs), and also about relationships between sport psychology and other knowledges/powers and their possible effects on the formation of soccer players, having as an empirical field the daily life of some clubs of Belo Horizonte and Rio de Janeiro. In accordance with the thought of Gilles Deleuze and Felix Guattari, we take the writings of these and other researchers of Institutional Analysis as interlocutors in this cartography; we did the same with the contribution of Michel Foucault about disciplinary society and biopower. Anthropological and social-historic studies also helped us in understanding how the idea / practical of formation is being built in contemporary Brazilian soccer. Oral History methodological and epistemological debates also cooperated in that composition, and this was a procedure that worked as an ethical-political device throughout the research process. In this sense, with thematic oral history interviews, the aim was to get to know the work of four sport psychologists who are active in youth soccer. In addition, observatins were conducted in training centers. Along the way, nuances about the instrumentalization of the body-athlete which refer to the historical process of the construction of current modes of training soccer players in Brazil have been apprehend. Clues about the first works in Sport Psychology which are known to us integrate this process and point to a psychology that had been also instrumentalized, having the psychometric tests as its main resource. In a trajectory in which forces - sometimes more, sometimes less flexible produce political effects, the aspiring soccer player becomes an athlete who works as a piece-player, a product-player, or even an enterprise-player in order to realize the desired, and often unquestioned, dream of being a world-renowned and acclaimed soccer player. At TCs spaces, discipline and biopower are articulated as devices for the maintenance of production in the capitalistic framework. From the modulations of neoliberal practices the entrepreneur also appears, to manage players? lives and ensure that they become high-valued products in the global marketplace of footballers. Although the tests and psychological profiling tools are still hegemonic in the practice of sport psychology, those practices are as diverse as the existing modes of subjectivation and imply effects - sometimes more, sometimes less adapted to the promotion of sport performance and to the establishment of the athlete entrepreneur-of-itself.

Keywords: Youth soccer. sport psychology. subjectivity production. formation. soccer player.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tira de história em quadrinho da personagem Mafalda, criada por Quino.....	8
Figura 2 - Esquema estratégico da cartografia.....	12
Quadro 1 - Dados sobre os psicólogos entrevistados.....	18
Figura 3 - Garrincha sendo examinado por médicos na preparação para a copa de 1958.....	23
Figura 4 - Página informativa a respeito dos testes de futebol no endereço eletrônico oficial do clube.....	30
Figura 5 - Carvalhaes em seu trabalho psicotécnico.....	33
Figura 6 - Carvalhaes entre jogadores em 1958.....	35
Figura 7 - Reportagem na qual João Carvalhaes defende a necessidade da criação das escolinhas de futebol.....	35
Figura 8 - ?Zico: um homem programado para ser um craque?.....	41
Figura 9 - ?Enfim, o craque de laboratório?.....	41
Figura 10 - Zico em um dos aparelhos de exercício muscular.....	42
Figura 11 - Projeto Soma - Slide 6 - ?Avaliar para participar é tão importante quanto aproveitarmos todos os momentos para sairmos da inércia, que tanto mal faz à saúde?.....	43
Figura 12 - Projeto Soma - Slide 26 - ?Atividade física e desempenho?.....	43
Figura 13 - Projeto Soma - Slides 15 a 20 ? Algumas avaliações Físicas.....	45
Figura 14 - Projeto Soma - Slide 9 - ?Exame físico como nossa principal ferramenta semiótica?.....	46
Figura 15 - Categorias de base.....	48
Figura 16 - Placa afixada no lavabo anexo ao refeitório do hotel onde moram muitos dos jogadores das categorias de base na Cidade do Galo.....	81
Figura 17 - Camisa da seleção brasileira em 2006, 2008 e 2011 respectivamente.....	83
Figura 18 - Pelé na propagando do produto Biotônico Fontoura.....	90
Figura 19 - Propaganda da Coca-Cola em 1987.....	92
Tabela 1 - Número de transferências de jogadores para o exterior e de retornos para o Brasil.....	95
Figura 20 - jogador fatiado.....	97

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1	<b>CARTOGRAFIA, HISTÓRIA ORAL E SUBJETIVAÇÃO: OS CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	14
2	<b>O (NEM TANTO) ADMIRÁVEL FUTEBOL NOVO: FRAGMENTOS DE UMA TENSÃO IMANENTE</b> .....	20
3	<b>PSICOLOGIA, PSICOTÉCNICA E INDÍCIOS DE UMA ESPECIALIDADE EMERGENTE</b> .....	32
4	<b>CATEGORIAS DE BASE E A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL: SEGUINDO PISTAS DO PROJETO SOMA</b> .....	39
5	<b>OS PSICÓLOGOS EM CAMPO: OS CTS E AS DIVERSAS PSICOLOGIAS DO ESPORTE</b> .....	51
5.1	<b>Na Toca da Raposa...</b> .....	52
5.2	<b>Há coisas que só acontecem com o Botafogo</b> .....	59
5.3	<b>Vamos cantando o hino do América, tão famoso e tradicional</b> .....	69
5.4	<b>Cidade do Galo</b> .....	78
6	<b>QUANTO VALE OU É POR QUILO? O EMPRESÁRIO, O JOGADOR-EMPRESA E O JOGADOR-PRODUTO</b> .....	89
7	<b>OS IDIOTAS DA OBJETIVIDADE E SEU ADMIRÁVEL JOGO NOVO</b> .....	99
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103

## INTRODUÇÃO: EXERCITANDO O DEVIR-MAFALDA



Figura 1: Tira de história em quadrinho da personagem Mafalda, criada por Quino.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Mafalda talvez sentisse raiva se soubesse sobre o que me interessa em pesquisar. Com tanta coisa mais importante acontecendo por aí, como me dedico a falar sobre algo como o futebol?

Longe de poder ser afirmado meramente como *o ópio do povo*, não é preciso, atualmente, se aproximar muito do esporte para perceber que o jogo não começa nem termina com o apito do juiz. É bem provável que se a personagem de Quino vivesse nos dias de hoje, o futebol não passasse impune diante de seu olhar crítico e inconformado.

Goste-se ou não do esporte, no Brasil é quase impossível não o viver. Seja torcendo para algum time, indo aos estádios, acompanhando pela televisão, seja surpreendido pelo espocar dos fogos de artifício, pelo trânsito caótico ou pelos gritos de gol que reverberam pela cidade, na televisão do bar e no radinho. Em volta do Estádio Mário Filho existem placas de sinalização indicando “proibido estacionar”, com a seguinte nota abaixo: “inclusive em dias de jogos no Maracanã”.

Quem almoça em frente à televisão durante a semana precisa esperar acabar o noticiário esportivo, onde informações sobre futebol ocupam lugares cada vez mais privilegiados, para assistir ao noticiário regional/nacional. Domingo à tarde as diversas partidas em andamento estão em boa parte da programação brasileira. E nas propagandas, constantemente, temos a presença de jogadores vendendo os mais diversos tipos de produto.

É possível comprar ações de um clube-empresa. Pode-se até mesmo encontrar livros de auto-ajuda que ensinam como ser um bom profissional utilizando o exemplo do futebol. Em revistas de fofoca se deparará não raras vezes com a notícia sobre a vida de algum jogador famoso. Se passa pela banca de jornais no caminho para a escola ou para o trabalho, pode-se saber as notícias da última rodada do Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, Libertadores da

América, Copa do Mundo, dentre outras competições regionais, nacionais e internacionais. Não se tem notícia de alguém que se tenha irritado por demorar mais tempo no trânsito por causa de uma partida de tênis, ou um jogo de basquete na cidade. Se a Liga Mundial de Vôlei está acontecendo, pode-se até não ficar sabendo, mas experimente tentar ignorar uma Copa do Mundo de futebol!

Enfim, o futebol é o esporte que circula em vários estratos da nossa sociedade e o que mais entremeia nossas vidas, de maneiras mais ou menos intensas, sejamos ou não aficionados torcedores. Mas reduzi-lo a isso é empobrecê-lo, talvez, em suas possibilidades.

O futebol, em sua vertente profissional, suscita muitas questões. Algumas delas desvelaram-se para mim em pesquisa preliminar, quando, na graduação em psicologia, interessei-me em conhecer vivências de jovens como jogadores de categorias de base em busca do sonho de se tornarem jogadores de futebol profissional. Buscava então entender as relações de poder/saber que se engendravam naquele processo (DANTAS, 2008).

Em linhas gerais, através daquela pesquisa, foi possível observar que o futebol brasileiro é marcado por intensas disputas de poder, com práticas muito similares às que vemos em várias outras instituições na sociedade contemporânea, que instauram/difundem valores da subjetividade capitalística, como individualismo e competitividade.

Não se pode esquecer que o esporte contemporâneo está associado às práticas do capitalismo globalizado. Não à toa, cada vez mais o padrão de rendimento do esporte é relacionado com o do profissional ideal. Contraditoriamente, esquecemos com frequência que esses atletas-modelo são trabalhadores. Porém, se Jogador de Futebol é uma profissão nem sempre reconhecida enquanto tal, é muito sonhada, prestigiada e consumida atualmente. A imagem de jogador bem sucedido, marcada pelo “ter”, é almejada por muitos jovens brasileiros.

Se, por um lado, o futebol alenta e desespera milhões de torcedores, afetados pelo espetáculo cotidiano ao brasileiro, também desvela outras faces perversas. A formação do jogador de futebol profissional é engendrada por mecanismos de disciplina e controle, não só dos clubes nos quais joga, mas igualmente do olhar vigilante da torcida e da mídia.

O indivíduo jogador, nos moldes que a instituição futebol o quer, diversas vezes não é o sujeito que sonha ser jogador. Há um grande impacto quando se confrontam a “paixão de menino” pelo futebol e a realidade das disputas movidas pelo capital e pelos exercícios de poder. Porém a supervalorização desse objeto, o indivíduo-jogador, por mais que por vezes os sujeitos resistam às exigências impostas para ser atleta, com frequência os torna docilizados, colaborando, eventualmente, para manter o padrão hegemônico.

Na época da pesquisa de graduação, em meio a essas questões, atentei para a existência de outros profissionais, além do técnico e do preparador físico, na rotina de treinamentos exaustivos desses jovens aspirantes a jogadores de futebol. Aliás, nesse universo cotidiano dos atletas, o trabalho dos especialistas em ciências do esporte, cada vez mais presente, tem-se feito notar. E a idéia de *formação* desenha-se nas práticas ligadas às categorias de base.

Dentre outros especialistas, a forma como o psicólogo do esporte aparecia nas narrativas dos jovens que entrevistei na pesquisa da graduação era, quase sempre, a de uma “pessoa legal”, não integrante da comissão técnica, e a de um disciplinador que aguardava em sua sala um ou outro jogador que estivesse com problemas de conduta e/ou com saudades de casa.

Tais práticas apontam para processos de subjetivação, ou seja, sinalizam práticas produtoras de modos de vida (e até de modos de jogar futebol...) na atualidade - modos estes que, não por acaso, nos levam, hoje, a colocar em foco a presença do psicólogo do esporte na atividade cotidiana e silenciosa da formação de atletas em centros de treinamento (CTs), atuantes em categorias de base de clubes-empresa.

A partir dessas observações, o objetivo da pesquisa que resulta na presente dissertação foi se desenhando como uma cartografia de modos de se fazer psicologia em centros de treinamento de categorias de base. Sua relação com outros saberes/poderes e seus possíveis efeitos na formação do atleta jogador de futebol foram investigados, tendo por campo empírico o cotidiano de alguns clubes de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro.

Poucos são os estudos atuais oriundos de pesquisas em ciências humanas e sociais que abordam a formação em categorias de base. Os que se destacam por sua inovação e ampla divulgação são os de Francisco Xavier Freire Rodrigues (2004) e Arlei Damo (2007), ambos pesquisando a partir de clubes do Rio Grande do Sul. Dentre os poucos estudos existentes, a maioria não coloca as implicações da entrada da Psicologia nesse âmbito em análise <sup>1</sup>. Abordam o tema brevemente, quando muito, e geralmente pela perspectiva teórica da Análise Comportamental, o que se diferencia da forma como o tema é apreciado na presente dissertação.

---

<sup>1</sup> Colocar as implicações de determinadas práticas em análise inclui nas próprias práticas, como projeto político, a transformação de si e de seu lugar social (LOURAU, 1995).

Vale ressaltar, contudo, que não se pretende aqui aprender ou ensinar psicologia do esporte - conceito este, por sinal, questionado em diversos momentos -, mas sim entender o que algumas práticas atuais dos psicólogos nos dizem sobre o futebol que vemos por aí.

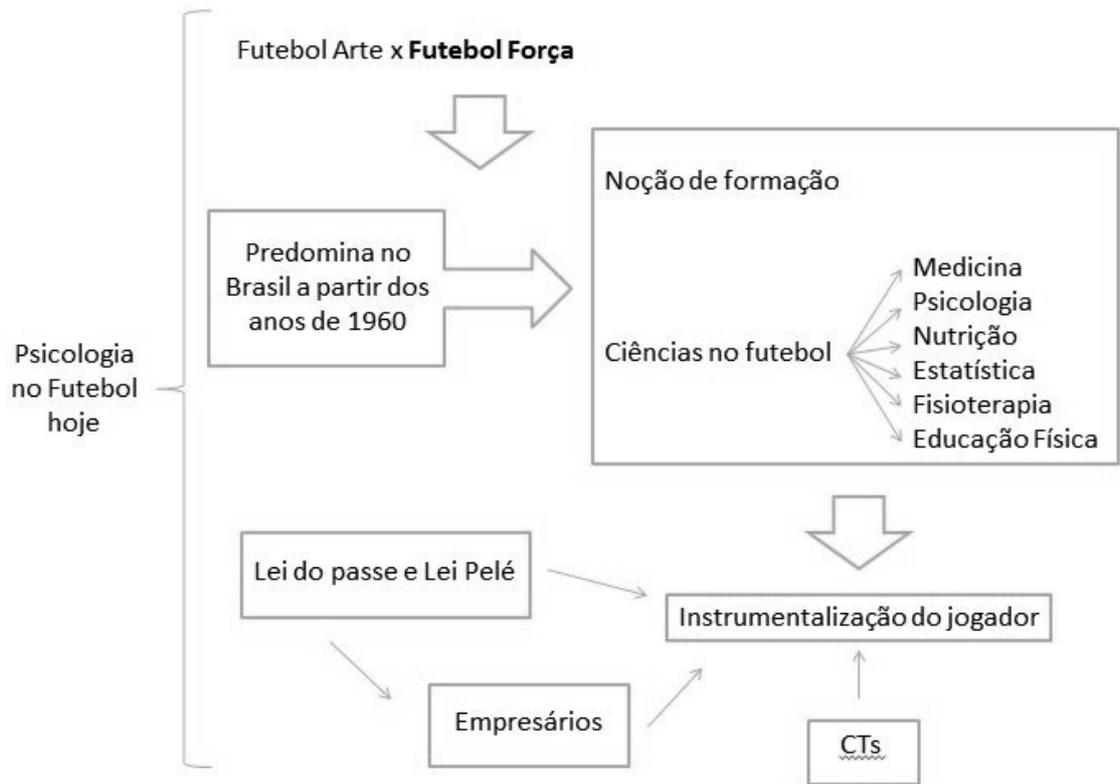
A temática proposta caracteriza-se por sua contemporaneidade, ao mesmo tempo que busca promover o surgimento de novos olhares sobre o futebol, distanciando-se dos estereótipos que o reafirmam meramente como o anteriormente citado “ópio do povo”, espetáculo, prática de diversão, manifestação cultural, estratégia de socialização infantil, dentre outras mais.

Soma-se a isso a possibilidade de se oferecer uma contribuição para a desnaturalização de um campo no qual a questionada psicologia do esporte se propõe a intervir.

Pensando que o futebol, bem como o jogador, o psicólogo e os outros profissionais envolvidos nessa modalidade esportiva não são dados naturais da realidade, mas construções histórico-sociais, inclusive de subjetividades, a pesquisa poderá eventualmente contribuir para pensar práticas do futebol que possam ir além da preocupação com o engendramento/manutenção da ordem vigente, ou seja, além da finalidade do rendimento e da competição.

Exercitando o que aqui denominei devir-mafalda, espreitando os acontecimentos fora das quatro linhas, extrapolando os afetos cotidianos nos encontros com o futebol como torcedora – sem, no entanto, ignorá-los –, nos capítulos que se seguem, e que tentam seguir um ao outro no desenho de partes da engrenagem paradoxal na qual o futebol se constitui e se movimenta, discorro sobre minhas vivências no encontro com psicólogos do esporte e com a formação do jogador – questões-peça que compõem a complexa realidade que é o futebol contemporâneo.

## Esquema estratégico



**Figura 2: Esquema estratégico da cartografia.**  
**Fonte: elaborado pela autora.**

Prosseguindo com a cartografia dos modos de se fazer psicologia em centros de treinamento de categorias de base, após esta introdução, em uma sequência intitulada “Cartografia, História Oral e subjetivação: os caminhos da pesquisa” expõe-se o modo rizomático através do qual se desenhou a presente cartografia, bem como se apresentam brevemente seus principais interlocutores e os entrevistados que ajudaram a compô-la.

No segundo capítulo – O (nem tanto) admirável futebol novo: fragmentos de uma tensão imanente – situo as nuances da história da instrumentalização do corpo-atleta que se desvelam a partir das mudanças na forma de se fazer/jogar futebol no Brasil durante o período dos anos de 1950 aos anos de 1970 e nos ajudam a entender como se foram construindo os atuais modos de formação do atleta jogador de futebol.

São focalizadas principalmente as mudanças na organização e no controle dos corpos na seleção brasileira durante o mesmo período, quando ganha força um processo ao longo do qual o futebol e o discurso científico se aproximam.

No terceiro capítulo, nomeado “Psicologia, psicotécnica e indícios de uma especialidade emergente” resgatam-se as experiências de João Carvalhaes e Athayde Ribeiro da Silva, os pioneiros da psicologia do esporte, que trabalharam com as seleções brasileiras de 1958 e 1962, respectivamente – período das mudanças assinaladas no capítulo anterior.

No quarto capítulo – Categorias de base e a formação do jogador de futebol: seguindo pistas do projeto soma –, explora-se a forma como as categorias de base e seus centros de treinamento funcionam atualmente, desvelando práticas disciplinares e de biopoder a partir da ideia do Projeto Soma<sup>2</sup> e das minhas experiências itinerantes pelos clubes de futebol.

No quinto capítulo – Os psicólogos em campo: as diversas psicologias do esporte – encontram-se as narrativas dos psicólogos entrevistados para este estudo e observações sobre os centros de treinamento do Cruzeiro Esporte Clube, do Botafogo Futebol e Regatas, do América Futebol Clube e do Clube Atlético Mineiro.

No sexto capítulo – “Quanto vale ou é por quilo?”: O empresário, o jogador-empresa e o jogador-produto, discute-se a figura do empresário e sua entrada no mercado de venda de jogadores de futebol, bem como suas práticas colaborativas com a transformação do jogador de futebol em unidade econômica e seu consequente assujeitamento aos poderes/saberes que atravessam o futebol contemporâneo.

Finalmente, no sétimo capítulo – Os idiotas da objetividade e seu admirável jogo novo – encerra-se este estudo com alguns apontamentos a partir da confluência das várias linhas que formaram a presente cartografia.

---

<sup>2</sup> Grupo de especialistas em ciências do esporte atuantes no Clube de Regatas do Flamengo.

## 1 CARTOGRAFIA, HISTÓRIA ORAL E SUBJETIVAÇÃO: OS CAMINHOS DA PESQUISA

*Penso ser isso o que podem fazer os intelectuais: interessar-se apaixonadamente pela contradição, ao invés de levar ao povo a verdade universal.*

René Lourau

A palavra *metodologia* me causa certo incômodo, pois é difícil desvinculá-la daquelas imagens de “rigor científico” e “neutralidade”, presentes em discursos hegemônicos. Parte da dificuldade à qual me refiro é a de se movimentar entre a rigidez de paradigmas instituídos e o “vagar sem rumo” e, nesse mesmo movimento, criar possibilidades de pesquisa e de narrativa.

O futebol de alto rendimento está muito relacionado à história dos grandes times e atacantes goleadores, vez por outra com outros jogadores considerados brilhantes e eficientes. Mas o que diriam sobre o futebol aqueles sobre os quais os holofotes midiáticos não brilham com a mesma luminosidade? Estaríamos, no caso, falando de um mesmo futebol?

Pensamos que não. Enquanto alguns dos atletas das equipes principais dos clubes são alvos de assédio da imprensa esportiva e da torcida, nas categorias de base centenas de jovens, considerados legalmente como aprendizes, trabalham quase em silêncio em rotinas muito similares às dos profissionais.

Jogadores de futebol, principalmente os de categorias de base, muitas vezes são vistos como peças de uso privado dos clubes, que se preocupam majoritariamente com a instrumentalização desses corpos, com finalidades cada vez mais específicas. Nesse sentido, a formação de jogadores confunde-se com a produção de atletas e, no mesmo movimento, as ciências do esporte se acoplam aos centros de treinamento.

No futebol de base, em sua condição de formador de atletas, encontra-se uma estrutura cada vez mais formalizada, envolvendo um grande grupo de especialistas de diversas áreas, que cuidam da transformação do menino jogador de futebol em corpo-atleta - especificamente instrumentalizado para servir como utensílio do espetáculo. Obviamente, não se trata de fazer uma divisão totalizante entre duas tipologias de jogador. Não se trata de dizer que um menino recém-ingresso nas categorias de base de um clube seja totalmente livre da instrumentalização e de capturas subjetivas, tampouco de afirmar que os atletas que conseguem chegar até o final de sua formação são totalmente instrumentalizados. Mas ao longo do presente estudo, as palavras jogador e atleta se alternam, conforme esteja se falando de práticas mais cristalizadas

ou mais livres dos agentes do futebol contemporâneo. Dentre esses agentes encontram-se os psicólogos do esporte, quase anônimos em meio a tantos outros profissionais designados a cuidar de aspectos mais objetivos e mensuráveis no controle do corpo-atleta, mas igualmente presentes no dia-a-dia da formação desses jovens. São alguns desses profissionais que me ajudam a cartografar linhas que possam nos dizer algo sobre a formação/produção de atletas na contemporaneidade.

Pretende-se aqui o exercício de não pensar os atletas, ou os jogadores de futebol, ou mesmo os psicólogos do esporte como classes ou categorias identitárias, pois nesse caso, como em todas as tentativas de estabelecer padrões de modos de vida, se perde muito das singularidades, o que não seria interessante para este estudo. Como diz Vidal (1980):

[...] ao eleger certos depoimentos como expressão de uma classe, tende a homogeneizar-lhe as falas. [...]. As arestas são polidas de maneira a tornar viável o encaixe dos discursos. Desta maneira, o historiador, ocultando o local onde foi produzida a fala, despolitiza-a; atribui a outrem a enunciação de um discurso que é seu, e que foi elaborado visando a aprovação por seus pares. (VIDAL, 1980, p.80).

Em busca dessas singularidades, segui pistas das práticas dos psicólogos em suas vivências com o futebol, que propiciam analisadores – acontecimentos que condensam/desvelam práticas e processo – sobre o modo como se constrói a formação dos jogadores nas categorias de base dos clubes.

Nesse sentido, também a História Oral, como dispositivo ético-político, foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. A partir de Deleuze (1989), penso o dispositivo como o encontro de linhas de força de diversas naturezas que se impõem a partir da necessidade seja de transformação seja de controle, em um determinado momento histórico, e produzem efeitos de subjetivação. Assim, entendendo que a história oral possa funcionar como um dispositivo, tenta-se provocar – através da composição com as linhas expressas nas narrativas, vivências e leituras – outras linhas que possam dizer algo a respeito da psicologia e da formação do jogador.

Um dos motivos pelos quais opto pelas fontes orais é o de evitar uma mera repetição de histórias já contadas, difundidas, oficializadas. Para além dos registros históricos escritos sobre o futebol, as narrativas do tempo presente nos propiciam outras perspectivas, ao ouvir quem vive a psicologia do esporte, e não unicamente os manuais que ensinam a praticá-la. Sem pretender com isso, vale assinalar, chegar a uma história mais verdadeira ou abranger

toda a história da psicologia no futebol brasileiro, mas sim buscar possíveis singularidades, histórias outras. Enquanto as fontes escritas ajudam a compreender o que e como algo tem sido feito, as fontes orais, além disso, possibilitam acesso a discursos, vivências e emoções que eventualmente escapam aos registros já cristalizados.

Para Alessandro Portelli (1996), interessa à História Oral a subjetividade, de forma que sua preocupação não está em universalizar achados de pesquisa e preencher lacunas, e sim em seu próprio processo e nas possibilidades diferentes que oferece.

[...] por muito controlada ou conhecida que seja, a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais. (PORTELLI, 1996, p.61-62).

Em acordo com tal pensamento, Perelmutter (1997) afirma que a História Oral favorece a inscrição do sujeito na história e possibilita que este se aproprie de seus processos de subjetivação. Nesse sentido, vale lembrar Félix Guattari: “A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.36).

Para Guattari, individualidade e subjetividade não são coincidentes. A subjetividade é uma produção maquínica, modelada e fabricada no registro do social, produzida por agenciamentos de enunciação em determinado local e tempo. Os indivíduos resultam de uma produção de massa, de agenciamentos coletivos de subjetivação que podem se individualizar, produzindo modos de ser e de viver que podem se cristalizar, mas que não são “naturalmente individuais”.

Em aliança aos pensamentos de Félix Guattari e Gilles Deleuze, aproprio-me dos seus escritos e de outros pesquisadores da Análise Institucional como interlocutores nesta cartografia; bem como das colaborações de Michel Foucault sobre sociedade disciplinar e biopoder. Estudos antropológicos e sócio-históricos sobre futebol no Brasil também nos ajudam a compreender como se constrói a noção de formação no futebol contemporâneo.

Sobre a cartografia, Amador e Fonseca (2009) assim se expressam:

Entre sua definição enquanto método e a recusa a qualquer pretensão de sê-lo, a cartografia apresenta-se como procedimento de pesquisa que exige do pesquisador posturas específicas. Convoca-o para um exercício cognitivo peculiar, uma vez que, estando voltado para o traçado de um campo problemático, requer uma cognição muito mais capaz de inventar o mundo. Trata-se de uma invenção que somente se torna viável pelo encontro fecundo entre pesquisador e campo pesquisa, pelo qual o material a pesquisar passa a ser produzido e não coletado, uma vez que emerge de um ponto de contato que implica um deslocamento do lugar de pesquisador como aquele que vê seu campo de pesquisa de um determinado modo e lugar em que ele se vê compelido a pensar e a ver diferentemente, no momento mesmo em que o que é visto e pensado se oferece ao seu olhar. (AMADOR e FONSECA, 2009, p.31).

Para Deleuze e Guattari (1995), a cartografia não reproduz um fenômeno como dotado de uma essência; à medida que se aproxima dele, de maneira rizomática, também o transforma. Pois o rizoma

procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas com suas linhas de fuga. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32-33).

Dessa forma, o presente estudo, bem como as problematizações que o provocaram, constitui-se rizomaticamente a partir de minha itinerância pelo futebol. Não em busca de preencher um vazio, mas de abrir espaço para outras narrativas e, por que não, outros modos de produzir futebol.

Para compor tal cartografia, entrevistas de história oral temática foram realizadas com quatro psicólogos do esporte atuantes em categorias de base do Cruzeiro Esporte Clube, Botafogo Futebol e Regatas, Clube Atlético Mineiro e América Futebol Clube, entre os anos de 2010 e 2011.

Durante as entrevistas, inicialmente solicitei aos psicólogos que me contassem sobre sua história e sua relação com o futebol; em seguida, perguntei-lhes como funcionava a psicologia nos respectivos locais de trabalho e, a partir daí, como era a rotina dos atletas no CT.

Procuramos, com isso, seguir o que diz Portelli (1997), para quem é importante dar prioridade ao que o entrevistado queira dizer, sem cair na *ilusão do testemunho* (PORTELLI, 1996) como fonte da verdade única; assim como acompanhar Vidal (1980), que salienta o cuidado que se deve ter para que a história oral (como qualquer outra história, aliás) não se afirme como se o historiador não fosse, em grande parte, responsável por seu engendramento.

Neste sentido, mais uma vez Portelli (1997) afirma que:

[...] os documentos de História Oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, entrevistador e entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente (PORTELLI, 1997, p.35).

A partir das narrativas, pretende-se cartografar as práticas da psicologia e entender como elas ajudam ou não a compor a formação do atleta jogador profissional, tanto em suas práticas formalizadas quanto nas não formalizadas. O quadro abaixo traz algumas breves informações sobre o lugar que ocupam os entrevistados<sup>3</sup>:

<b>Psicólogo</b>	<b>Clube no qual atua</b>	<b>Ano de ingresso</b>	<b>Referencial teórico que embasa suas práticas</b>
Jairo Stacanelli	Cruzeiro Esporte Clube	2008	Psicologia social
Paula de Paula	Clube Atlético Mineiro	2004	Psicanálise/Análise Institucional
Teresa Fragelli	Botafogo de Futebol e Regatas	2010	Psicanálise
Alessandra Monteiro	América Futebol Clube	2008	Teoria Sistêmica de Milton Erickson

Quadro 1: Dados sobre os psicólogos entrevistados.

Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria das entrevistas foi concedida no horário e no próprio local de trabalho, o que me proporcionou vivenciar algo das rotinas e relações que se constroem naqueles espaços e me sentir, ainda que como pesquisadora, parte constituinte deles. Assim, as entrevistas resultaram, complementarmente, em observações relativas aos respectivos centros de treinamento em que os psicólogos trabalham. Exceto, ironicamente, da Cidade do Galo, centro de treinamento do Atlético, clube do qual sou torcedora mas não visitei.

Outros acontecimentos do mundo futebolístico que, de alguma forma, estabeleceram conexões com as discussões aqui presentes também foram incluídos no estudo. Muitas vezes

<sup>3</sup> Ressalta-se que a divulgação do nome dos entrevistados e dos clubes aos quais são vinculados foram autorizadas durante as gravações das entrevistas.

lancei mão de acontecimentos não só do futebol de base, mas igualmente do futebol profissional, por entender que, apesar da separação entre aprendizes e profissionais, essas divisões se relacionam intimamente.

A pesquisa foi se desenhando conforme foi sendo construída, ainda que amparada por “supostos pressupostos”. Estes não funcionaram como fôrma, mas como uma espécie de “companheiros de construção”. Assim, Deleuze, Guattari, Foucault, Jairo, Paula, Teresa, Alessandra e Marina não aparecem aqui como donos de verdades supremas, mas como construtores de uma cartografia que não pretende padronizar a psicologia do esporte nem a formação do atleta. Tal cartografia, simplesmente, fala de encontros possíveis com o futebol.

## **2 O (NEM TANTO) ADMIRÁVEL FUTEBOL NOVO: FRAGMENTOS DE UMA TENSÃO IMANENTE**

Alguns estudos nos contam sobre a história do futebol no Brasil e seus atravessamentos por questões raciais, de gênero, de classe, bem como por outras instituições que o permeiam e o constituem; também sobre acontecimentos e discussões que movimentam esse esporte.

Interessam diretamente a este estudo as nuances dessa história, que dizem respeito às mudanças na forma de se fazer/jogar futebol no Brasil durante o período dos anos de 1950 a 1970. Durante esse período, ganha força um processo ao longo do qual o futebol e o discurso científico aproximam-se e “o corpo do jogador passa a ser objeto de um novo investimento político” (FLORENZANO, 1998, p.33). Tais mudanças ajudam-nos a entender como se foram construindo os atuais modos de formação do atleta jogador de futebol.

Em 1953, o profissionalismo no futebol brasileiro, oficializado pela legislação social e trabalhista do governo Vargas, completava vinte anos e os torcedores, bem como alguns escritores do jornalismo esportivo, como Nelson Rodrigues, ainda esperavam que os jogadores conservassem um “espírito amadorista” (CASTRO, 1995, p.65). Apesar disso, algumas mudanças na forma de se fazer futebol, no sentido de sua instrumentalização, já se faziam notar. A profissionalização do jogador de futebol impulsionava, gradualmente, a profissionalização de outros envolvidos na prática desse esporte, em um processo no qual se começava a entendê-lo, assim como a seus praticantes, como objetos de uma ‘especialidade’. Sendo assim, vários especialistas adentraram o mundo do treinamento de jogadores. Os primeiros talvez tenham sido os médicos e os preparadores físicos.

Naquela época, o Botafogo Futebol e Regatas, por exemplo, já contava com o trabalho de um preparador físico e de dois médicos, sendo estes últimos um clínico geral e um ortopedista. O clube era equipado para submeter os jogadores a uma bateria de exames antes da contratação. Porém tais exames não eram condição absoluta para tal. Se o jogador agradasse ao técnico, por exemplo, seria no máximo medido, auscultado e pesado, e logo contratado (CASTRO, 1995).

Apesar de alguns serem fortes e atléticos, o estado clínico dos jogadores brasileiros não era invejável. Muitas vezes apresentavam-se subnutridos e anêmicos, habitados por parasitas diversos; em alguns outros casos, sífilíticos e tuberculosos. Eram comuns também as “infecções dentárias que levavam a problemas circulatórios e musculares, facilitando entorses

e distensões” (CASTRO, 1995, p.66), o que deixava os jogadores “de molho” por alguns meses.

Garrincha era um desses jogadores e, talvez, o melhor exemplo de anti-atleta dentre os que habitavam o futebol brasileiro quando este apenas começava a disciplinar os corpos de seus jogadores. Chegou ao Botafogo em 1953, e logo foi submetido à examinação, como nos conta Ruy Castro:

Eles o pesaram, mediram e auscultaram. [...] Mandaram-no subir numa mesa e examinaram suas pernas: Garrincha tinha o joelho direito em varo, virado para dentro, e o esquerdo em valgo, virado para fora, além de um deslocamento da bacia. Pelos cálculos, sua perna esquerda era seis centímetros mais curta que a direita. Dependendo do ângulo, via-se que ele era também ligeiramente estrábico. Talvez não despertasse admirações na antiga Grécia, mas nada disso o impedia de jogar futebol. (CASTRO, 1995, p.67).

Não só não o impedia como, inexplicavelmente, não o atrapalhava. O autor ainda conta que Paulo Amaral – preparador físico do Botafogo à época –, em relatório sobre a primeira excursão em que Garrincha jogou pelo alvinegro carioca, menciona: “O jogador demonstrou qualidades excepcionais. Tem um único defeito, facilmente corrigível, que é o de driblar demais” (Paulo Amaral. in: CASTRO, 1995, p.64).

Assim como as avaliações médicas, a preparação física daquela época, apesar de já especializada em alguns clubes, não era prática predominante no treinamento. Na maioria dos clubes, essa função de comandar o exercício físico era ainda desempenhada pelo técnico. Sobre a rotina dos treinamentos, Ruy Castro (1995) escreve:

Os jogadores treinavam de manhã ou de tarde, nunca em tempo integral. [...] Limitava-se a comandá-los nos exercícios do chamado ‘Regimento n.7’. Era um programa criado pelo exército francês na primeira guerra, adotado pelo exército brasileiro e usado nas aulas de educação física dos colégios. Consistia em correr, esticar os braços, bater palmas sobre a cabeça, fazer algumas flexões e pular carniça, tudo isso aos gritos de um-dois-três-quatro do preparador. Era mole. Os jogadores faziam aquilo assoviando, aproveitando para bater papo e combinar a saída daquela noite. (Castro, 1995, p75).

Ainda nos anos de 1950 os modelos políticos em competição, norte-americano e soviético, além de travarem uma disputa armamentista e aeroespacial, disputavam os avanços no campo da medicina/saúde para, dessa forma, provar a superioridade de um povo sobre o outro. Cumpre lembrar, nesse sentido, que a preparação física e o desenvolvimento da medicina estavam, à época, ligados à necessidade de exércitos fortes, com os militares mais bem preparados fisicamente para resistir às guerras iminentes e outros conflitos do mundo do pós-guerra. Não à toa, são oriundos das forças armadas os principais exercícios praticados em

aulas de Educação física e na preparação de atletas, como o Regimento Número 07, citado por Castro (1995).

Ao contrário do que vemos nos esportes dos dias de hoje, não havia restrições ao fumo. Aliás, não era raro, então, os jogadores aparecerem em fotografias com um cigarro na mão. A bebida alcoólica tampouco era mal vista, desde que não atrapalhasse os treinamentos. A atividade sexual dos jogadores, sim, era encarada como um problema. A concentração, por exemplo, surge como dispositivo para evitar o dispêndio de energia com sexo. Começava três dias antes da partida e, a partir desse momento, nenhum esforço físico era permitido. (CASTRO, 1995)

Em 1958, essas e outras mudanças nas formas de se fazer futebol adquirem notoriedade. Pela primeira vez em uma Copa do Mundo há uma organização detalhista da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e uma equipe técnica é formada para a preparação dos brasileiros para a competição, a ser realizada na Suécia. Tal equipe é composta por: um supervisor, um preparador físico, um médico, um psicólogo, um dentista, um administrador, um tesoureiro e um técnico. Este último, apesar de importante, não mais exercia um poder quase totalitário. Como descreve Castro (1995), não cabia em suas funções:

[...] distribuir as duplas de jogador nos quartos de hotéis, contá-los periodicamente para ver se algum fugira, certificar-se de que a bóia continha feijão, desembaraçar bagagens em aeroportos, encher as bolas do treino, dar a ginástica e meter o bedelho em tudo, como os treinadores tinham de fazer nos clubes. Havia gente para isso, sua função seria tratar apenas da parte técnica e tática. E nem mesmo a escalação era seu exclusivo privilégio. (Castro, 1995, p.129).

Para aquela Copa do Mundo, havia um plano de trabalho detalhista. Desenvolvido pelo presidente da CBD, João Havelange, previa o que deveria acontecer ao longo de todos os dias em que a seleção estaria na Suécia. Um ano antes da competição, o médico da seleção visitara todas as cidade-sede para escolher os hotéis mais adequados. Procurara inclusive saber a previsão de temperatura para os dias e horários nos quais aconteceriam os jogos.

Dois meses antes do início da competição, os jogadores convocados foram chamados a se apresentar na Santa Casa de Misericórdia, na cidade do Rio de Janeiro, para passarem por uma série de exames físicos e análises clínicas. “Durante uma semana eles foram virados pelo avesso por clínicos, traumatologistas, neurologistas, radiologistas, cardiologistas, dentistas, oftalmologistas, otorrinos e até calistas” (CASTRO, 1995, p.131). Os resultados dos exames impressionaram os doutores pela quantidade de jogadores anêmicos, com problemas crônicos de digestão e circulação, dentes podres, infestação por parasitas etc.

Os exames de Garrincha paralisaram o serviço na Santa Casa: os médicos saíam de todas as salas para vir admirar suas pernas. “Estou me sentindo a Lollobrigida...”, ele disse, referindo-se à italiana Gina Lollobrigida, dona de um dos imortais pares de pernas do cinema. (Castro, 1995, p.131).



**Figura 3: Garrincha sendo examinado por médicos na preparação para a copa de 1958**  
**Fonte: MÁXIMO; KAZ, 2006.**

Quarenta dias antes da Copa a seleção reuniu-se para a preparação física no Rio de Janeiro, passando também por Poços de Caldas e Araxá, ambas em Minas Gerais. As duas últimas cidades foram propositalmente escolhidas pela altitude similar à das cidades suecas onde as partidas seriam disputadas. O governo de Juscelino investira oitenta mil dólares nessa preparação, que também serviria para a CBD arrecadar o dinheiro necessário para custear a ida e a permanência da equipe na Suécia - incluindo-se nesse montante os salários e os “bichos<sup>4</sup>”.

Dois anos antes da Copa da Suécia, uma viagem de estudos à Europa foi realizada pela seleção brasileira, que disputou partidas amistosas com outras seleções. O objetivo era não somente observar e aprender com o futebol ‘gringo’, como observar o comportamento dos brasileiros dentro e fora de campo. Em relatório dirigido à CBD pela comissão técnica, constava a “falta de compostura” dos jogadores em terras estrangeiras. Os jogadores também foram considerados “emocionalmente imaturos”: emotivos, instáveis, ciclotímicos e impressionáveis - características que foram atribuídas a uma questão racial. (MÁXIMO; KAZ, 2006)

Mesmo que as disputas internacionais já contabilizassem meio-século e as excursões de clubes brasileiros pela Europa fossem comuns, não havia transmissões televisivas - o

<sup>4</sup> Adicional em dinheiro pago aos jogadores em caso de vitória.

futebol ainda não era uma atividade globalizada. Descobrir os modos de jogo e os esquemas táticos das seleções adversárias era uma tarefa árdua para os “espiões” da seleção brasileira. Neste caso, as Copas do Mundo adquiriam o papel de uma grande feira de futebol, uma vitrine dos diferentes “tipos de jogo” praticados ao redor do mundo.

As observações então efetuadas deram origem a um regulamento que dispunha regras e proibições aos jogadores durante o período da Copa de 1958. Todos eles foram obrigados a ler e a assinar o documento, no qual constavam como proibições, entre outras: descer para o café da manhã sem estar barbeado; andar de cueca, toalha, pijama, sandália ou tamanco pelos corredores dos hotéis; fumar trajando uniforme de atleta; trajar outras roupas que não os uniformes de passeio e de jogo; usar camisa para fora do calção em treinos e jogos; falar com a imprensa sobre assuntos da seleção; falar com a imprensa fora dos horários estipulados. Naquela ocasião, o sexo não foi proibido, se praticado durante o período da folga: de uma da tarde às sete e meia da noite. (CASTRO, 1995).

Essas exigências vinham ao encontro de um esporte que já lidava com a paixão de multidões de torcedores, também os principais financiadores da maioria dos grandes clubes através dos ingressos comprados para as partidas. Em decorrência disso, aquela seleção contou com o incentivo e a divulgação de uma imprensa esportiva que também se especializava, cobrindo os campeonatos pelos jornais e em transmissões radiofônicas que publicizavam a rotina dos clubes e a vida dos jogadores.

Para a Copa de 1962, no Chile, não houve mudanças significativas na preparação dos jogadores, consagrando-se o Brasil, naquele ano, bicampeão mundial. Já no que tange à Copa de 1966, Florenzano (1998) nos conta que a derrota da seleção brasileira inaugurou a necessidade de reinvenção do modelo de produção de jogador de futebol. Naquele momento, os jogadores ditos “vindos de outro planeta”, que brilharam nas copas de 1954<sup>5</sup>, 1958 e 1962, demonstraram não corresponder ao esperado padrão “extraterrestre”.

Tal acontecimento acabou por legitimar a forma inglesa – seleção campeã em 1966 – de jogar futebol, pois paralisara a Seleção Canarinho naquele ano. Tal forma foi traduzida por Wisnik (2008) nas seguintes palavras:

Estaria na base do gênero uma ênfase defensiva, [...] ou, no mínimo, um consolidado senso de responsabilidade tática, associado à “execução racionalizada do código”. Essa tendência praticamente naturalizada no futebol exclusivamente branco da Europa Ocidental, levava a desprezar o impulso ao drible em nome da “prosa coletiva” tendo como único arroubo o momento do contra-ataque. O gol despontaria idealmente como a “conclusão” de um raciocínio visível derivado da organização coletiva, e, no limite, como o silogismo geométrico

<sup>5</sup> Ainda que após a derrota na Copa de 1954 houvesse críticas ao preparo emocional e físico dos atletas, o desempenho dos brasileiros foi considerado bom.

com o qual podemos resumir a jogada característica dos ingleses: bola erguida na área é cabeçada do atacante; cabeçada do atacante é gol; logo (ou *ergo*), bola erguida na área é gol. Em outras palavras, o gol tenderia a aparecer, dentro dessa cultura futebolística, como a consequência pragmática de ações dominadas muitas vezes por uma causalidade previsível e, ainda assim, efetiva. (WISNIK, 2008, p.114-115).

Esse “futebol prosa”, como Wisnik o denomina, baseava-se na fórmula força + velocidade + resistência = gol – modo de se fazer futebol que tinha por foco a preparação física e a tática. Estas confeririam aos jogadores a possibilidade de ocupar melhor as partes do campo e durante o maior tempo possível, impedindo, assim, os adversários de concretizarem seus passes (FLORENZANO, 1998). Nelson Rodrigues, contudo, criticava o enaltecimento dessa espécie de futebol:

Quanto papel e quanta tinta se gastaram aqui na promoção do futebol-força, do futebol-de-choque, do futebol-de-velocidade. E, sob a pressão do *entendido*, o nosso craque passou a ter vergonha do próprio talento. Passamos a imitar as correrias irracionais e outros defeitos dos europeus. “Bola de primeira, bola de primeira”, gritavam eles, os abomináveis *entendidos*. (NELSON RODRIGUES, 1994, p.153).

*Os entendidos* era a denominação atribuída pelo escritor a parte da imprensa esportiva, que, na época, levantava a bandeira do *futebol-força*, reproduzindo o encantamento de alguns treinadores e preparadores físicos com o futebol europeu.

Além de força, velocidade e resistência, outra palavra que entraria em voga no futebol brasileiro após 1966 seria *coletivismo*. Os discursos, por parte dos técnicos e preparadores físicos adeptos do *futebol-força*, ressaltavam que não haveria mais espaço para talentos individuais, valorizando-se “[...] mais o grupo do que o indivíduo, o qual se via relegado à condição de peça de uma engrenagem cujo funcionamento era posto em movimento pelo técnico de futebol”. (FLORENZANO, 1998, p.28). O jogador passava, com isso, a servir ao técnico e à bola, não havendo mais espaço para o lúdico, ou seja, para o *futebol-arte*.

Para falar do *futebol-arte*, ou *futebol poesia* - como prefere Wisnik (2008) -, opta-se aqui por recorrer a uma crônica de Nelson Rodrigues (1994). Ao narrar uma jogada de Garrincha, em um amistoso contra a seleção da Itália, às vésperas da copa de 1958, ele o explica melhor do que qualquer descrição conceitual:

Eis como tudo se passou: – Garrincha apanha a bola no meio de campo. Podia ter passado de primeira. Ora, passar de primeira seria um sinal de primarismo total. De mais a mais, Mané era grande pelo seu primarismo. Ele não largava a bola sem, primeiro, driblar uns cinco. E nesse dia ele estava particularmente inspirado. Driblou o primeiro italiano. Este caiu espetacularmente sentado. Veio outro que, com igual facilidade, o nosso comeu. O público estava deslumbrado. E Garrincha continuou. Os outros italianos vinham e eram ceifados. A plateia imaginava que Mané queria entrar com bola e tudo. No fim, restou apenas o goleiro, que foi também driblado, sem maiores problemas. Era a hora de dar um toque para o fundo das redes. Garrincha achou, porém, que seria simples demais. Voltou para driblar, novamente,

o goleiro e a zaga. Só depois de tal devastação é que veio o gol. (NELSON RODRIGUES, 1994, p.184-185)

O autor encerra a crônica contando que Garrincha ficou “na cerca” durante os dois próximos jogos, até que a comissão técnica “tomou juízo” e o colocou novamente no time. Conta-nos Ruy Castro (1995), por sua vez, que Garrincha teria ficado esses dois jogos no banco por não ter obedecido à risca a regra que vedava o uso de adereços junto ao uniforme de passeio da seleção: complementara seu traje com um chapéu e um guarda-chuva, comprados como presente para dois amigos, mas que não cabiam em sua mala.

Nelson Rodrigues, defensor enérgico da tese de que a culpa pelo Brasil ter perdido a copa de 1966 devia ser atribuída à parcialidade do juiz, não poupava críticas àqueles que queriam reduzir o futebol à “sistematização de um sem número de técnicas específicas” (BELTRÃO, 1974, p.29) e o jogador a uma peça a ser moldada conforme tais técnicas. Em uma de suas crônicas publicadas após a copa de 1966, o escritor exercita a imaginação projetando um possível futebol futuro, fruto da objetivação do esporte e da homogeneização das formas de se fazer futebol:

Imaginemos um futebol órfão de pelés e de manés. Uma docilidade unânime, e repito: - docilidade de focas amestradas. Os dois times não fazem a menor concessão à originalidade, nenhuma concessão à arte, nenhuma concessão à beleza. Se alguém esboçar um esgar de autonomia, será expulso, a pauladas. Em campo, as hordas adversárias varando o campo em correrias brutais. Ora, para impor tal jogo, seria necessário fazer duas coisas: - primeiro, mudar o brasileiro por dentro; segundo, mudar o brasileiro por fora. (NELSON RODRIGUES, 1994, p.132).

E seria essa, de certa forma, a empreitada dos anos subsequentes à Copa (perdida) de 1966: mudar o jogador brasileiro por dentro e por fora. A objetivação do futebol tinha como principal meio a construção de uma equipe-máquina, a qual exigia, para seu pleno funcionamento, o jogador-peça, também objetivado (FLORENZANO, 1998).

Dessa forma, o futebol perde a liberdade dos movimentos aprendidos empiricamente nos campos de várzea. Em pouco tempo, talento e criatividade com a bola passariam de protagonistas a coadjuvantes no futebol brasileiro. A espontaneidade antecedente a esse período passa a ganhar contornos de problema, como afirma Florenzano:

Todavia, como único obstáculo a esta imensa tarefa, surgia o próprio jogador brasileiro, com toda sua experiência acumulada nos campos de jogo, com toda a sua vivência de lutas contra antigas opressões, com toda a sua cultura formada no futebol encarado como atividade profissional, sem dúvida, mas concebido, simultaneamente como espaço de criação, de ludicidade e fantasia. [...] a liberdade dos dribles de Garrincha e de tantos outros passavam a ser classificados agora como lentidão, individualismo, egoísmo e indisciplina. Pouco a pouco, emergia no proscênio a fisionomia de um jogador cheio de defeitos, vícios e maus hábitos. (FLORENZANO, 1998, p.31)

O *futebol-força* se caracterizaria pelo excepcional preparo físico dos jogadores, estrita disciplina tática e pelo *coletivismo*. Nesse processo, o técnico, o preparador físico e os outros especialistas do esporte assumiram papel fundamental na correção dos citados vícios, passando a ter destaque nos modos hegemônicos de fazer futebol que se desenvolveriam nos anos seguintes. Florenzano diz ainda que o técn

ico disciplinador começa a ocupar esse lugar na máquina do futebol moderno, na medida em que “as exigências da objetividade, funcionalidade e busca da eficácia que regem as equipes organizadas como máquinas-disciplinares de jogar futebol” (FLORENZANO, 1998, p.17) tornam-se dominantes.

Florenzano (1998) acrescenta que aquilo que Admildo de Abreu Chirol – à época técnico do Botafogo e que viria a ser preparador físico das seleções de 1970, 1974 e 1978 – chamava de *coletivismo* pode ser entendido como a homogeneização e massificação da forma de se jogar (e produzir) futebol. O coletivismo não implicava a construção de um coletivo, mas uma sequência de jogadas programadas, na qual a bola passaria de um pé ao outro, o mais rápido possível, em direção ao gol. A “prosa coletiva” (Wisnik, 2008) via-se assim construída mediante uma forma de produção de jogadores extremamente individualizada e massificadora; ou seja, sem que necessariamente houvesse uma criação coletiva e sem que se criasse um comum. Instaurava-se, isso sim, uma linha de montagem dentro de campo, que teria como produto final o gol.

Mais uma vez, Nelson Rodrigues contribui para pensarmos coisa distinta:

Amigos, não há catástrofe sem uma linguagem própria. [...] *Coletivismo* é uma delas, *Solidariedade*, outra. [...] Seja como for, vale a pena, a título de exercício, uma meditação sobre esse “coletivismo” e essa “solidariedade”. O futebol brasileiro sempre viveu de “estrelas solitárias”. Os outros são indispensáveis como coadjuvantes preciosíssimos. Mas quem decide a sorte das batalhas é o craque. Em 1958 foi assim com Garrincha, com Pelé, com Didi etc. etc. Em 62, foi assim com Mané. Os adversários faziam o futebol coletivista, ou solidário, ou que outro nome tenha. Mas vinha Mané e com suas invenções prodigiosas destruía a estrutura defensiva inimiga. (NELSON RODRIGUES, 1994, p.131).

Nelson Rodrigues (1994) argumenta que em 1966 os *entendidos* e os *idiotas da objetividade* – estes últimos agentes da objetivação do futebol – teriam passado a acreditar no mito que o próprio futebol brasileiro havia derrotado em 1958, na Suécia, quando a seleção brasileira vencera a misteriosa seleção russa, conhecida pelo seu “futebol científico” (CASTRO, 1995, p.158). Ao mesmo tempo, popularmente se ignorava que certos aspectos do futebol-força já estavam presentes no Brasil, ainda que não em formas hegemônicas, tempos antes de a seleção inglesa ser campeã na copa (1966) por ela sediada.

No futebol-força, produto da docilização dos corpos, não há espaço para criatividade, improviso, autonomia e movimentos que não visem a defesa, ataque e resultados. A ludicidade não entra em campo. Os “vícios” decorrentes do aprendizado nos campos de várzea teriam de ser, portanto, corrigidos.

Nesse processo, o técnico, antes um mero escalador, passa a exhibir contornos mais nítidos: o de um disciplinário que deve cuidar para que seus atletas não se desviem do planejado, para a equipe, em termos de preparação física, tática e conduta.

O técnico, ao longo desse processo, passa a especializar-se, frequentando a universidade e congressos onde se discutem estratégias de preparação dos atletas, associadas ao modelo de formação importado da Europa.

Na Copa de 1970, a Seleção Brasileira, ainda contando em seu elenco com jogadores não formados nessa nova escola, já funcionava hegemonicamente no paradigma do *futebol-força*. Inclusive foi considerada, pela Organização Mundial de Saúde, como a mais bem preparada fisicamente (BELTRÃO, 1974) – ao mesmo tempo em que eternizada pela estética de suas jogadas.

Em *Visão Técnica do Futebol Moderno*, livro escrito pelo técnico e preparador físico Aureliano Beltrão (1974), os argumentos do autor centralizavam-se na justificativa e defesa dos registros estatísticos a respeito dos atletas nos treinos e partidas de futebol. Beltrão alertava sobre o valor da preparação física na conquista do tricampeonato, ao mesmo tempo que explicitava a presença da lógica das ciências positivistas na preparação para a Copa do México:

Mas esta vitória merecida não foi obra do acaso, do empirismo absoluto, da sorte – tão popularizada pelos que não encontram explicações lógicas para os fenômenos do virtuosismo isolado do jogador brasileiro. As ciências a serviço do futebol se aglutinaram, somaram-se num todo indivisível para, posteriormente, estrugirem na alta rentabilidade psico-físico-técnico-tática do esquadrão canarinho e a TAÇA É NOSSA DEFINITIVAMENTE. [grifo do autor]. (BELTRÃO, 1974, p.23).

Em prefácio do mesmo livro, Ernesto dos Santos, ex-jogador e professor de Beltrão na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, anunciava a importância adquirida pelas ciências aplicadas ao futebol, em detrimento da empiria dos jogadores:

O futebol que entre nós se encara de uma forma inconsequente, que aqui foi, por muito tempo, domínio de curiosos começa a transcender do campo do empirismo para entrar no da ciência aplicada. [...] A Fisiologia, a Cinesiologia, a Ortopedia e a Psicologia entre outras, têm dado nos últimos anos alta contribuição de conhecimentos e, agora, a Estatística chega também para mostrar aos estudiosos que o campo é vasto e que a vivência, não obstante seu grande valor, não é tudo em futebol nem em qualquer desporto. O futebol clássico, o futebol habilidade pura somente, já está superado. Hoje quer-se FUTEBOL RENDIMENTO, e para

isto, para que o jogador esteja em condições de o praticar, precisamos trabalhar intensamente sua máquina humana, conhecer seus problemas psíquicos, seu comportamento – quer como homem, quer como atleta. Sem isso nunca poderemos solicitá-lo no máximo de suas potencialidades. [grifo do autor]. (Ernesto dos Santos *apud* BELTRÃO, 1974, p.7-8).

A idéia de formação, assim, fazia-se necessária à produção de jogadores aspirantes. Na mesma época em que o livro de Beltrão (1974) foi publicado, Zico, por exemplo, já era atleta confeccionado em laboratório no Clube de Regatas do Flamengo Futebol e Regatas. Tal idéia de formação também é produto da instrumentalização do futebol, ou seja, de seu entendimento como algo dividido em um conjunto de partes as quais podem e devem ser isoladas para estudo, visando ao aperfeiçoamento da sua aplicação prática. Separa-se, no futebol, aquilo que pode ser mensurado, estudado, aplicado e repetido constantemente para que o atleta atinja a finalidade do rendimento esportivo. O futebol é entendido como composto por técnicas que transformarão o jogador em atleta, isto é, em corpo disciplinado.

Nesse sentido, as ciências aplicadas ao esporte auxiliariam, a partir de então, no alcance do desempenho desejado – o que tem como base a força, a velocidade e a resistência – através da manipulação desse corpo-atleta, educando-o desde cedo, modelando-o e corrigindo os vícios adquiridos nos campos de várzea. A categoria vício também é criada para dizer de tudo aquilo que se aprendia empiricamente, e torna-se disfuncional ao novo futebol.

Eitel Seixas, na época preparador físico do Flamengo (1968), já falava sobre o novo projeto de formação de atletas: “Devemos, desde cedo, despertar na criança, isto é, no futuro dela, a consciência de que o treinamento físico é indispensável ao sucesso futuro” (Eitel Seixas *apud* FLORENZANO, 1998, p.38).

Assim, as categorias de base dos clubes, ao longo das décadas de 1960 e 1970, tornam-se o lugar privilegiado de formação do atleta. Junto a isso, construía-se uma idade ideal para se iniciar a formação, bem como uma idade ideal para se aposentar na carreira de jogador de futebol. Em 1968, garotos com mais de 20 anos, sem histórico de trabalho em outros clubes, não eram mais aceitos por técnicos como Zagallo, que, no Botafogo, já dizia: “O principal objetivo é treinar o garoto tirando-lhe os defeitos, dando-lhe educação e instruções técnicas” (Zagallo *apud* FLORENZANO, 1998, p.36). Anteriormente a essa mudança, o quadro de aspirantes dos clubes era formado por jogadores advindos de lugares e histórias de vida diversas. A vinda dos jogadores do interior e periferias já era característica, mas não importava muito o histórico em outros clubes: bastava ser “bom de bola”.

No novo modelo de formação/produção de jogadores, contudo, garotos mais velhos não tinham vez. Com o trabalho dos especialistas, o jogador brasileiro já não “nascia feito”, como se costumava dizer. O futebol transitava para uma atividade duplamente de alto

rendimento: nas práticas de seus atletas dentro de campo e na arrecadação de seus departamentos financeiros.

Ainda assim há diferenças entre as categorias de base de então e as dos dias de hoje. Apesar de a instrumentalização do corpo do jogador e as transferências de estritamente mercadológicas ainda não predominavam no futebol brasileiro.

Com as categorias de base, se constrói também um futebol no qual fica mais difícil não privilegiar a força. Próxima à previsibilidade, a idéia de formação/produção do jogador começa a se desenvolver. O Futebol deixa de ser criação para se tornar repetição.

Nesse sentido, Damo (2007) diferencia formação e produção de jogadores. O termo formação caracteriza o aprendizado de uma profissão, o ensino de competências ligado a certa benevolência da parte daquele que ensina, ao passo que o termo produção está ligado à construção de um produto. Nas categorias de base, formação e produção acontecem concomitantemente.

Atualmente, é quase impossível ser jogador de futebol profissional sem que um empresário gerencie seu corpo-empresa e sem passar pelas escolinhas e centros de treinamento. Nesse sentido, certo currículo é exigido para se ingressar em um clube.

Na figura abaixo, podemos ver a importância da experiência em escolinhas ou em outros clubes, bem como a indicação por empresários e olheiros, como pré-requisito para ingressar nas categorias de base:

**TESTES DE FUTEBOL**

Os TESTES SELETIVOS DE FUTEBOL são realizados pela equipe técnica do Futebol de Base, para adolescentes com idades entre 13 e 17 anos, com o objetivo de identificar e recrutar atletas com potencial e talento para integrarem as seguintes categorias de base do Cruzeiro (em 2011):

- PRÉ INFANTIL – de 13 e 14 anos (nascidos em 98 e 97)
- INFANTIL – de 14 e 15 anos (nascidos em 96)
- JUVENIL – de 15 a 17 anos (nascidos em 95 e 94)
- Os teste seletivos serão realizados a partir de 15/03/11.

As inscrições poderão ser feitas a **partir de 25/02/11** pessoalmente, com o Sr. Carlinhos Katira, todas as quintas-feiras de 08:00 às 12:00 horas, na Toca da Raposa I - PORTÃO 2 - Rua Benito Masci, 150 - Bandeirantes (esta rua inicia-se na Av. Otacilio Negrão de Lima, 7100) - Ônibus 3503 Santa Terezinha

**Documentos necessários para inscrição:**

- 1 - Carteira de Identidade (cópia)
- 2 - Certidão de Nascimento (cópia)
- 3 - Comprovante de endereço
- 4 - Indicação de um clube ou escolinha

É importante que os interessados estejam participando de alguma Escolinha de Futebol, jogando em algum clube ou tenham sido indicados por alguma pessoa do ramo.

Voltar |

**Figura 4: Página informativa a respeito dos testes de futebol no endereço eletrônico oficial do clube.**

**Fonte: CRUZEIRO ESPORTE CLUBE, 2011.**

Contudo, é recente a inserção dos empresários nesse meio, assim como as noções de jogador-empresa e de futebol globalizado. Apesar disso, as discussões incluídas nesse capítulo sobre a instrumentalização do corpo-jogador são importantes para se entender como futuramente se dará esse processo; e também para se entender como o psicólogo chegará ao futebol.

### 3 PSICOLOGIA, PSICOTÉCNICA E INDÍCIOS DE UMA ESPECIALIDADE EMERGENTE

*[...] havia contido um órgão na máquina natural que poderia colocar tudo a perder caso fosse negligenciada. A ênfase com que se mencionam os cuidados a serem dispensados ao fator psicológico do jogador, presente no discurso dos preparadores físicos, indica o campo de atuação que se abria para o saber da alma, a Psicologia, que na verdade viria a ser ocupado pelos técnicos de futebol, além dos próprios preparadores físicos.*

*José Paulo Florenzano*

A história das Copas do Mundo de Futebol de 1958, 1966 e 1970 ajuda-nos a entender como a gradual instrumentalização do corpo-atleta culmina no conceito de formação de jogadores na contemporaneidade. Concomitantemente, nos fornece pistas de como, em meio aos especialistas que progressivamente se juntam aos espaços dos CTs, os psicólogos ocupam esses espaços.

O primeiro deles talvez tenha sido João Carvalhaes. Em artigo escrito por Waeny e Azevedo (2003), a partir do acervo pessoal da família e depoimentos de pessoas próximas, podemos entender um pouco a aproximação de Carvalhaes ao esporte. Sua formação inicial fora em Ciências Políticas pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, vindo mais tarde a participar de cursos de formação em diversos testes psicológicos de inteligência e personalidade. Na década de 1950 Carvalhaes atuava como jornalista esportivo e publicou artigos sobre Boxe, utilizando o pseudônimo João do Ringue.

Segundo as autoras, Carvalhaes trabalhava com psicologia aplicada ao esporte e com psicotécnica desde o início da década de 1950, aproximadamente. Seu trabalho com o futebol iniciou-se na Federação Paulista de Futebol, dedicando-se à seleção e preparação de pessoas para a Escola de Árbitros. Posteriormente, trabalhou no São Paulo Futebol Clube de 1954 a 1959. Através da descrição abaixo, podemos perceber como, naquela época, as medições do corpo-jogador já se apresentavam:

No São Paulo Futebol Clube, prestou serviços sobre os estados tensionais como fator predisponente às distensões musculares, além de ter trabalhado também na aplicação e interpretação de testes de personalidade e inteligência; organização e orientação de cursos que visem à preparação psicológica dos atletas; orientação e instalação do laboratório de futuras experimentações e pesquisas, com recursos para medir visão estereocópica (binocular), reação psicomotora a estímulos visuais e a estímulos auditivos; cálculo de velocidade relativa; cálculo de espaços em largura e sensação quinestésica. (WAENY E AZEVEDO, 2003, p.1).

Na figura abaixo, Carvalhaes aparentemente posa para uma foto divulgando seu trabalho:



**Figura 5: Carvalhaes em seu trabalho psicotécnico.**  
**Fonte: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2011.**

Em decorrência das derrotas nas copas de 1950 e 1954, os jogadores da seleção brasileira, acusados de não terem “fibra”, tinham fama popular de “frouxos”. Numa espécie de “racismo mal disfarçado”, como nos diz Ruy Castro (1995), atribuía-se a negros e mulatos, que compunham a maioria do time, um descontrole emocional inato. Como solução para esse problema em 1958 a CBD convoca João Carvalhaes a participar da preparação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo da Suécia, na esperança de que o psicólogo ajudasse os comandantes da Seleção Canarinho a saber quem poderia “amarelar”, como acontecera nos anos anteriores<sup>6</sup>.

Durante treze dias, Carvalhaes aplicou testes nos jogadores convocados para o campeonato mundial, o que resultou em relatórios sobre a personalidade de cada um, entregues a Carlos Nascimento e a Paulo Machado de Carvalho, respectivamente supervisor e chefe da delegação brasileira de futebol. “Os testes serviriam para medir o nível cultural,

<sup>6</sup> A delegação brasileira foi a única a levar psicólogo e dentista para a competição. (CASTRO, 1995).

índices de tensão, reflexos e coordenação motora e níveis de impulsividade e agressividade dos jogadores” (CASTRO, 1995, p135).

Máximo e Kaz (2006) nos conta que o jogador Nilton Santos alertou Carvalhaes durante uma das sessões: “Doutor, vem aí um rapaz de pernas tortas, meio tímido, meio caipira, que certamente não vai saber fazer nada que o senhor pedir. Mas tenha paciência com ele porque ele joga muito futebol” (Nilton Santos *apud* MÁXIMO; KAZ, 2006, p. 119).

Segundo o que ainda nos diz o mesmo autor, o psicólogo considerou Garrincha – nosso anti-atleta – como dono de um “temperamento primitivo” e “indagnosticável”; já Pelé seria “dono de um perfil obviamente infantil” (Carvalhaes *apud* MÁXIMO; KAZ, 2006, p. 120), não sendo capaz de resistir a qualquer agressividade que lhe pudesse ser dirigida em campo.

Apesar da avaliação psicológica prévia não ter sido efetivamente considerada no momento da seleção dos atletas que iriam à Copa de 1958, por insistência do chefe da delegação brasileira, Carvalhaes foi levado à Suécia, pois “poderiam precisar dele no caso de alguém tremer” (CASTRO, 1995, p. 153). Mas quem acabou por fazer as vezes de psicólogo foi o dentista Mário Trigo que, com suas brincadeiras e piadas, tranquilizava os jogadores. (CASTRO, 1995)

Carvalhaes também cairia em descrédito sobre sua capacidade profissional, pois “o encarregado de dar coragem à seleção tinha medo de avião” (MÁXIMO; KAZ, 2006, p.120) e compartilhava das mesmas superstições que os jogadores.

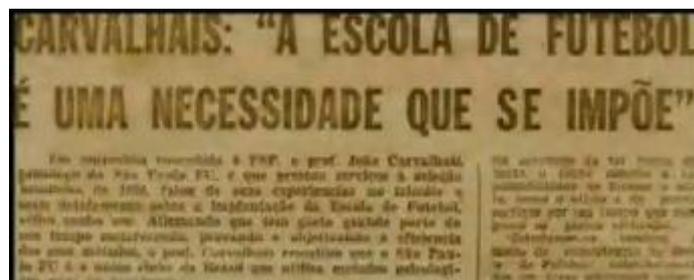
O impacto desse trabalho na seleção da época é controverso. Contam por aí que Carvalhaes teria dito à comissão técnica que nove jogadores, dentre eles Pelé e Garrincha, não deveriam ir para a Copa, pois não tinham perfil psicológico para serem ágeis e raciocinar rápido, como seria ideal em partidas de futebol. Algumas pessoas próximas a Carvalhaes na época, no entanto, desmentem tal afirmação (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2000). De qualquer forma, existia a idéia de que a presença do psicólogo interferiria na escalação dos jogadores. Verdade ou não, digo, no caso como torcedora, que felizmente Pelé e Garrincha foram à Suécia em 1958.



**Figura 6: Carvalhaes entre jogadores em 1958.**

**Fonte: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2011.**

Apesar da notoriedade conferida a Carvalhaes por causa da Copa da Suécia, em 1959 ele se afasta do São Paulo, retornando ao clube somente em 1969 – período em que, segundo Florenzano (2008), o *futebol-força* se consolida no Brasil e os discursos sobre importância do médico e do psicólogo no futebol ganham relevo. Fora reconhecido como Psicólogo pelo CRP-SP em 1974, pelo trabalho prestado em diversas empresas aplicando testes psicotécnicos, aos árbitros e aos jogadores no São Paulo Futebol Clube e à Seleção Brasileira. Entre 1945 e 1975 o psicólogo publicou diversos artigos sobre recrutamento, seleção e treinamento de pessoal e artigos sobre a psicologia do esporte (WAENY E AZEVEDO, 2003). Em vídeo biográfico produzido sobre Carvalhaes pelo CRP-SP, o seguinte recorte de jornal, não datado, aparece de relance:



**Figura 7: Reportagem na qual João Carvalhaes defende a necessidade da criação das escolinhas de futebol.**

**Fonte: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2000.**

Waeny e Azevedo (2003) defendem que o interesse de João Carvalhaes pela psicologia do esporte dirigia-se não somente às questões psicotécnicas, mas também às condições de desenvolvimento global do atleta. As autoras citam o exemplo de uma carta enviada pelo psicólogo ao Diretor do Departamento de Futebol Profissional do São Paulo Futebol Clube, na qual revela sua preocupação com os atletas de base no que diz respeito às suas condições sócio-econômicas e sugere amparo material e psicológico aos mesmos.

Sobre as preocupações com a formação de atletas, em 1964, Emílio Mira y Lopez publicou, juntamente a Athayde Ribeiro da Silva, o livro *Futebol e Psicologia*, no qual propõe, dentre outras observações a respeito do esporte, a orientação vocacional para a prática desportiva.

Mira y Lopez defendia que tal orientação vocacional poderia indicar o tipo de esporte ideal para cada pessoa. Caberia aos técnicos formados em Educação Física a orientação e o aconselhamento da juventude nesse sentido, segundo o autor. Mas como considerava que as noções de psicologia a eles ensinadas eram insuficientes, seria provisoriamente atribuída aos psicólogos ou aos médicos essa tarefa.

Mira y Lopez propunha ainda uma classificação dos esportes sob o ponto de vista psicológico, ligada a aspectos cognitivos: para cada exigência de um grupo de esportes se definiria um perfil para os seus praticantes. Apesar disso, asseverava não haver limites de idade, sexo ou capacidade física para praticar esportes. Porém se haveria de atentar para a especificidade de cada modalidade, adaptada a cada perfil: “existem esportes que masculinizam e esportes que feminilizam. O erro máximo seria dedicar homens aos primeiros e mulheres aos segundos”. (SILVA; MIRA Y LOPEZ, 1964, p.7).

Assim, seria objetivo do orientador esportivo “lutar para que a prática dos esportes não leve uma grande quantidade de pessoas a exagerar o que já está nelas sobejamente exagerado e descuidar o que não chega à normalidade”. (SILVA; MIRA Y LOPEZ, 1964, p.9). Os perfis, nessa perspectiva, serviriam para proporcionar ao indivíduo que pratica a atividade física um equilíbrio, uma suposta normalidade. Porém, o autor também ressalta que, antes de designar um tipo de indivíduo, seria preciso avaliar se o objetivo da prática esportiva resultaria “em benefício da saúde de quem a pratica ou em proveito daqueles que o exploram” (SILVA; MYRA Y LOPEZ, 1964, p.8).

Nesse sentido, Mira y Lopez demonstrava preocupação com a inserção de jovens na vida desportiva sem que esses fossem conscientes sobre o que seria o futebol moderno. Porém, na especificidade do futebol, o autor sugere também o estabelecimento de tipografias

para cada posicionamento em campo. Com aquelas informações em mãos, o técnico poderia proporcionar a integração dos atletas.

A principal ferramenta que viabilizaria tal ação seriam os testes psicotécnicos, apontando para a necessidade de o esporte incorporar a lógica que estava conseguindo “superar o temível individualismo” (SILVA; MIRA Y LOPEZ, 1964, p.28), tão indesejável para o pleno funcionamento das empresas – afirmação que ia ao encontro do *coletivismo* pregado pelos preparadores físicos que trabalhavam com o futebol na época. Aureliano Beltrão, Admildo Chirol e Eitel Seixas, defensores do *coletivismo*, sustentavam igualmente a necessidade de aplicação de testes psicológicos para identificar o tipo psíquico dos atletas (FLORENZANO, 1998).

Similar ao que Mira y Lopez propunha, Athayde Ribeiro da Silva fizera, anteriormente, na seleção brasileira de 1962, como relata na segunda parte de “Psicologia e Futebol”. Sim, pois na copa do Chile fora a vez de Athayde Ribeiro da Silva avaliar a seleção em Nova Friburgo, cidade onde a delegação se preparou para a competição.

O psicólogo, substituindo o polêmico Carvalhaes, logo de início anuncia:

Tracei para o trabalho no escrete, o plano de submeter os atletas a uma entrevista psico-social e ao PMK; deixei de lado qualquer preocupação com provas de inteligência, porquanto a convocação do atleta para integrar a Seleção já tornava implícita sua capacidade. (SILVA; MIRA Y LOPEZ, 1964, p.35).

Primeiramente, Athayde Ribeiro da Silva elaborou o perfil psicológico de cada atleta, para depois avaliar o moral do grupo - o que implicava avaliar o interesse do jogador em fazer parte da seleção, as relações dos atletas entre si, o índice de segurança emocional e confiança na direção, como conta o psicólogo. A partir disso, oferecia assistência psicológica individual a quem dela necessitasse. Enquanto Carvalhaes recebera salários e bichos semelhantes aos dos jogadores para atuar como psicólogo da Seleção Brasileira (CASTRO, 1995), Athayde conta tê-lo feito “exclusivamente por prazer e patriotismo”. (SILVA; MIRA Y LOPEZ, 1964, p.40)

Em seu relato, o psicólogo tece muitos elogios ao técnico e aos outros profissionais presentes em Friburgo, demonstrando diplomacia. Após redigir a ficha individual de cada atleta, Athayde atesta a “excelente situação psicológica da equipe” e conclui que “o que faltava ao futebolista nacional era direção capaz e organização perfeita” (SILVA; MIRA Y LOPEZ, 1964, p.36) – referindo-se às falhas de 1950 e 1954. Curiosamente, o autor não cita a Copa de 1958.

Para além dos elogios, Athayde Ribeiro da Silva defende a importância do “salário justo” para a saúde mental dos jogadores e que estes não devem ser amarrados a sistemas rígidos, pois possuem extraordinária capacidade de reformular a tática.

Após a participação de Athayde, os psicólogos ficaram durante um bom tempo longe da seleção. Apenas nos anos de 2000 reaparecem: com Suzy Fleury nas eliminatórias para as Olimpíadas de 2004 e com Regina Brandão na Copa do Mundo da Alemanha, em 2006 (FRAGELLI, 2008). Ambas são conhecidas por prestarem serviços de consultoria psicológica a técnicos e atletas famosos.

Nas categorias de base dos clubes brasileiros, no entanto, as décadas de 1990 e 2000 são marcadas pela presença incerta, mas cada vez mais notável, da psicologia do esporte no processo de formação/produção do jogador de futebol.

A figura do psicólogo, porém, estaria fadada a uma presença incerta na estrutura dos clubes, contrastando com a ênfase dada pelos preparadores físicos e técnicos de campo a importância do saber que ele detinha. [...] se considera que o próprio treinador, ao lado dos profissionais que compõem o departamento médico do clube, no contato cotidiano com o jogador podem exercer a função que se espera do psicólogo, [...] intervir na alma de sorte a melhorar o rendimento da máquina natural. (FLORENZANO, 1998, p.35)

Mas se nos dispusermos a entender a alma como produzida historicamente (FOUCUALT, 2006) e a subjetividade como um processo contínuo, como será possível atender a tais expectativas da comissão técnica? No capítulo seis poderemos ver alguns indícios de como os psicólogos do esporte lidam com tal questão na atualidade.

## 4 CATEGORIAS DE BASE E A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL: SEGUINDO PISTAS DO PROJETO SOMA

Em maio de 2009, a imprensa esportiva estava voltada para o retorno do jogador Adriano ao Brasil<sup>7</sup>. Ele desistira de um contrato milionário com o *Football Club Internazionale Milano* e de sua vida na Itália para voltar ao morro do Cruzeiro, onde nascera. Tal acontecimento foi interpretado por muitos como loucura, por outros como sinal de abuso, por outros ainda como falta de resistência para continuar no mercado; a discussão na mídia se dava exclusivamente em torno desses pontos. O alvoroço durou apenas duas semanas, pois logo Adriano foi contratado pelo Flamengo.

Naquela época, uma notícia no endereço eletrônico do Globo Esporte dizia:

### **Adriano faz exames de sangue e ouvido na Gávea, nesta terça-feira**

Imperador chegou ao clube às 8h, e, depois de realizar os procedimentos médicos, matou a fome na lanchonete e quase esqueceu de pagar a conta.

Adriano levantou cedo nesta terça-feira. Eram 8h e o jogador já estava na Gávea, sede do Flamengo. Acompanhado de dois amigos e de dois seguranças, o Imperador chegou ao clube e foi direto para sala do **Projeto Soma - que cuida dos meninos das divisões de base, e realiza testes médicos - e fez exame de sangue**. Ao sair da sala, Adriano foi abordado por alguns torcedores, distribuiu autógrafos e fez questão de tirar fotos com todos os fãs. Esta foi a segunda vez que o jogador foi à Gávea, depois de ser apresentado na quinta-feira passada.

As 12 horas em que ficou em jejum, necessárias para a realização do exame, parecem ter deixado o jogador com bastante fome. Ele foi direto para a lanchonete do clube e, ao contrário dos sofisticados cafés da Itália, pediu uma "média" - café com leite-, no copo de plástico, um pão na chapa com manteiga e uma garrafa de água. Na saída cometeu uma gafe: esqueceu de pagar a conta.

- Ele pode tudo aqui. Conheço o Adriano desde pequeno, quando ele ainda jogava nas categorias de base e sei que ele sempre volta para pagar - disse o atendente da lanchonete José de Souza.

E foi o que aconteceu. Quando se tocou de que não havia pago a conta, pediu para o amigo voltar à lanchonete e pagar os cinco reais que ficou devendo. Depois de tomar café, Adriano voltou para a sala e realizou exames de ouvido. No entanto, o jogador não quis dar entrevistas, mas deixou escapar que ainda nesta terça-feira faria exame de vista em uma clínica em Ipanema.

Nesta quarta, o Imperador realiza os últimos exames médicos e na quinta-feira será entregue à preparação física do Flamengo. Já na próxima segunda, a principal contratação do clube rubro-negro deverá se juntar ao restante do elenco. (OLIVEIRA, 2009) [grifo nosso].

Dentre alguns possíveis analisadores presentes nessa reportagem, me causou curiosidade o nome *Projeto Soma*, do qual nunca ouvira falar. Perguntei a alguns amigos

<sup>7</sup> Cerca de um ano após este acontecimento, Adriano estava de volta à Itália. Dessa vez, jogando pelo *Associazione Sportiva Roma*. Em março de 2011 retornou ao Brasil contratado pelo Sport Club Corinthians Paulista.

flamenguistas se o conheciam. Eles me responderam com olhar de estranheza ao ouvir o nome – o que logo me remeteu à “pílula soma” que deveria ser tomada pelos cidadãos para que a capacidade de afetar-se pelo mundo fosse diminuída, na famosa ficção de Adouls Huxley (2001), “Admirável Mundo Novo”.

Pesquisando na internet através das palavras-chave “Projeto Soma” e “Flamengo”, os resultados mostrados, surpreendentemente, foram apenas 185. Dentre eles, apenas 64 páginas ainda podiam ser visualizadas e nem todas se referiam ao objeto da procura<sup>8</sup> - número pequeno, decerto, quando se trata de um projeto oriundo de um dos clubes brasileiros de mais destaque midiático. Vale acrescentar que muitos desses resultados eram repetições da reportagem sobre Adriano citada acima.

Através dessa pesquisa, descobri que o Projeto Soma<sup>9</sup> foi um grupo criado oficialmente em 1985 por Serafim Borges – médico cardiologista do Flamengo e da CBF, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento de atletas de alta performance, com idade até 19 anos (ou seja, atletas das categorias de base).

O jogador Zico, consagrado no mesmo clube, foi um dos primeiros a ser trabalhado fisicamente na perspectiva da criação de um atleta “ideal”, já nos anos de 1970 e, portanto, antes mesmo da oficialização do Soma.

Em outubro de 2009, visitei o Museu dos Esportes (majoritariamente composto por elementos sobre futebol), situado no Estádio Rei Pelé, em Alagoas. Lá encontrei algumas reportagens do jornal *Gazeta de Alagoas*, datadas do dia 6 de abril do ano de 1972, que falavam sobre a construção do atleta “perfeito”:

---

<sup>8</sup> Pesquisa em fevereiro de 2009. Em junho de 2011 este número multiplicou-se para cerca de 3270 resultados.

<sup>9</sup> PROJETO SOMA. Disponível em: < <http://divisaosomacicaat.blogspot.com> (blog do Projeto Soma) > Acesso em: fev. 2009.



Figura 8: “Zico: um homem programado para ser um craque”.  
 Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 1972.



Figura 9: “Enfim, o craque de laboratório”.  
 Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 1972.

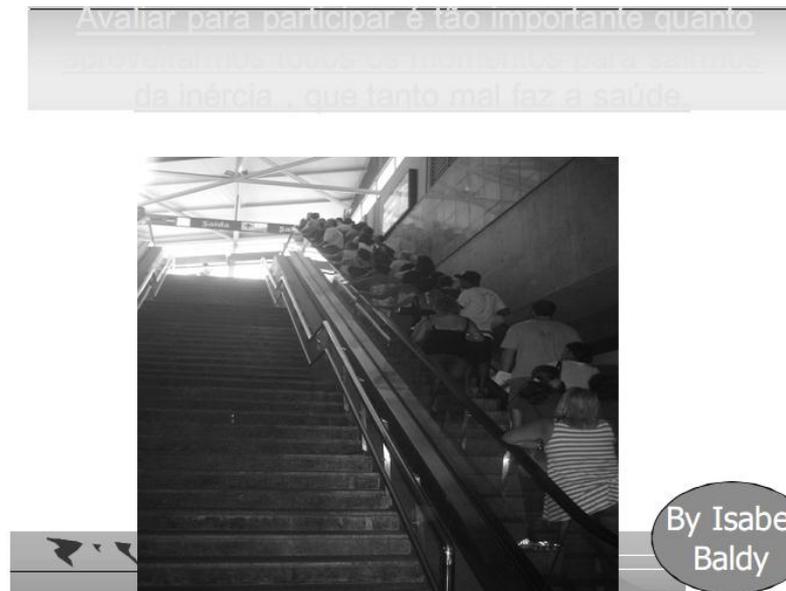


**Figura 10: Zico em um dos aparelhos de exercício muscular.**  
**Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 1972.**

O Projeto Soma, atualmente chamado de Divisão Soma, conta com profissionais como nutricionistas, fisiologistas, psicólogos e médicos, dentre outros, que também oferecem palestras abertas ao público em geral, com temas relacionados às ciências do esporte: sobre medicina, psicologia, nutrição e administração. É interessante notar que na pesquisa realizada sobre o Projeto Soma, apesar de ter sido encontrada menção ao atendimento psicológico aos atletas, nada aparece sobre tal atendimento, a não ser o currículo de uma psicóloga que teria implantado um novo modelo organizacional, em 2003.

Outro dos resultados dessa pesquisa na internet foi um documento de uma apresentação em slides digitais intitulada “*Avaliação Pré-Participação – Crianças e Adolescentes – Iniciação Esportiva*” (BORGES, 2009), produzida pelo Dr. Serafim Borges, provavelmente para o público freqüentador das palestras da Divisão Soma.

Da apresentação referida, destaco alguns slides que podem ajudar a problematizar a questão da formação dos atletas contemporâneos.



**Figura 11: Projeto Soma - Slide 6 - “Avaliar para participar é tão importante quanto aproveitarmos todos os momentos para sairmos da inércia, que tanto mal faz à saúde”  
(Isabel Baldy)  
Fonte: BORGES, 2009.**

## Atividade Física e Desempenho :

A atividade física é importante no estilo de vida de crianças e adolescentes e pode ser realizada de diversas formas, incluindo jogos livres , exercícios, educação física escolar e ESPORTES ORGANIZADOS.

A atividade física regular durante a infância e juventude tem papel benéfico na saúde do indivíduo enquanto adulto.

Sborges  
Cicaat – Projeto Soma

**Figura 12: Projeto Soma - Slide 26 - “Atividade física e desempenho”.  
Fonte: BORGES, 2009.**

Nos dois slides anteriores, chama atenção o “papel benéfico” atribuído à atividade física ligada à prática do esporte de alto-rendimento, visto que a pretensão das categorias de

base de um clube não é a de uma iniciação esportiva sem fins competitivos e lucrativos: os jogadores são formados para serem profissionais, o que demanda um estilo de treinamento intensivo, cujos benefícios à saúde são sem dúvida questionáveis.

Nesta linha, Soares (2009) refere-se às noções de saúde e bem-estar como “bandeiras da felicidade plena”:

A onipresença da expressão composta *bem-estar* certamente faz parte de uma rede de saberes e poderes que formam e conformam o fenômeno contemporâneo de atenção ao corpo e à saúde. (SOARES, 2009, p.72-73).

Já Pélbart (2003) afirma que “quando o biológico incide sobre o político, o poder já não se exerce sobre sujeitos de direito, cujo limite é a morte (como no caso dos regimes de soberania), mas sobre seres vivos, de cuja vida ele deve encarregar-se.” (PÉLBART, 2003, p. 58).

Vemos, portanto, que além de práticas disciplinares, as práticas biopolíticas também estão presentes no futebol, na medida em que normatizam, massificam e gerenciam modos de vida. Disciplina e biopoder atuam em níveis diferentes, porém não excludentes; ao contrário, integram-se.

A disciplina se dirige ao “homem-corpo” e o biopoder, ao ‘homem-vivo” ou “homem-espécie”. (FOUCAULT, 1999) – o processo é, pois, de individualização-totalização, como faces distintas, embora não excludentes. Como visto em Foucault (1999), a biopolítica possui funções diferentes do poder disciplinar e visa ao controle de uma população em sua duração através de “previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais”. (FOUCAULT, 1999, p.293). Através desses mecanismos de regulação, busca-se estabelecer um padrão para os acontecimentos aleatórios de uma população, com o objetivo de otimizar a sua durabilidade e estabelecer um equilíbrio global.

No futebol pesquisas são desenvolvidas por diversas áreas de conhecimento na tentativa de estabelecer regras gerais de controle de fatores biológicos, tais como peso, desenvolvimento de massa muscular, aumento da resistência cardiovascular, aumento da resistência anaeróbica, da velocidade e da força, avaliação do equilíbrio muscular, da composição corporal, análise de lactacidemia, dentre outros.

Eis imagens de algumas dessas avaliações encontradas nos slides da apresentação do Projeto Soma:

Avaliação do Equilíbrio Muscular – Cybex :Avaliando a Composição Corporal :Diâmetro Ósseo :Avaliação Funcional na Esteira – Laboratório :Análise da Lactacidemia :

**Figura 13: Projeto Soma - Slides 15 a 20 – Algumas avaliações Físicas.  
Fonte: BORGES, 2009.**

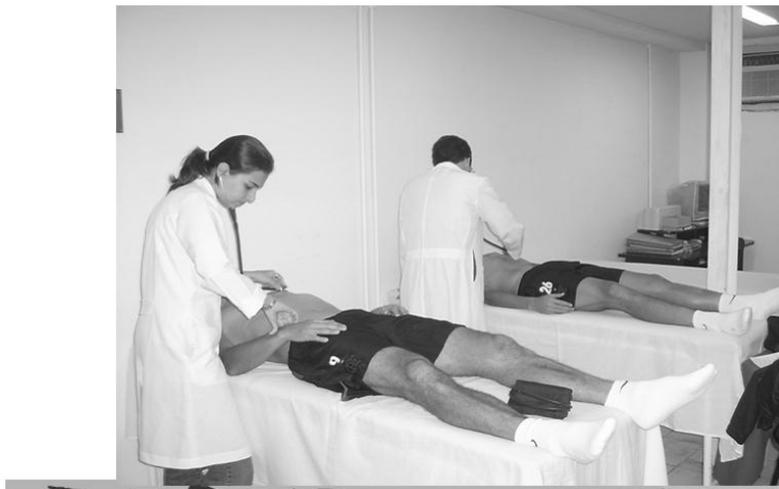
Como bem salienta Sant'Anna (2000), os corpos atletas não são somente o lugar de encontro de tecnologias, mas também, e principalmente, um lugar de experiências científicas diversas, no cotidiano. Em acordo com esse pensamento, afirma Soares (2009):

[...] a ação de medir tudo o que diz respeito ao indivíduo e seu corpo, e a partir de um certo momento de tudo o que concerne a uma população, não cessa de modificar-se, sofisticar-se. [...] É possível dizer que as populações contemporâneas desejam o controle das funções e eficácias do corpo; quase não há mais imposição e as prescrições, descrições de supostos perigos, são cada vez mais aceitas para que se possa adiantar-se ao mal. (SOARES, 2009, p.67).

Assim, os atletas das categorias de base são (supostamente) “privilegiados” por poderem, uma vez vivendo dentro dos centros de treinamento, ser acompanhados diariamente nesse controle.

Sant’Anna (2000) observa que as tecnologias digitais aumentaram as possibilidades da análise fisiológica. Além de estarem nas roupas e acessórios esportivos, as tecnologias digitais permeiam a estrutura dos CTs. Permitiriam a melhora da performance de cada jogador, tanto possibilitando a filmagem de sua performance para ser vista de fora depois, quanto a investigação de funções orgânicas. “O esportista pode prolongar o seu corpo rumo a um corpo artificial o qual, progressivamente, lhe parecerá familiar e natural.” (SANT’ANNA, 2000, p.3).

- EXAME FÍSICO COMO NOSSA PRINCIPAL  
FERRAMENTA SEMIÓTICA -



**Figura 14: Projeto Soma - Slide 9 - “Exame físico como nossa principal ferramenta semiótica”.**  
**Fonte: BORGES, 2009.**

Nessa perspectiva, o exame físico decodifica para antever o que terá de ser normalizado, adequado aos padrões. O corpo é, pois, concebido como um território sempre em expansão em busca do “bem-estar”, como nos diz, uma vez mais, Soares (2009):

[...] as mensurações de *performances* corporais de indivíduos e populações ocupam hoje lugar de destaque e constituem-se em variável decisiva na elaboração de políticas públicas em que não faltam programas voltados a uma *vida ativa*. (SOARES, 2009, p.64).

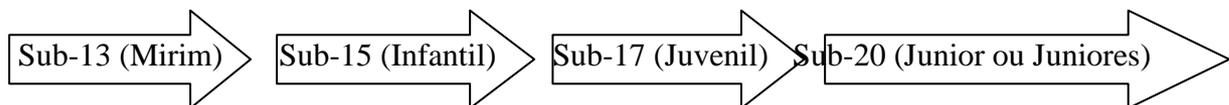
No caso dos esportes de alta-performance, essa dita *vida*, considerada *ativa* através da quantidade de exercício físico por ela produzida, torna-se matéria prima da produção de renda que os movimenta como atividade econômica.

O trecho abaixo transcreve o comentário feito por um dos técnicos das categorias de base do Flamengo, publicado pela Revista Placar, em 8 de março de 1974. Ele nos diz muito sobre como, naquela época, a idéia de formação que temos hoje nos clubes já se desenhava.

Aqui na Gávea há um trabalho que fica praticamente escondido mas está dando frutos fabulosos. São autênticos garotos-laboratório. Vejam o Zico. Não tinha massa muscular; fraco, pernas finas, não aguentavam um tranco, uma bola dividida. Geraldo não tinha força nas pernas. Paulinho era outro raquítico. Cada um apresentava um problema diferente. E cada um era analisado, medido, pesado, trabalhado de forma diferente, individual. (FLORENZANO, 1998, p.42)

Categorias de Base ou Divisões de Base são as equipes de clubes formadas por jogadores menores de 20 anos – lugar formalizado e privilegiado da formação, produção e treinamento de jogadores profissionais na atualidade.

Os grandes clubes brasileiros possuem, em sua estrutura oficial, equipes que vão, no mínimo, da categoria sub-13 à sub-20. Nessas categorias, gradativamente, a quantidade e intensidade dos treinos e campeonatos vai se aproximando do modelo do futebol profissional.

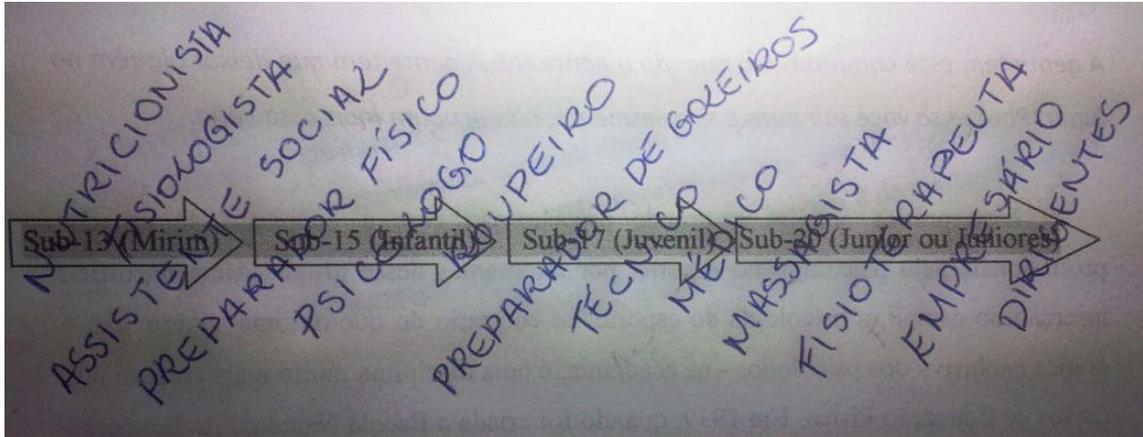


Da categoria Sub-11 (Pré-Mirim) para baixo (Dentinho, Fraldinha), geralmente os treinos acontecem em escolinhas de futebol<sup>10</sup>, muitas delas sobreviventes de parcerias com os clubes, visando ao fornecimento de futuros “pés-de-obra”. Tais escolinhas funcionam como franquias ou filiais.

Ao contrário do que o esquema acima poderia levar a crer, no entanto, a ascensão de categoria em categoria não acontece naturalmente, tampouco para todos os que ingressam, ainda jovens, em um clube. No futebol, a princípio, não há aprovação automática. Essa sucessão de etapas rumo à profissionalização é, o tempo todo, enviesada pela possibilidade da dispensa e pela chegada, a todo o momento, de novos meninos que disputam um espaço; mais diretamente, disputam uma mesma posição em campo, que tem, portanto, de ser reconquistada a cada campeonato, a cada jogo, a cada treino.

<sup>10</sup> Muitos dos grandes clubes brasileiros mantêm escolinhas, inclusive em estados da federação que não o de suas origens.

São vários os atravessamentos que tornam singular a formação do jogador de futebol. Muitos são os que circundam, entremeiam e interferem nesse espaço/processo, como podemos visualizar no esquema abaixo:



**Figura 15: Categorias de base.**  
**Fonte: Elaborada pela autora.**

Um breve histórico pode contribuir para a compreensão do panorama contemporâneo. Ao final dos anos 1980, os clubes começam a fazer parcerias com empresas e a desenvolver centros de treinamento (CTs). A partir da década de 1990 o futebol passa a se atualizar com a flexibilidade das relações do neoliberalismo global.

Em decorrência da comercialização cada vez mais explícita do espetáculo e também de seus protagonistas, as ciências do esporte vêm sendo desenvolvidas e incorporadas à formação do jogador de futebol, e os especialistas dessas ciências vêm exercendo funções na formação do atleta que, como vimos anteriormente, eram centradas nas figuras do técnico.

Nos CTs, os especialistas – preparadores físicos, fisioterapeutas, fisiologistas, psicólogos, médicos, pedagogos, assistentes sociais, nutricionistas, dentre outros – acompanham o desenvolvimento do corpo atleta, produzindo tanto efeitos disciplinares quanto efeitos regulamentadores; ou seja, voltados tanto para o corpo individual de cada jogador quanto para a população-time como um conjunto. Ampliando esses efeitos regulamentadores, podemos mesmo dizer que toda a população, inclusive a não-jogadora, em especial a jovem, entra nos cálculos dos especialistas e/ou se vê por estes afetada.

Sobre a disciplina, Foucault (1999) expressa que se constitui por mecanismos e técnicas de poder que tiveram seu auge nos séculos XVIII e XIX. Centrados no corpo individual, objetivam o aumento de sua força utilitária através de exercícios e treinamentos, moldando-o de maneira a docilizá-lo e torná-lo útil, ao passo que se reduziria, ao mesmo tempo, sua força política.

A disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. (FOUCAULT, 1999, p.289)

Essas palavras de Foucault me remetem ao relato de um jovem jogador que entrevistei na pesquisa desenvolvida ao tempo da graduação:

*Eu sempre fui meio gordinho. Lá no clube, nossa senhora, era uma luta. Mediam percentual de gordura, aí dava dois acima, “desce pra correr”. Eu corria xingando. Não tinha vontade nenhuma, aí eu era mais agressivo. Aí qualquer coisa que eu comia a mais, toda semana tinha que tirar percentual. Na hora que tirou, está acima, tem que descer pra correr. Pode ser depois do almoço, eles vão deixar você descansar uma hora, e “desce para correr”. [...] Eles pensam que se você tem um desempenho bom e está acima do peso, se você estiver no peso vai ter um desempenho melhor. Para eles é sempre assim, eles acham que você só vai atingir seu melhor se estiver no peso e jogando o que eles querem. Se você estiver acima do peso e jogando o que eles querem, eles vão querer que você perca peso, não adianta, não tem desculpa. (Cláudio<sup>11</sup>, 16 anos, ex-jogador das categorias de base do Fluminense).*

Cláudio, atualmente com dezenove anos, joga futebol desde os sete, e desde os doze faz testes para jogar em categorias de base de clubes brasileiros. Já passou por vários clubes do Rio de Janeiro e por alguns fora do país. Hoje mora no Brasil e não joga profissionalmente. Desistiu de ser jogador de futebol profissional e cursa Direito em sua cidade de origem.

O aprimoramento do corpo e da técnica é a meta diária em um CT. Através da repetição exaustiva de técnicas e táticas: chutes, passes, dribles, fintas, cabeçadas, proteção da bola, tiros livres e jogadas ensaiadas; o menino que joga bola vai sendo modelado para transformar-se em atleta competidor, o que, segundo Fragelli (2008), caracteriza sua condição como a de aprendiz.

Assim, no âmbito do esporte que incorporou a ciência positivista, acredita-se que a manipulação do corpo atleta aprimorará seu desempenho e trará parâmetros para se construir sujeitos jogadores de futebol se não perfeitos, próximos a uma idéia de perfeição. Esta será supostamente alcançada através da objetivação e quantificação do mundo, e será convertida em rendimento físico e monetário.

Através de práticas de disciplinamento esses corpos atingem um desempenho físico cada vez maior na prática esportiva. Ou seja, trata-se do aprimoramento do indivíduo-produto jogador de futebol. Utilizo o termo indivíduo-produto porque essas pessoas parecem não ser

---

<sup>11</sup> Nome fictício.

vistas, por muitos profissionais e torcedores, como sujeitos dotados de autonomia, ao menos relativa, mas como simples utensílios, objetos de um espetáculo. É nas categorias de base dos clubes, como já anunciamos, que se desenvolvem a formação, preparação, produção, competitividade e comercialização dos atletas que, nos dias de hoje, circulam pelo mercado global.

Segundo Fragelli (2008), os atletas que conseguem se manter nesse processo vêm sua ansiedade por ascender à carreira atingir seu ápice na categoria de juniores, estágio final da base. “Ao término do segundo ano, o atleta segue vários destinos: é aproveitado pelo clube de origem e promovido ao elenco profissional, é emprestado a outros clubes de menor expressão até o término de seu contrato ou tem o seu contrato rescindido” (Fragelli, 2008, p.24).

Apesar de serem considerados aprendizes, esses meninos vivenciam rotinas, cargas horárias e questões muito parecidas com as dos jogadores profissionais, uma vez que estão sempre em busca do aperfeiçoamento da técnica, por se manterem titulares em suas equipes e por atuações úteis aos objetivos do clube.

## 5 OS PSICÓLOGOS EM CAMPO: OS CTS E AS DIVERSAS PSICOLOGIAS DO ESPORTE

Os centros de treinamento não costumam ser os mesmos para as categorias de base e a categoria profissional. Dos clubes com os quais tive contato, apenas o Atlético Mineiro possui CT unificado. No América de Minas, as categorias de Mirim a Juvenil treinam/moram no município de Lagoa Santa, a aproximadamente 23 km de Belo Horizonte. Já a categoria Junior treina no Centro de Treinamento Lanna Drumond, na região da Pampulha, o mesmo dos jogadores profissionais. Essa mesma organização se dá no Cruzeiro, onde Profissional e Junior dividem a Toca da Raposa II, enquanto as categorias abaixo destas treinam/moram na Toca da Raposa I – ambas construídas na Pampulha. No Botafogo-RJ, Pré-Mirim, Mirim e Infantil treinam em Marechal Hermes, bairro localizado a aproximadamente 22km do centro do Rio de Janeiro, enquanto Juvenil e Juniores treinam provisoriamente<sup>12</sup> no estádio Caio Martins (Niterói, 20km de distância do Centro do Rio).

Localizados em regiões geralmente distantes das cidades-sede dos clubes e com times compostos por jovens provindos de diferentes lugares, os centros de treinamento das categorias de base costumam oferecer alojamento para seus atletas morarem.

O América disponibiliza um ônibus que diariamente sai às oito horas da Praça da Estação, no Centro da capital, e leva os atletas até o CT, retornando às doze e trinta e outra vez às dezesseis horas.

Numa dinâmica em que, como diz Damo (2007), é mais fácil ser expulso do que agregado, milhares de garotos (eles chegam a ser centenas, por clube) passam pelos centros de treinamento pelo Brasil afora, toda semana, participando de processos seletivos para treinar – as chamadas “peneiras”. No Cruzeiro, o antigo alojamento das categorias de base é reservado para a hospedagem desses jovens que vêm de toda a parte do Brasil e da América Latina.

Nos clubes mineiros, nas categorias Junior e Juvenil, a maioria dos jogadores das categorias de base reside no próprio CT, diferente do que acontece no Botafogo, por exemplo, onde há a preferência por não alojar os atletas, por conta dos grandes gastos e responsabilidades que isso gera. No alvinegro carioca, o atleta só fica alojado se sua residência de origem for muito longe ou se sua condição financeira for proibitiva ao deslocamento para o treino.

---

<sup>12</sup> O Centro de Treinamento de Marechal Hermes está em processo de construção e futuramente abrigará todas as categorias de base do Botafogo.

Em termos da divisão disciplinar das comissões técnicas e da estrutura física dos CTs, pouca coisa muda de um clube para o outro: alojamentos, banheiros, refeitório, lavanderia, sala de musculação, sala dos médicos e campos de treinamento.

A diferença que mais chama atenção é a presença de uma escola dentro do CT do Cruzeiro. O clube, em parceria com o Colégio Rui Barbosa, oferece ensino fundamental e médio para todos os atletas, que não precisam, conseqüentemente, sair da Toca da Raposa para estudar. O Atlético Mineiro, por sua vez, em parceria com o Grupo Soebras, também oferece aos atletas ensino fundamental e médio, além de curso pré-vestibular e superior. Porém, os atletas do Galo estudam em escolas fora do espaço do CT junto a outros jovens. Já o América Futebol Clube acompanha os estudos dos jogadores – em escolas públicas - até os 16 anos, idade até a qual os clubes mineiros são obrigados pelo Ministério Público a garantir a educação dos atletas.

### 5.1 Na Toca da Raposa...

A Toca da Raposa<sup>13</sup> é CT exclusivo da base do Cruzeiro desde 2002. Foi o primeiro centro de treinamento que tive a oportunidade de conhecer, devido ao fato de o psicólogo que lá atua ter sido orientando, em seu mestrado, de um professor que me é próximo. Assim, com o contato de Jairo Stacanelli em mãos, em abril de 2010, agendei uma entrevista para conhecer a Toquinha e para conversarmos sobre a experiência de psicólogo do esporte.

Na portaria de entrada do CT o controle sobre quem entra no estabelecimento era minucioso: precisei informar com antecedência meu nome completo e número da identidade para que Jairo os deixasse com os dois vigilantes da portaria. Ao que me pareceu, ninguém entraria lá sem explicar o motivo da visita, e as fotografias somente eram permitidas nas áreas externas ao alojamento, como já me havia alertado o psicólogo.

No caminho entre a portaria e as instalações físicas do CT há um bosque, pelo qual um dos funcionários do jardim me conduziu, até chegarmos à sala onde eu esperaria o Jairo. Durante a caminhada o momento que eu mais temia chegou:

---

<sup>13</sup> Mascote do Cruzeiro criado pelo chargista Mangabeira em 1945 que fazia alusão na época aos seus “dirigentes italianos de incomparável esperteza para os negócios”. (SILVA, 2011, p.1).

- *É a primeira vez que você vem aqui?* – disse o funcionário.

- *Sim.* – respondi.

- *Você é cruzeirense?*

Nesse momento, a única coisa que consegui dizer foi:

- *Eu não sou daqui não.*

Não consegui verbalizar (e não pretendia, caso não me fosse perguntado) que sou torcedora do Galo<sup>14</sup>, e nem pensava que esta questão me atravessaria com tamanha intensidade no momento da visita. Geralmente, para mim ela se apaga diante das discussões sobre a formação e comercialização do atleta, comuns nos últimos quatro anos. Após essa questão ter aparecido, sentei-me em uma das poltronas da sala de troféus, sentindo-me desconfortável por estar em “território inimigo”, e por estar mentindo - achava que estava “escrito” em meu rosto a falta de simpatia pelo meu maior rival.

Enquanto ainda caminhávamos em direção à sala, ao saber que estava indo conversar com o psicólogo, o funcionário me falara do quanto Jairo era “um cara legal”:

*Eu nunca conversei com ele não. Assim, ele sempre me cumprimenta, fala “e aí, fulano?”, bate nas costas, mas nunca tive essas conversas igual o pessoal da cozinha vai ter agora, mas dizem que ele é show de bola.*

Naquele momento, se fez perceptível que a abrangência do trabalho com o qual me depararia minutos mais tarde não se restringiria aos atletas, como até então julgava.

Aguardei Jairo na sala de entrada do prédio principal, onde estão expostos os troféus. O psicólogo andava de um canto ao outro por salas do prédio e a circulação de homens de terno era intensa. Naquela construção também se situam as salas do setor administrativo e uma sala para reuniões, equipada com um telão, um quadro com o desenho de um campo de futebol e cadeiras fixas dispostas em formato de arquibancada. Ao lado dessa sala fica a entrada para o alojamento da equipe juvenil. Enquanto eu aguardava, alguns meninos entravam na sala de reuniões para a preleção acerca de um jogo que aconteceria naquela tarde.

Jairo finalmente me recebeu e conversamos no refeitório, onde gravei alguns poucos minutos de conversa sobre o modo como ele chegara ao clube, antes de sermos interrompidos pela saída dos meninos da sala de reuniões, indo para o jogo. Nesse momento, o psicólogo

---

<sup>14</sup> Mascote do Atlético Mineiro inspirado na fama de “bom de briga” do time e “em seu uniforme pelo que lembrava um galo da raça carijó” (SILVA, 2011, p.1). Criado pelo mesmo chargista que desenhou a Raposa e o Coelho – este último, mascote do América – em 1945.

precisava iniciar a reunião com “as meninas do refeitório”, as cozinheiras. Convidou-me então a assisti-la.

Já na sala de reuniões, enquanto esperávamos as meninas chegarem, Jairo continuou a falar sobre seu trabalho, surpreendendo-me com o gravador desligado. Assim recorro suas palavras:

*Eu não trabalho somente com os atletas de categorias de base, eu trabalho com todo mundo que está envolvido nessa formação.*

As conversas às quais o funcionário que me recebeu se referia são justamente essas reuniões, realizadas sem periodicidade específica, que Jairo organiza com os profissionais de diversos setores da base do Cruzeiro.

*Meu objetivo aqui é fazer eles perceberem que estão diretamente ligados ao processo de formação do atleta. Desde os caras da grama<sup>15</sup> até o pessoal que cuida do jardim.*

Cada categoria possui seu próprio técnico, auxiliar técnico, supervisor, treinador de goleiro, preparador físico, massagista, roupeiro e médico. Já psicólogo, dentista, pedagogo, assistente social e nutricionistas são responsáveis por acompanhar todos os atletas de todas as categorias. Esse é um padrão comum nos clubes brasileiros.

As meninas chegam e inicia-se a reunião, que durou cerca de quarenta minutos. Jairo me pediu que não reproduzisse nada do que foi dito naquele espaço. Disse ainda que naquela reunião nada era diferente do que acontecia em qualquer empresa – o que não é de estranhar, visto que o futebol vem se desenvolvendo como atividade econômica, com gerências cada vez mais especializadas em administração de empresas.

Jairo enfatiza bastante essa posição: para que o seu trabalho funcione e que os times obtenham o resultado que almejam, todos os profissionais envolvidos precisam entender que estão diretamente ligados à formação dos jovens, assim como, no discurso empresarial, um funcionário precisa saber que dele depende a qualidade do produto final.

Jairo fala ainda sobre como é delicada a relação entre ele e o clube, e das “más impressões” deixadas por outros profissionais que “já chegam se impondo”. A sensação que tenho é a de que a empresa se sente ameaçada ao mínimo sinal de flexibilidade dentro do

---

<sup>15</sup> Como são chamados os profissionais da área administrativa do clube.

endurecido plano de trabalho cotidiano com os jogadores - endurecimento esse que pode ser percebido nas falas do entrevistado sobre seus encontros com o clube:

*Não é fácil o trabalho aqui não, é muito meticoloso, tem que ter paciência, não dá para ser afobado.*

A despeito de frisar a própria cautela com os dirigentes do clube, Jairo por um momento, em sua fala, os enfrenta:

*Amanhã eu vou levar os meninos na mostra de profissão que vai ter na UFMG. O pessoal [dirigentes] não gosta muito não, porque “pô, vai ter jogo sábado e você vai sair com eles na sexta?!” Mas eu vou levar.*

Com tal menção, o psicólogo começa a discorrer sobre a falta de garantias de sucesso na profissão de jogador, e de como aqueles que não têm perspectivas futuras de assinar um contrato profissional encontram dificuldades para se empregarem fora do meio futebolístico. Jairo questiona também a forma como se dá a formação do próprio psicólogo do esporte, ao dizer que “*O lugar do psicólogo do esporte na universidade é muito bem definido, mas aqui dentro ele não é nada definido*”.

Apesar de ser considerado um lugar bem definido pelo entrevistado, é ainda raro um curso de graduação em psicologia ter em sua grade curricular uma disciplina sobre psicologia do esporte. Ela geralmente aparece como estágio e, em alguns poucos casos, como optativa. Jairo relata que na época em que se graduou, havia em Belo Horizonte uma disciplina de psicologia do esporte, mas em Educação Física, não em Psicologia. Tal disciplina era voltada pra processos cognitivos aplicados ao esporte, não abrangendo a complexidade maior das questões sociais com as quais o psicólogo se depara em seu trabalho.

Continuando a falar sobre suas práticas, o psicólogo me aponta seu consultório, que fica ao lado do alojamento rotativo, pontuando a indicação com a seguinte frase:

*Eu não trabalho as questões de campo dentro do consultório. Só vou pra lá quando é algum problema específico de algum atleta querendo conversar ou ir embora.*

Perguntei-lhe então o que geralmente se conversava com os meninos quando queriam ir embora e quais motivos apareciam com maior frequência. Sobre isso, Jairo me respondeu:

*Varia muito. Se o menino quer ir embora e não está rendendo, a gente deixa ir embora. Mas, às vezes, se é problema de briga, que raramente acontece, ou saudade, ou algum acontecimento, a gente conversa separadamente.*

Nesse momento, relembro aquele lugar do psicólogo que construíra em minha cabeça a partir das conversas com os jovens atletas durante a pesquisa da graduação – alguém chamado a atender somente os atletas, e individualmente -, e começo a apreender seu novo lugar, muitas vezes chamado para pedagogizar o grupo e a empresa, no qual o consultório torna-se menos útil, apesar de ainda presente. A circulação desse profissional se amplia e transborda ao centro de treinamento. Jairo orgulha-se disso:

*Sou o único psicólogo do Brasil de categorias de base que viaja com o time como equipe de apoio.*

No alojamento do clube, um corredor extenso, com portas em ambos os lados; quartos com beliches, paredes brancas e marcos das portas pintados de azul - o que me fez lembrar a estrutura das alas do Raul Soares, hospital psiquiátrico público de Belo Horizonte. Ao perceber a semelhança estética, fiquei curiosa, imaginando quais seriam as percepções de um grupo de moradores do Raul Soares quando de uma visita ao CT dos jovens futebolistas do Cruzeiro...

Dessa primeira visita ficou marcada a saída do psicólogo do consultório para ir ao campo e permear todas as estruturas do CT, bem como sua função pedagógico-disciplinadora naquela instituição, condizente com o funcionamento no modelo empresarial.

Um ano depois retornei à Toca I. Na portaria, as mesmas exigências, agora com direito a adesivo com a inscrição “visitante”. Jairo continua a andar para lá e para cá.guardo na mesma sala de antes; agora, além dos troféus, ela é equipada também com um caixa eletrônico e uma espécie de altar, cheio de santos. Afora isso, tudo parece igual ao ano interior.

Desta vez, eu e Jairo nos sentamos em uma mesa de concreto embaixo de uma árvore, à beira dos quatro campos de treinamento existentes na Toca I. Iniciamos a entrevista de forma bem mais formal do que no outro encontro: sentados em frente ao gravador.

O discurso de Jairo parecia muito mais institucionalizado: constantemente referia-se a si mesmo como sendo “o Cruzeiro”. Até que ponto isso se deu em função da formalidade que caracterizou a entrevista e/ou ao maior tempo passado desde que fora empregado pelo clube

(naquele momento, há 3 anos), não ousou afirmar. Pergunto-lhe acerca de sua história com o futebol, ao que me responde contando como chegara... ao Cruzeiro<sup>16</sup>.

Relata-me que já conhecia Dimas Fonseca<sup>17</sup> quando trabalhava em um grupo de apoio a dependentes químicos em Contagem (MG), município no qual o primeiro era vereador. Também conselheiro do Cruzeiro, Dimas o convidou para trabalhar em uma equipe juvenil alternativa do clube, sobre a qual assumira responsabilidade.

Jairo conta em detalhes como se deu esse processo:

*...em 2005, 2006, mais ou menos, a gente tinha uma leva de atletas nascidos em 89/90 [juvenil]<sup>18</sup>. Atletas muito bons. Então, o Cruzeiro fez um convênio com uma escolinha de futebol que se chama Fox, em Contagem [...]. Com esses atletas a gente disputou a seletiva do Mineiro. O Campeonato Mineiro de Futebol de Base se divide em três fases principais. Uma seletiva, onde qualquer equipe que se inscreve participa [...], acolhe times que disputam entre si para disputar uma fase de grupos. E depois dessa fase de grupos vai para um hexagonal final. E naquele ano, nós classificamos na seletiva, disputamos a fase de grupos e classificamos pro hexagonal final. Então, naquele ano, vamos dizer assim, os atletas que não estavam sendo utilizados no clube, eles passaram a ser atletas da seletiva do hexagonal final do Campeonato Mineiro. E isso foi aumentando um pouco o foco com relação a atuação tanto do Dimas quanto minha atuação. Em 2006 a gente fazia atendimentos semanais... uma vez, duas vezes por semana com os atletas, reuniões quinzenais com o grupo, dinâmica de grupo, essas coisas. Então foi um encontro muito legal porque era uma equipe de atletas que não estavam sendo utilizados pelo Cruzeiro. A gente motivou esses meninos, deu conta de colocar esses meninos à frente, e eles foram até a fase final do Campeonato Mineiro. Eu acho que ficamos em quarto lugar no campeonato mineiro, se não me engano. Em 2007, esse projeto de convênios do Cruzeiro acabou se tornando um projeto grande porque nós assumimos um convênio com o Esporte Clube Itaúna. Disputando o campeonato mineiro pelo ECI com atletas que eram vinculados ao Cruzeiro, mas não estavam aqui treinando na Toca I. Esses meninos foram alojados em Itaúna, em uma escola pública de Itaúna, desativou a escola, esses meninos ficaram alojados lá, e eu ia uma vez, duas vezes por semana pra poder fazer o trabalho com os meninos lá, e aos finais de semana para acompanhar os jogos, participar de uma preleção, alguma coisa do tipo. [...] a gente não apenas classificou*

<sup>16</sup> Interessante notar como todos os entrevistados, ao contrário do que eu esperava, responderam a essa ampla pergunta sem se referir a experiências anteriores como torcedores ou praticante, como veremos nos relatos posteriores.

<sup>17</sup> Ex-Diretor de Futebol de Base (2007-2010) e atual Diretor de Futebol do Cruzeiro.

<sup>18</sup> Esses compunham a equipe Juvenil principal do Cruzeiro e disputavam um torneio internacional, à época.

*o time pro hexagonal final, mas ganhou o Campeonato Mineiro. Ganhamos o campeonato mineiro... e, modéstia à parte, a gente ganhou de 4x1 do Cruzeiro no Infantil em Itaúna e ganhamos deles aqui mesmo na Toca da Raposa de 2x0. Então em 2007 foi uma confirmação, uma afirmação de que o serviço que o Dimas Fonseca estava fazendo era um serviço interessante. Tanto nessa área interdisciplinar, ele confia no meu trabalho, quanto na questão de performance mesmo, de resultado.*

A partir desse relato de Jairo e das nuances empresariais dos clubes, tão citadas até o momento, podemos ressaltar dois pontos que nos ajudam a entender o funcionamento do mercado futebolístico: as “filiais de clubes”, mencionadas no capítulo anterior; e a utilização de jogadores e de outros profissionais dessas filiais como uma espécie de exército de reserva (de mercado...).

Como nos explica Lazzarato (2010), as relações mercadológicas neoliberais se organizam pela concorrência, competição, pelo “jogo formal” entre desigualdades. Esse jogo instituído, porque continuamente alimentado, sustenta a prática do futebol como a vemos hoje. No caso acima, ao mesmo tempo que era preciso manter vivo o sonho dos meninos das escolinhas para formar uma reserva de “pés-de-obra”, o Campeonato Mineiro Juvenil era um nicho ainda não explorado, em virtude de a equipe principal estar disputando um campeonato internacional – vitrine de jogadores mais ampla e importante.

Contribuindo com essa problematização, diz Fragelli (2008) sobre o perfil ideal do atleta de alto-rendimento: “O atleta de alto rendimento caracteriza-se por um perfil específico que reúne não só a habilidade vocacional para a prática esportiva, como também pela busca incessante de novos desafios e marcas a serem atingidas. A autoconfiança, a superação dos próprios limites e a automotivação são marcas registradas do atleta de alto rendimento”. (Fragelli, 2008, p.27)

O campeonato, portanto, serviu como dispositivo para maximizar as potencialidades de sucesso e manter a motivação e confiança dos jogadores até então não utilizados – bem como a dos outros profissionais, até então, igualmente, de segunda linha. Ao mesmo tempo, competições como essa propiciam a circulação desses jogadores-peça, visto que, a partir delas, algum olheiro de clube ou empresário poderia “descobrir talentos” e neles investir.

Não importa se o trabalho é bom, no sentido de reflexivo e crítico: ele tem de ser produtor de vitórias para garantir a permanência e promoção daquele que trabalha. Porque, se não o for, algum outro será. E o trabalho daquele outro, que será bom, nunca será bom o

suficiente e estará em constante competição com os trabalhadores concorrentes. O mercado gera uma demanda permanente, aumentando a competitividade entre os profissionais.

Desde cedo os atletas passam a sentir a pressão por resultados positivos: se pertencem a times mais modestos, na esperança de serem descobertos por dirigentes de times grandes; se já estão nestes últimos, para neles se manterem ou então conseguirem transferir-se para algum clube internacional – preferencialmente europeu.

Os mirins já participam de campeonatos oficiais, evidenciando não só um aumento da carga de exercícios físicos, como conflitos resultantes do estresse competitivo. Fragelli (2008) atribui ainda à ênfase excessiva na vitória, somada aos interesses do mercado, parte da responsabilidade pela “onda de indisciplina, violência” e uso de *dopping*. O que não é de espantar, já que a própria formação do jogador de futebol é fruto de micro-violências cotidianas.

O que a trajetória contada por Jairo deixa à vista é que esse princípio não regula somente o trabalho dos atletas, mas igualmente o dos envolvidos em sua formação. Foi a sequência de bons resultados daquela equipe secundária da escolinha-filial do Cruzeiro que legitimou Jairo como bom psicólogo para trabalhar nas categorias de base do clube. “*O objetivo aqui é bola na rede*”, como disse ele.

Ainda segundo Fragelli (2008), o negócio futebol produz cerca de seis mil jogadores profissionais por ano no Brasil. E o mercado não consegue absorver todo este contingente, mesmo considerando-se que cerca de quatro mil profissionais, nos últimos anos, foram colocados em centros fora do país. Cada vez mais precocemente, aliás, evidenciando por vezes situações de trabalho escravo, atletas jogando por comida e lugar para dormir, chegando a ter, eventualmente, seus passaportes retidos. São quase oitocentos atletas que deixam o país anualmente, atraídos pela possibilidade de fazer fortuna e obter sucesso. Deles, desiludida e frustrada, a metade retorna.

## 5.2 Há coisas que só acontecem com o Botafogo

O Estádio Caio Martins, “casa” do Botafogo em certo período, encontra-se sob concessão ao clube desde 1981. Atualmente, funciona como centro de treinamento para as categorias juvenil e juniores do alvinegro carioca. Interessante notar que, geralmente, as

categorias de base dos grandes times herdam os espaços deixados para trás pela equipe principal. É o caso do Botafogo que, antes de retornar à sede de Marechal Severiano, passou por Marechal Hermes e pelo Estádio Caio Martins em sua itinerância – espaços estes utilizados atualmente como centros de treinamento da base do clube.

Inaugurado em 1941, portanto, provavelmente projetado ao final da década de 1930, o Caio Martins não fora construído para a finalidade do treinamento e sim do espetáculo, diferentemente da Toquinha, em Minas Gerais, inaugurada em 1973<sup>19</sup>.

Na época da construção do Caio Martins, o jogador de futebol – recém-profissionalizado (1933) pela legislação social e trabalhista do governo Vargas (CALDAS, 1990) – vivenciava questões algo distintas das atuais, como, por exemplo, a forte segregação socioeconômica e racial, presente inclusive nos clubes. A aceitação de jogadores operários e negros, apesar de acontecer, não era bem vista pelos jogadores oriundos da parcela de maior poder aquisitivo, tampouco pelos sócios.

Naquela época, treinava-se e disputavam-se campeonatos no mesmo espaço, como acontece na base<sup>20</sup>, atualmente. Hoje, em decorrência de os campos de treinamento, com suas modestas arquibancadas, não suportarem a quantidade de torcedores-espectadores das partidas, via de regra – ao menos nos grandes clubes –, treina-se em um CT e recebem-se adversários para a disputa de partidas oficiais em estádios.

Como dissemos, a idéia de formação, nos anos de 1940, não estava presente da forma hoje predominante. O profissionalismo se aproximava muito mais de um regime de troca do que de um regime de remuneração: o vínculo entre clubes e jogadores era muito mais moral do que comercial (GUERRA, 2005). Não mudar de time era uma questão de caráter e amor pelo futebol.

O então governador do estado do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto, queria que alguns jogos do Campeonato Carioca pudessem acontecer na cidade de Niterói (RIO DE JANEIRO, 2011), à época capital daquele estado. Talvez por questões econômicas e/ou propagandísticas, uma vez que o esporte bretão já levava muitos torcedores às arquibancadas e o acesso ao então Distrito Federal era mais demorado, pois ainda não existia a famosa ponte que liga as duas cidades.

Conheci brevemente o Caio Martins em fevereiro de 2011, quando fui ao encontro de Teresa Fragelli, atual coordenadora do serviço de psicologia das categorias de base do

---

<sup>19</sup> Segundo divulgação do próprio clube, o primeiro centro de treinamento projetado para concentração de uma equipe de futebol no Brasil. (CRUZEIRO ESPORTE CLUBE, 2011)

<sup>20</sup> Embora em alguns campeonatos os jovens jogadores também disputem as partidas em estádios. Principalmente os atletas da categoria junior.

Botafogo. Era um sábado, nove horas da manhã, quando cheguei ao centro de treinamento. Identifico-me ao segurança que guarda o portão do estádio. Adentro sem maiores empecilhos. Enquanto aguardava à beira dos campos de treinamento, o senhor que me recebera dirigiu-se até a psicóloga, que conversava com os goleiros.

Sol de verão em Niterói. A céu aberto, os garotos do Juniores já estavam em campo, treinando para a partida que aconteceria no dia seguinte. Do lado de fora, alguns pais observavam.

Teresa vem ao meu encontro e andamos até uma sala localizada atrás da arquibancada. Não uma sala qualquer: a sala da psicóloga, onde iniciamos a entrevista.

Diante da pergunta sobre sua história com o futebol, Teresa me conta que começou a atuar no esporte em 1998, no Fluminense Football Club, onde permaneceu durante dez anos. Naquela época, após dez anos trabalhando como psicanalista em consultório particular, sentia-se solitária e resolveu buscar novas possibilidades...

*Eu sempre gostei muito de esporte. Minha filha mais velha jogava vôlei. Por conta disso, eu acompanhava muito os jogos, conversava muito com o técnico, dava muita dica para o técnico sobre como ele deveria abordar certas meninas. Ele também me pedia muita opinião, então foi assim, quase que naturalmente, que eu fui exercendo a psicologia esportiva.*

Teresa participou, então, de um curso sobre psicologia do esporte oferecido por psicólogos do Vasco da Gama e do Flamengo<sup>21</sup>. Tal acontecimento a incentivou a especializar-se, ao mesmo tempo que elaborava um projeto de intervenção, apresentado a vários clubes. Porém, o fato de naquela época não haver, no Rio de Janeiro, pós-graduação na área esportiva e a aceitação do projeto pelo Flamengo a fizeram desistir da especialização. “*Mas aí o técnico caiu...*” e Teresa não pôde dar prosseguimento ao projeto naquele clube.

Posteriormente, a psicóloga soube que o Fluminense realizaria uma seleção para incorporar o serviço de psicologia a sua estrutura, impulsionado pela mudança recente de coordenação na base. Foi aceita e permaneceu no clube pelos dez anos que se seguiriam, dos quais se orgulha:

*O Fluminense há muito tempo não ganhava títulos importantes nas categorias de base e a partir dessa mudança de mentalidade, coordenação e tudo, nós fomos o maior*

---

<sup>21</sup> Clubes cariocas com os mais antigos departamentos de psicologia, respectivamente criados em 1986 e 1990.

*clube vencedor do Rio de Janeiro. Nós ganhamos 63 títulos. Inclusive dois mundiais no sub-15, o que nenhum outro time carioca nunca ganhou, e nós fomos bi-campeões, feito só reproduzido pelo Barcelona. Então o Fluminense passou a ser o clube mais importante em termos de categoria de base. E aí tive quatro passagens no profissional.*

Interessante notar que assim como na narrativa de Jairo, na de Teresa a ascensão na hierarquia das equipes se dá após a vitória dos times com os quais trabalhava, citado como efeito de principal destaque na atuação do psicólogo. As vitórias das equipes de base a levaram a ser chamada para trabalhos pontuais com a categoria principal. A psicóloga, naquele momento tricolor, logo começa a falar sobre sua relação com o futebol profissional:

*Porque lá no fluminense, o psicólogo lá no profissional, depende muito da boa vontade, vamos dizer assim, do treinador. Então, se o treinador quer, ele manda chamar; se o treinador não quer, você volta pra base.*

Em vários outros momentos, Teresa menciona o poder quase ditatorial exercido pelo técnico de futebol, o que me levou a perguntar-lhe sobre as diferenças entre o trabalho do psicólogo na base e no profissional. Ela me responde:

*O problema [da psicologia atuando junto ao futebol profissional] é que o treinador tem um poder ilimitado. O treinador é Deus. Ele se acha e é tratado como Deus, principalmente quando está ganhando. Então ele pode exigir tudo. [...] Se o técnico diz que não quer, o clube, geralmente, não vai contratar, mesmo em lugares, como por exemplo, o Flamengo. É um clube em que eles mantêm o psicólogo esportivo sempre, independente de técnico ou não. O que não quer dizer que o psicólogo esportivo trabalhe. Porque já houve ocasiões em que o técnico chegou ao Flamengo e foi obrigado a trabalhar com o psicólogo esportivo. E aí é muito fácil ele anular o poder do psicólogo esportivo. Ele proíbe o psicólogo de assistir preleção, de observar os treinos... ele não troca nada, nenhuma informação, ele não encaminha nenhum jogador. Então, praticamente, o psicólogo tá ali de enfeite.*

O treinador, em sua rotina, conversa com os seus atletas e os observa sistematicamente, elaborando, ele mesmo, perfis (não apenas psicológicos) de cada um. Teresa assinala que os técnicos, por acharem que o que fazem é muito semelhante ao trabalho

do psicólogo, acabam julgando o trabalho da psicologia desnecessário. Essa questão agrava-se quando se alimenta a fantasia, por conta do sigilo profissional, de que o psicólogo deteria um saber maior, que ameaçaria o saber do técnico.

Fazendo-se aqui uma pequena brincadeira com a psicanálise lacaniana, irônico seria pensar o sujeito-suposto-saber agindo contra o psicanalista! Ao invés de o técnico achar que o saber do psicólogo sobre o atleta o ajudará e estabelecer-se uma transferência, ele acha que aquele saber o ameaça; ou, no mínimo, que é desnecessário.

Em tom mais sério, não é de estranhar o técnico sentir-se ameaçado: em sua concepção, aparentemente, o trabalho do psicólogo seria muito semelhante ao do próprio técnico - “fazer perfis e conversar”, visando a saber qual jogador funciona melhor e onde funciona melhor, seja dentro ou fora das quatro linhas. Pensando nisso e invertendo um pouco o jogo, não seria o psicólogo com suas observações, perfis e dinâmicas de grupo, que desempenha função semelhante à do técnico? Não seria o psicólogo um técnico em psicologia do esporte, cada vez mais capturado pela dinâmica do futebol-força? Penso ser este o caminho que está sendo construído, ao menos com base no que me dizem os entrevistados.

E o psicólogo, com medo de perder um espaço ainda em conquista, e de ser julgado inútil diante outros saberes mais claramente instrumentalizáveis, talvez esteja colaborando na manutenção de certos estereótipos ou “fantasias”, como por exemplo: “aquele que sabe como funciona a mente de cada um”; “aquele que através de aplicação de testes, produção de perfis, observações e dinâmicas de grupo, visa à adaptação do jogador para o bem da equipe e o bem-estar do atleta”.

Como podemos ver, essas “fantasias” não são tão fantasiosas assim. Em certos momentos, tornam-se bem reais: para o bem da equipe, a docilização do atleta!

Questiono-me se não poderia ser outra a função do psicólogo: fazer-se desnecessário ao potencializar algum fio, ao menos, de autonomia que possa vir a aparecer nas práticas cotidianas de jogadores, técnicos e equipes, nessa instituição futebol – não tão flexível em suas relações internas quanto é em suas relações com o mercado global de “pés-de-obra”. Melhor dizendo, talvez fazer-se não inútil, mas inutilitário. Não é a esse sentido de desnecessário, contudo, aquele a que Teresa se refere em nosso diálogo.

Voltando à trajetória de Teresa pelo futebol, em 2008 a psicóloga decidiu sair do Fluminense e abandonar o trabalho com o futebol. Disse sentir-se desmotivada pela ausência de desafios, uma vez que as vitórias das equipes de base tornaram-se constantes. Atendendo à recomendação de seus colegas do CEAPERJ (Centro de Estudos Aplicados em Psicologia do

Esporte do Rio de Janeiro).<sup>22</sup>, só se demitiu após conseguir deixar em seu lugar uma estagiária que era sua aluna no SPA (Serviço de Psicologia Aplicada) de uma faculdade particular da qual era professora. Como me explicou Teresa:

*Aproveitei, então, uma menina que trabalhava comigo havia dois anos. E sobressaiu até no trabalho. Perguntei pra ela se queria ficar no meu lugar. Então eu esperei ela se formar, faltavam seis meses, continuei no Fluminense e depois foram mais seis meses pra eu conseguir que o Fluminense a contratasse com as mesmas bases salariais do que as minhas.*

Teresa fala a seguir sobre a política que se exerce quando um psicólogo ligado ao CEAPERJ demite-se:

*A gente tem esse compromisso quando a gente sai. A gente tem que deixar alguém no lugar. Porque se você sair pura e simplesmente, não ocupam mais essa vaga.*

Essa prática sinaliza a grande preocupação com a ocupação de espaços profissionais pelo psicólogo no esporte, por integrantes desse grupo. Além da difícil inserção no campo, a psicologia do esporte, ao contrário do que o nome sugere, não é prática exclusiva dos psicólogos – na academia, é uma disciplina muito mais comum nos cursos de Educação Física. Em 1939, quando foi criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos<sup>23</sup>, na Universidade do Brasil<sup>24</sup>, a Psicologia Aplicada constava como disciplina obrigatória na grade curricular do curso superior. (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2011) Atualmente, enquanto a disciplina Psicologia do Esporte é obrigatória na maioria dos cursos de Educação Física – além de sempre presente nas especializações em Ciências do Esporte –, nos cursos de graduação em Psicologia é oferecida, quando muito, como optativa ou estágio.

Para além da graduação, há alguns cursos e especializações *lato-sensu* oferecidos Brasil afora. Nos cursos ministrados pelo CEAPERJ, por exemplo, são abordadas temáticas relacionadas à prática do psicólogo esportivo, como: elaboração de perfis individuais e de

---

<sup>22</sup> Em 2001, foi oferecido o primeiro curso de especialização em Psicologia Aplicada ao Esporte de Alto Rendimento no Rio de Janeiro, do qual todos os psicólogos então atuantes em clubes participaram. Alguns daqueles profissionais formaram um grupo de estudos e, posteriormente, um grupo de trabalho que presta serviços de psicologia voltados para o esporte – O CEAPERJ. Hoje participam desse grupo quase todos os psicólogos esportivos que atuam no Rio, oferecendo: cursos, consultoria, pesquisa e supervisão para atletas e equipes esportivas.

<sup>23</sup> Primeiro curso superior de Educação Física no Brasil.

<sup>24</sup> Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

grupo, dinâmicas motivacionais, aplicação de testes, psicodiagnóstico individual e da equipe, laudos, acompanhamento de atletas e de pais (FRAGELLI, 2008).

Em meio a disputas pela “tutela” da especialidade, chama-me a atenção o trecho citado abaixo, encontrado na dissertação de mestrado de Fragelli (2008). Nele, a autora (que é a entrevistada à qual me refiro nos parágrafos acima) afirma ser um dos objetivos do CEAPERJ:

[...]a elaboração de uma linha de trabalho com condutas, princípios e metodologia unificadas em prol de uma prática que atenda ao compromisso ético da psicologia esportiva” (FRAGELLI, 2008, p.50)

A unificação da especialidade não é preocupação exclusiva desse grupo. Teresa me diz que o COB (Comitê Olímpico Brasileiro) – visando às Olimpíadas de 2016, no Brasil – ofereceu um curso científico de preparação para o trabalho com atletas olímpicos. De duzentas pessoas integrantes de comissões técnicas – preparadores físicos, fisiologistas, médicos, psicólogos, dentre outros –, quinze foram selecionadas para uniformizar e multiplicar o atendimento a tais atletas. Dentre elas, três psicólogos, incluindo Teresa, que viajarão pelo país preparando pessoas para atuar em um mesmo modelo de trabalho.

É complicado falar em unificação de uma especialidade que, em si só, são muitas. Dos quatro psicólogos formalmente entrevistados para a presente dissertação, todos trabalhavam de formas diferentes e com embasamentos teóricos diferentes. Há de se questionar, em especial, se é mesmo necessária (ou desejável) essa unificação de condutas, princípios e metodologia em um campo tão heterogêneo. Seria isso possível? Seria o referido “compromisso ético” compatível com a homogeneização e universalização dos modos de se fazer psicologia do esporte? Ou seria essa uma forma de legitimar a profissão perante técnicos e dirigentes? Aparentemente, estamos mais próximos da segunda opção: uma moral capitalístico-corporativa, mais do que uma ética singularizante e tendente à autonomização (dos psicólogos e de seus “clientes”).

Um ano e meio após deixar o Fluminense, Teresa foi indicada ao Botafogo pelo treinador de goleiros com quem trabalhara no tricolor carioca. Procurada pelo coordenador da base do clube alvinegro, a princípio, recusou o convite. “[...] e ele me fez uma proposta irrecusável, que seria coordenar a base”. A partir daí, Teresa começa a relatar sua experiência de oito meses no Botafogo, quando se assustou ao deparar-se com a realidade do clube...

*Então eu cheguei aqui no Botafogo. A base estava destruída. Essa nova presidência que foi reconstruindo a nova base do Botafogo. E eu, até no primeiro dia, falei: O que é que eu vim fazer aqui? Era como se eu tivesse voltado há dez anos quando eu cheguei ao Fluminense, só que agora eu sou dez anos mais velha, né?*

A Base do Botafogo, anteriormente a essa mudança de coordenação à qual Teresa se refere, não recebia muita atenção dos dirigentes, sendo publicamente conhecida a situação de abandono em que se encontrava nos últimos anos. A psicóloga conta como se deu o início de seu trabalho:

*Eu fiz alguns pedidos que foram atendidos: trabalho aqui com um grupo de psicólogos, um em cada categoria, eu fui aos poucos trazendo. No primeiro momento, eu fiquei com todas as psicólogas que já estavam aqui, e depois, num segundo momento eu fui trazendo as minhas estagiárias, porque são as que sabem funcionar no jeito que eu funciono, né?*

Por um lado, estabelece-se um limite importante para os psicólogos, ou seja, de que é inviável os clubes contratarem apenas um profissional para todas as quatro, muitas vezes cinco categorias de base, como é comum nos clubes brasileiros. Nesse aspecto, talvez pela aliança dos psicólogos do esporte cariocas, os clubes do Rio de Janeiro se diferenciam dos mineiros. Por outro lado, o corporativismo e a homogeneização das formas de fazer psicologia do esporte se apresentam, visto que garantem o emprego àquele que “funciona do jeito que eu funciono”.

Teresa me diz que é formada em psicanálise, mas, nas categorias de base, trabalha com psicoterapia breve focal de base analítica. Assim explica do que se trata:

*Teoricamente, seria a escuta analítica, mas com o estabelecimento de alguns focos. O que faz, não é assim, o encurtamento de uma terapia. Mas é uma postura mais ativa do terapeuta; é você trabalhar só com alguns focos; é você não se deter muito na neurose de transferência; é você trabalhar mais a situação do aqui e do agora. Então eu trouxe pro futebol essa linha de trabalho.*

O trabalho desenvolve-se como o descrito nos objetivos do curso oferecido pelo CEAPERJ: elaboração de perfis individuais e de grupo, dinâmicas motivacionais, a aplicação

de testes, psicodiagnóstico individual e da equipe, laudos e o acompanhamento de atletas e de pais (Fragelli, 2008). Teresa, na entrevista, acrescenta ainda a troca constante de informações com os profissionais envolvidos na formação do jogador, “recolhendo” informações sobre os atletas; observações de campo; conversas individuais, baseadas nos princípios da psicoterapia breve focal, com atletas encaminhados por outros profissionais ou que a procuram espontaneamente, “ou, às vezes, um atleta é beneficiado, então ele encaminha outro” e trabalho de concentração individualizado com goleiros, os únicos para os quais o trabalho semanal com a psicóloga é obrigatório.

O goleiro diferencia-se dos demais jogadores dentro de campo, pois, além de ser o único autorizado pela regra do jogo a utilizar as mãos, é também o atleta diretamente responsável por evitar o objetivo do esporte – o gol. Por isso, muitas vezes é responsabilizado individualmente por fracassos da equipe. Muito se fala sobre as boas características de um bom goleiro: a frieza, a calma e o auto-controle. Daí o trabalho diferenciado com aqueles que ocupam essa posição em campo. Teresa esclarece que o trabalho semanal individualizado e obrigatório acontece em virtude da atenção concentrada exigida, em especial, desses que ocupam tal posição em campo.

Interessante notar também o tom punitivo que pode assumir o trabalho individual com os atletas quando associado à indicação por um colega de equipe – não qualquer colega, mas aquele considerado exemplo de conduta. A psicóloga acrescenta que no trabalho com a psicoterapia breve focal, como o nome sugere, há um foco pré-estabelecido. No caso do atleta, geralmente, o foco relaciona-se diretamente ao rendimento.

Durante a narrativa de Teresa acerca das etapas segundo as quais se desenvolve o seu trabalho, outros analisadores emergiram:

*Então eu faço perfil individual, um perfil assim... é uma entrevista sistematizada com perguntas que são relevantes pra isso. Depois desse perfil eu aplico uma bateria de testes, dentre esses testes o mais importante é o Pomes que é um inventário de personalidade muito usado. E o interessante do Pomes é que ele tem um gráfico, e através desse gráfico é quase como se você fizesse uma radiografia, **então você tem o que mostrar para o atleta, porque o atleta ele está muito acostumado**: “Ah, você está com uma lesão, não pode jogar”. E aí alguém vem e mostra [na radiografia ou em outros exames]: “Aqui a sua lesão”. Então a psicologia, dentro desse meio que é **muito exato, e muito pra ontem, e de resultado positivo**, ela é vista como alguma coisa assim **meio... guru... meio mágica que não entrava dentro dessa eficiência que é exigida**. Então o que aconteceu, a gente teve que começar a ocupar um espaço*

*também assim meio que de **garantir resultados**. Então eu nunca falo com o treinador quando ele chega pra mim assim: “Dá pra você fazer um trabalho com esse atleta?”. Eu sempre digo pra ele que dá. E aí depois eu me viro pra ver como eu vou fazer. Então a gente faz, aí você mostra pra esse jogador, a gente tem um gráfico, e quando ele vê esse gráfico que a gente mostra pra ele, o gráfico que é quase uma radiografia dos sentimentos dele, ele acaba ajoelhando e rezando. “Realmente, isso aqui deu alto porque essa semana...”. E aí ele dá uma gama enorme pra gente discutir com o atleta. Ele não pode mais dizer assim: “E aí, tá tudo bem?” e ele dizer: “Tá, tá tudo bem.” E quando você mostra aquilo ele tem que explicar porque aquilo aconteceu. Aí quando eu vejo necessidade eu vou além. [grifos nossos].*

Pergunto-me se esse desconforto seria do jogador ou do psicólogo que se sente obrigado a responder a demandas de modelização do atleta contemporâneo. No futebol de resultados, o trabalho bom é aquele que traz resultados objetivos, que levam a equipe à vitória. Uma grande questão para o psicólogo do esporte é que não há garantias em seu trabalho de uma produção direta, objetiva e visível, de gols e vitórias.

O resultado do trabalho do psicólogo, pelo que pude observar em minha itinerância pelo futebol, é medido da seguinte forma: pela disciplina dos atletas, traduzida dentro de campo em auto-controle, equilíbrio, racionalidade, liderança, agir coletivo, dentre outros; pela utilidade de dados e diagnósticos produzidos sobre a personalidade dos atletas: quanto mais gráficos, tabelas e relatórios, melhor. Vitórias da equipe, por um lado; senso de realidade dos jogadores sobre a falta de espaço no mercado para todos, quando o clube está prestes a dispensar algum, por outro. Este último aspecto é bem importante, e já fora frisado por Jairo, psicólogo do Cruzeiro, ao referir-se à falta de alternativa profissional dos jogadores quando dispensados.

Os profissionais que cuidam da preparação dos jogadores parecem fugir do desconforto das incertezas e do acaso, como se isso fosse realmente possível. Armam-se contra esse desconforto, racionalizando e objetivando tudo o que for possível em suas práticas, para que elas se adaptem às exigências do “*muito exato, muito pra ontem e de resultado positivo*”. No caso do psicólogo, esse desafio da adaptação tona-se maior, pois é chamado a lidar com os atravessamentos subjetivos e imprevisíveis do futebol. É como se quisessem que o psicólogo do esporte disciplinasse o *Sobrenatural de Almeida*.

Nelson Rodrigues traz esse personagem em diversos momentos, em suas crônicas, quando aborda os acontecimentos improváveis e inexplicáveis que aparecem em campo, e que decidem a partida.

O psicólogo é chamado a controlar as emoções do devir-jogador que resiste naquele atleta e, diversas vezes, entra no jogo do clube. Diz saber sobre o que não se sabe, entra por onde o deixam entrar. É nessa dinâmica que se estabelecem, dentro dos CTs, efeitos outros em seu trabalho. Num futebol onde “vencer ou vencer” (FRAGELLI, 2008) é o imperativo, o psicólogo exerce, dentre outras nuances possíveis, sua função disciplinadora. Mas, para além de disciplinário modelador e modulador de atletas, cumpre notar que também o psicólogo do esporte está sendo engendrado no exercício de forças que o modelam, modulam suas relações e criam as diversas psicologias do esporte.

### 5.3 Vamos cantando o hino do América, tão famoso e tradicional<sup>25</sup>

Continuando a itinerância pelos clubes de Belo Horizonte, fui ao Centro de Treinamento Lanna Drumond encontrar Alessandra Monteiro – psicóloga das categorias de base do América Futebol Clube de Minas Gerais. O CT abriga as categorias junior e profissional do América. Há uma tendência dos clubes, atualmente, em transferir a equipe Junior para o mesmo CT no qual trabalha a equipe profissional. É o caso dos três grandes clubes mineiros.

Essa movimentação vai ao encontro da profissionalização de jogadores cada vez mais jovens. Nesse sentido, a Lei Pelé (9.615/98) – que regulamenta, dentre outras questões concernentes às modalidades esportivas, a prática desportiva profissional –, institui que atletas maiores de dezesseis anos, ou seja, da categoria juvenil, assinem contratos profissionais e participem de competições junto à categoria principal. Sendo assim, quando ascendem à categoria junior, esses jovens também alcançam – ao menos pela cronologia instituída - a “idade adulta futebolística”, e seus corpos, após o trabalho de vários anos nas outras categorias, começam a adquirir uma forma semelhante aos dos jogadores profissionais.

Alem disso, todos já assinaram ao menos um contrato formal de trabalho, o que torna as exigências da categoria juvenil ainda mais parecidas com as da equipe principal. Muitos atletas, aos dezoito anos, ainda que experimentalmente, já estão jogando nas equipes principais de seus clubes, e a aproximação geográfica facilita a experimentação desses juniores na equipe profissional.

---

<sup>25</sup> Trecho do hino do América Mineiro.

Além disso, a categoria junior possibilita maior visibilidade na “vitrine” do mercado do futebol, pois é nela que efetivamente a competição torna-se espetacularizada e teletransmitida nacionalmente. Em termos capitalísticos, o menino que ascende à categoria profissional do clube no qual foi formado fornece um retorno do investimento feito em sua formação, uma vez que o clube economiza em contratações e ainda aumenta o valor financeiro agregado ao jogador. Aumenta também, paralelamente, a possibilidade de o jogador ser contratado por outro clube que lhe ofereça condições mais favoráveis, financeiramente.

A grande crítica dos dirigentes brasileiros à Lei Pelé é que tal medida legislativa, ao fazer corresponderem as regulamentações do esporte à flexibilidade do neoliberalismo global, aumenta as chances de os atletas formados por um determinado clube o “abandonarem” antes que o retorno financeiro aconteça. Em síntese, a Lei Pelé libera o jogador do regime escravocrata anteriormente vigente, quando estava em vigor a Lei do Passe (1976) – disposição legislativa que garantia a soberania praticamente absoluta do clube sobre o atleta.

No caso do América Mineiro, a falta de títulos expressivos nacionalmente, somada aos mais de quinze anos de ausência na elite do futebol brasileiro e à diminuição no número de sócios, culminaram na decadência econômica do clube. Apesar de sua tradição na formação de craques, raramente consegue mantê-los em sua equipe profissional.

Um pouco menos adaptado que outras agremiações à dinâmica do futebol neoliberal global, o América é, dentre os clubes citados no presente estudo, o mais conservador em suas relações internas. Esse aspecto reverbera na entrevista realizada com a psicóloga do clube, que traz à cena, como veremos, alguns analisadores do encontro da psicologia com o futebol.

Em abril de 2011, encontrei-me com Alessandra em uma avenida próxima à Lagoa da Pampulha. Dali, partimos em direção ao CT, localizado a poucos quilômetros de distância. Na entrada, apenas a cancela e o porteiro limitam o acesso. Seguimos em direção ao estacionamento, à beira de uma construção similar à encontrada no Cruzeiro: uma sala dotada de equipamentos para o exercício muscular dos atletas, outra para o médico e uma terceira para o fisioterapeuta. Ao lado, banheiros, sala de reuniões e um refeitório. Toda a área restante era ocupada pelos quatro campos de treinamento.

A equipe profissional viajara então para disputar uma partida pelo Campeonato Mineiro, fora de Belo Horizonte. Enquanto isso, no CT, os juniores disputavam uma partida amistosa contra a equipe do Betim Futebol Clube. Alessandra cumprimenta e conversa rapidamente com alguns jogadores que se exercitavam na academia, recuperando-se de lesões. Seguimos em direção a uma espécie de arquibancada improvisada, de onde se via o campo

onde acontecia a partida. Sentadas em um banco de concreto, assistimos ao jogo e conversamos.

Pergunto à psicóloga qual era sua história com o futebol. Ela responde que seu filho jogara no Cruzeiro desde o período da escolinha, permanecendo no clube até a categoria juvenil, quando se transferiu para o América, no início de 2011. Por conta disso, Alessandra sempre esteve próxima ao futebol, acompanhando o filho. Porém, como profissional, o ingresso de Alessandra ocorreu em 2008, quando participou de um curso de psicologia esportiva ofertado pelo Instituto de Futebol Wanderley Luxemburgo (IWL). Esta instituição, criada pelo técnico que a nomeia, oferecia cursos à distância, sobre especialidades no futebol. Os cursos eram transmitidos da sede do instituto, no interior de São Paulo, para as filiais em outros estados do país. Alessandra recebeu de um amigo o convite para participar de uma palestra de divulgação:

*Eu nem sabia que existia isso [a psicologia do esporte]. E aí eu fui, e na hora que eu escutei aquela palestra, eu me apaixonei. Eu já estava numa idade avançada, mas larguei consultório e fiz uma pós aqui [em Belo Horizonte], outra em São Paulo. Enfiei-me de cabeça.*

Após ter participado dos cursos, procurou o Cruzeiro Esporte Clube, onde trabalhou durante um curto espaço de tempo, naquele mesmo ano. Ao início dessa atividade, Alessandra foi ao Rio de Janeiro conhecer o trabalho do grupo de psicólogos do CEAPERJ, sobre o qual comenta: “O Rio é mais unido, eles brincam que é o clube dos onze<sup>26</sup>. Eles se juntaram e montaram essa clínica aonde fazem um trabalho bacana. Porque é tudo muito novo. Nós não temos teste, nós não temos literatura, tudo que tem é de fora”. É assim que Alessandra avalia a dificuldade em atuar numa profissão ainda pouco instituída e pouco aceita nos clubes de futebol.

Disse ainda que, inspirada na experiência do CEAPERJ e pela necessidade de discutir práticas exercidas em um campo ainda pouco institucionalizado, resolveu criar um grupo de psicólogos do esporte em Belo Horizonte. Entrou em contato com psicólogos de diversos clubes, os quais, no entanto, não se interessaram pela proposta. A única a aderir então à ideia foi a psicóloga do Vila Nova, Juliana, com quem atualmente mantém um clínica chamada *Esportivamente*.

---

<sup>26</sup> Referência ao Clube dos treze, associação que reúne os clubes economicamente mais expressivos do futebol brasileiro.

Durante o pequeno período em que estive no clube celeste, Alessandra disse não se ter adaptado ao trabalho, como relata a seguir:

*Era muita politicagem, muita coisa [...] eu não podia ficar na beirada do campo, eles ainda não deixavam ficar do lado do treinador. Queriam que eu fosse uma psicóloga clínica mesmo. [...] E a psicologia em si, do esporte, independente de qual setor esteja, não é a psicologia de consultório, né?*

A expectativa de uma psicologia clínica clássica, por parte do clube, choca-se, no caso, com as expectativas do psicólogo. Alessandra continua falando sobre a importância de conhecer o esporte com o qual se trabalha; igualmente de que a psicologia do esporte necessita de outras práticas que não as de mera transposição do ambiente do consultório para o do CT.

Aparentemente, foi em função dessa não adaptação aos propósitos do clube que o Cruzeiro dispensou Alessandra. Pouco tempo depois, contudo, ela foi contratada pelo América, onde diz ter mais liberdade para trabalhar, ainda que a pressão contra algumas práticas, por parte dos dirigentes, seja constante. A psicóloga cita, como exemplo, um acontecimento daquele mesmo dia, que a faz sentir-se renegada dentro do clube. Antes de encontrar-se comigo no CT, ela fora à sede administrativa do América para conversar com o diretor de futebol. Este havia reclamado da insistência de Alessandra em trabalhar junto à equipe junior, pois, segundo ele, os jogadores dessa categoria, por serem os mais velhos da base, não necessitavam de assistência psicológica.

A afirmação do diretor vem ao encontro do que o clube espera do trabalho do psicólogo: a adaptação. Talvez pelo fato de os juniores estarem mais adaptados às exigências do clube para tornarem-se atletas, os dirigentes do América julguem desnecessário o trabalho do psicólogo junto aos mesmos.

No caso dos jogadores da categoria juvenil, abaixo dos juniores, parece haver uma preocupação maior com relação a essa questão, como foi possível observar no encontro entre Alessandra e o coordenador da base, que presenciei, no CT, naquele mesmo dia. Ao sairmos da arquibancada improvisada, em meio ao jogo, para começarmos a entrevista em um local menos habitado, passamos pelo coordenador da base - figura que se destacava pela vestimenta e postura, em meio a outros espectadores presentes.

Trajando calça jeans e camisa social xadrez, e portando óculos da marca *ray-ban* e um chapéu de vaqueiro, o coordenador observava o jogo como um fazendeiro admira seu gado.

Ao ver Alessandra, cumprimentou-a e deu início a um pequeno, porém significativo, diálogo com relação às expectativas do clube. Eis como se deu, aproximadamente, tal diálogo:

- *Você estava de licença?* – pergunta o coordenador.
- *Estava sim. Fiquei dez dias de licença por conta de um problema de saúde.*
- *Nossa, você não sabe a falta que fez lá no outro CT semana passada. Estávamos com um volante e um zagueiro, os dois muito bons, mas não conseguiram se adaptar à rotina de treinamentos e acabaram voltando para casa. Creio que um influenciou o outro a ir embora. O zagueiro disse que não estava conseguindo estudar porque os treinamentos estavam muito pesados e ele não estava acostumado. Talvez, se você estivesse lá, poderia ter sido diferente.*

Nesse momento, o coordenador dirigiu-se a mim e concluiu:

- *E o pior é que, você sabe, em casa, o pai é caminhoneiro e a mãe não está nem aí, então ele não vai nem jogar futebol e nem estudar!*

Emergem, no diálogo transcrito acima, pistas relativas a um exercício de poder de tipo paternalista por parte daqueles designados a cuidar dos jovens jogadores. O clube aparece como um benfeitor, que provê ao futuro jogador – visto, no caso, como um jovem sem recursos materiais e “abandonado à própria sorte” – tudo aquilo que seus pais seriam incapazes de oferecer-lhes. Sendo assim, o coordenador não entendera a “absurda” escolha do volante e do zagueiro em negar a “benfeitoria” em questão e em não se submeterem à rotina disciplinarizante do CT.

Há também uma crença, por parte de dirigentes e técnicos, de que os meninos oriundos de pequenas cidades do interior do Brasil, filhos de famílias pobres, que desde novinhos jogam futebol descalços nas várzeas, com latas de alumínio e/ou laranjas – os “*nascidos para jogar futebol*” –, é que serão os grandes jogadores, nos quais se deve investir. Alessandra cita como uma espécie de contra-exemplo o seu próprio filho, apelidado, no Cruzeiro, “garoto de playground” – por ser um dos únicos jovens do clube nascido e criado em Belo Horizonte.

A despeito da revolta com o preconceito sofrido pelo filho, a psicóloga, naquele momento e em outros durante a entrevista, revela seu acordo com o pensamento do “clubebenfeitor”, exposto pelo coordenador.

Ao falar sobre as práticas que exerce no CT, Alessandra explica que trouxe de sua experiência no Rio o trabalho com a psicoterapia breve. Mas, diferentemente da psicóloga do alvinegro carioca, a terapia breve no clube alviverde funciona em um enfoque sistêmico; e, no caso dos jogadores que se recuperam de lesões, com o auxílio de sessões de hipnose ericksoniana, mediante a qual se focaliza a reabilitação do membro lesionado. Assim se expressa a psicóloga a respeito:

*Eu converso com o fisioterapeuta para saber o que é a lesão do atleta. Pra ele curar essa lesão, o que tem que acontecer? A cartilagem tem que crescer e ligar com o outro osso, por exemplo. Depois que eu entendi tecnicamente tudo que tem que fazer, eu faço a hipnose e faço a mentalização dessa cartilagem crescendo, ligando-se ao osso, a perna movimentando... e eu não posso te falar que é cem por cento, mas os meninos tem voltado a jogar mais cedo. Os que levam a sério, porque não são todos que trabalham e acreditam e respondem da mesma forma.*

A terapia individual e a hipnose ericksoniana não são, porém, as únicas ferramentas utilizadas por Alessandra, que diz trabalhar em cada grupo da base conforme demandas específicas - não somente em relação ao desempenho dos atletas, mas também visando a fazê-los pensar sobre o que buscam naquele lugar.

*Eu tenho um roteiro de trabalho. Por exemplo, os meninos que subiram para o CT [para a categoria pré-mirim] nesse ano, eu tento mostrar para eles o que é ser um jogador de futebol, quais são as características necessárias, o que eles acham que é um perfil psicológico. Porque tem o perfil físico, o técnico e tem o psicológico. O que eles acham que um jogador precisa ter. Num segundo momento, no infantil, eles vão buscar dentro deles o que eles têm, com técnicas que aprofundam mais...*

Nesse exemplo, é possível visualizar indícios de um trabalho que vá além da demanda adaptativa do clube. Ou seja, não somente impondo um saber psicológico aos jovens, mas igualmente buscando, no saber desses jovens, o que eles mesmos pensam ser a psicologia e o como poderia ela contribuir no momento - um trabalho, em suma, que ainda que vise a aprimorar o rendimento esportivo e a buscar algo que para tanto “falte”, passa talvez por uma mínima possibilidade de escuta do saber do jogador.

Dentre os campos profissionais presentes nos CTs, a psicologia talvez seja, das chamadas ciências do esporte, a que ocupa o lugar menos confortável. Marcada pelos mais

diversos modos de trabalhar, embasados, por sua vez, pelas mais diversas vertentes teóricas, visões de mundo e conceitos sobre a humanidade – muitas vezes revestidos de uma aura mística, como apontara a psicóloga do Botafogo –, a psicologia eventualmente amedronta dirigentes e técnicos. Estes desconfiam da eficácia desse trabalho “guru”, tanto quanto os próprios profissionais psicólogos, que, por seu lado, sentem a necessidade de territorializar-se nessa área de atuação e acabam, em diversos momentos, capturados por discursos e práticas acríticos.

Nesse sentido, surgiu durante as entrevistas um analisador ligado ao pertencimento do psicólogo à categoria de profissionais do clube: a do uso de uniformes. Alguns clubes consideram ser a comissão técnica composta apenas pelos especialistas ligados diretamente a funções de treinamento físico ou suprimento material; outros incorporam também os profissionais ligados à manutenção da saúde física do atleta, como os médicos, os dentistas e os nutricionistas. Em alguns clubes, esses últimos profissionais aparecem como integrantes do departamento médico. Os psicólogos, algumas vezes, constituem um departamento próprio, como ocorre no caso dos grandes clubes do Rio. Vêm-se, assim, de fora da equipe técnica, apesar de trabalharem junto à mesma, mas ainda assim mercando o seu espaço dentro do CT.

O uso do uniforme ajuda a que jogadores e outros profissionais identifiquem o psicólogo como integrante do grande grupo de apoio aos atletas e, ao mesmo tempo, ajuda o próprio psicólogo a se sentir parte importante, esteja ele dentro ou fora desse grupo de apoio.

Interessante é notar que, dentre os entrevistados para esta pesquisa, apenas Jairo – coincidentemente, o único psicólogo homem – não utiliza uniforme em seu ambiente de trabalho. Além de demarcar o pertencimento daquele que o utiliza como membro de uma comissão técnica, o uniforme também pode funcionar como dispositivo para “assexuar” aquele que o veste. No caso das mulheres, isso parece destinado a “facilitar” a inserção em um ambiente predominantemente masculino.

Porém o fato de ser a única mulher entre os muitos homens no CT do América não é o único atravessamento no trabalho de Alessandra. Em seus encontros com os atletas, em um primeiro momento, ela tenta enfraquecer algumas resistências dos jogadores com relação à psicologia, ao mesmo tempo em que desmistifica crenças comuns com relação ao trabalho do psicólogo, conforme comenta:

*Gente, eu não sou maga, eu não sou adivinha. De eu olhar pra você eu não sei quem você é. Pra eu saber dos seus problemas eu tenho que conversar bastante com você. Preciso às vezes fazer um testezinho com você, para descobrir como que é a sua*

*dinâmica de pensamento, como você é. Tenho defeitos tanto quanto vocês todos. Minha família também é problemática, meus filhos, tudo. Então eu não estou aqui pra ser melhor, eu sou igual a vocês e estudei muito e estudo muito. Então na hora que a gente sentar e que eu começar a entender você melhor, eu vou poder te ajudar porque foi o que eu estudei. Mas só de eu te olhar aqui eu não sei.*

Alessandra acrescenta, no entanto, que seu trabalho, por não ser reconhecido como algo processual por parte dos dirigentes e técnicos, encontra dificuldades no que tange à continuidade. O clube espera intervenções pontuais para “apagar incêndios”, contornar situações que aparecem no dia-a-dia e se tornam problemas. Do psicólogo se espera que os possa mediar e mesmo resolver, visando aos interesses do clube. No caso das categorias de base do América, destaca-se a preocupação com os jogadores que, ao ingressar na formação, precisam se adaptar à rotina do CT e às exigências do clube, não deixando que a distância dos amigos e a “saudade de casa” façam com que desistam da carreira - como aconteceu, por exemplo, com o volante e o zagueiro citados pelo coordenador do América, a que acima fizemos referência.

Secundariamente a esse trabalho, espera-se que o psicólogo ajude os dispensados pelo clube, em meio a esse processo sequencial de adaptação até a categoria principal, a pensarem em outras possibilidades de vida, fora da profissão de jogador de futebol. Cumpre lembrar que, durante muitos anos, lhes fora exigida dedicação exclusiva – quase os cerceando, pois, de experimentar outras possibilidades.

Alessandra aponta a importância do trabalho em parceria com o técnico, citando o exemplo de duas situações distintas vividas no América. Em uma delas, emerge a dificuldade de manter um processo de trabalho contínuo com alguma equipe quando o técnico vê a intervenção da psicologia como pontual e descartável: *“O técnico do infantil, por exemplo, tem vezes que fala: “Não, os meninos essa semana não estão precisando não”. [...] Então quebra o roteiro todo do meu trabalho. E aí eu tenho que ficar nesse jogo de cintura. Porque também, se eu bater de frente, não consigo nada”*.

Ainda sobre a relação desse técnico com a equipe, Alessandra narra um acontecimento curioso: um dos jogadores, decidido a deixar o clube, foi impedido pelo técnico de fazê-lo, a ponto de o atleta inventar que a mãe estava com câncer para poder ir embora. Sobre isso, diz ela: *“Não tem aquele entendimento de que o técnico está lidando com um ser humano que tem uma porção de qualidades, de defeitos, de sentimentos. Que ele não vai conseguir moldar o menino ali não”*.

Na segunda situação vivida no clube, dessa vez com o técnico do Juvenil, Alessandra expõe como, através da parceria com este, conseguiu modificar a forma como atuava. Inicialmente, havia no América “a sala da psicóloga”, onde eram atendidos tanto os atletas encaminhados por outros profissionais das categorias de base, quanto os que a procuravam espontaneamente. Porém, não era esse o trabalho que a psicóloga gostaria de desempenhar. Ao reparar que o técnico da equipe juvenil estava tendo problemas de relacionamento com sua atual equipe, procurou-o e propôs uma intervenção com o grupo. De início, o técnico resistiu à proposta; mas acabou aceitando.

Naquela oportunidade, a psicóloga mediou a conversa entre os integrantes da equipe e todos acabaram por explicitar suas insatisfações, bem como suas opiniões acerca do porquê de o grupo não conseguir relacionar-se e funcionar, tanto dentro quanto fora de campo.

Observei que o trabalho da psicóloga propiciou ao grupo colocar-se como grupo sujeito, ou seja, gerindo-se em meio às forças hierárquicas aprisionantes predominantes no futebol contemporâneo, e não como grupo sujeitado à linha de produção de jogadores em formação. Incluiu-se também no processo o próprio técnico, que, capturado pelos exercícios de poder que o mantinham em seu lugar hierárquico, não possibilitava à equipe um funcionamento mais autônomo.

Alessandra conta que, a partir dessa intervenção, conseguiu aproximar-se mais dessa equipe, na medida em que o técnico também se aproximava e abria espaço, inclusive, para outros especialistas do esporte ainda menos valorizados pelo clube, como a pedagoga e a assistente social, por exemplo.

Relata ainda Alessandra que sua sócia psicanalista na clínica *Esportivamente*, algumas vezes, critica-a pelo modo maternal de se relacionar com os jogadores. “*Mas eu acho que nesse primeiro momento eles estão precisando disso mesmo*”, enfatiza. Talvez por ser efetivamente mãe de um dos atletas com os quais trabalha, a psicóloga se sinta solidária à carência afetiva dos jovens jogadores que, em sua maioria, vivem em regime de semi-confinamento nos alojamentos dos CTs, distantes de familiares e amigos.

Durante as poucas horas em que estive junto à psicóloga e aos atletas que transitavam por aquele ambiente, não foram raras as demonstrações de carinho, nada burocráticas, entre os jovens e Alessandra. Em meio à entrevista, um dos jogadores aproximou-se com um saco de farinha que trouxera de sua casa, no estado do Acre, especialmente enviado por sua mãe para a psicóloga.

Alessandra conta ainda que é constantemente procurada pelos meninos para resolver pequenos problemas, como, por exemplo, providenciar o conserto de torneiras ou solucionar a

infestação de mosquitos no alojamento. Em outra ocasião, sensibilizada pela ociosidade em que viviam os jogadores que moram no outro CT do América, ela preparou um projeto no qual constava uma programação cultural para todos os domingos, durante um ano. Esta envolveria saídas para conhecer cidades próximas a Santa Luzia e idas ao cinema. Tal iniciativa, entretanto, foi vetada pelo departamento de marketing do clube, que a julgou desnecessária e dispendiosa, antes mesmo de procurar captar recursos – pela lei de incentivo ao esporte ou pelo patrocínio de empresas privadas – para que o projeto se concretizasse. Afinal, o clube já provê, ao seu “rebanho”, muito mais do que esses “abandonados à própria sorte” conseguiriam em outras circunstâncias, oferecendo-lhes comida, moradia e a chance de se tornarem produtos bem sucedidos no mercado global – penso eu, em um impulso irônico.

O América Mineiro sobrevive por conta de sua tradição, mas tenta atualizar-se conforme as exigências do mercado do futebol para voltar a pertencer ao grupo das grandes agremiações brasileiras – as quais, atualmente, entendem o futebol predominantemente como negócio. Nesse contexto, Alessandra encontrou um espaço no qual exerce a função de ajudar na adaptação dos atletas e de maximizar o rendimento esportivo das equipes. Ao mesmo tempo, todavia, é uma espécie de “mãe social<sup>27</sup>” dos jovens jogadores, transparecendo, em sua narrativa, mais que um roteiro de como fazer psicologia do esporte e contabilizar vitórias, suas relações cotidianas no ambiente do CT. Ela se mostra, talvez, mais próxima do dia-a-dia dos jogadores e suas demandas do que do trabalho adaptativo que lhe é exigido pelo clube. Por sinal, é provável que tenha sido no América que me deparei com práticas um pouco menos “engessadas”, uma vez que pela primeira vez, nas entrevistas realizadas para esta dissertação, falou-se mais de relações entre pessoas do que de relações entre cargos.

#### 5.4 Cidade do Galo

Abrigando todas as categorias de mirim a profissional desde 2005, a Cidade do Galo, CT do clube alvinegro, é o único onde todas as categorias de base treinam no mesmo local que os profissionais, embora a linha invisível da hierarquia e as divisões disciplinares do CT os seccione.

---

<sup>27</sup> Mãe social é aquela que reside junto e presta assistência a crianças e adolescentes em abrigos ou casas-lares (Lei nº 7.644/87).

Paula de Paula, além de psicóloga do Clube Atlético Mineiro, é professora de psicologia na unidade de Betim da PUC-Minas e de psicologia do esporte na Escola Brasileira de Futebol da CBF, ministrando aulas para futuros treinadores. Em janeiro de 2011, encontrei-a para a entrevista em seu consultório particular, onde atua como psicanalista.

De modo diferente dos outros entrevistados, Paula formou-se primeiramente em Educação Física e somente após algum tempo em Psicologia. Costumava trabalhar como treinadora de vôlei, esporte do qual fora atleta em sua juventude. Em 1985, ingressou no curso de psicologia da UFMG pensando em aplicar os conhecimentos sobre comportamento e subjetividade ao esporte, no entanto, durante o curso, descobriu a psicanálise freudiana. Passou então a trabalhar em um hospital psiquiátrico e acabou desistindo da educação física por conta das novas questões que o esporte lhe suscitava, conforme nos conta:

*Acabou que ou eu expulsava o esporte de rendimento da minha vida ou seria expulsa por ele. Porque no interior do esporte de rendimento eu começava a questionar os seus próprios princípios, então eu comecei a ser uma pessoa meio indigesta, e aí eu mesma descurti.*

A psicóloga percebera naquela época que não havia espaço no esporte de alto rendimento para as questões do sujeito – às quais começava a atentar. Porém, nunca se afastou totalmente dos esportes. Realizava trabalhos pontuais como psicóloga nos inícios de temporada de competições em modalidades como atletismo, natação, judô, futsal e, principalmente, vôlei. Apesar disso, as equipes não se interessavam em contratá-la para exercer a função de psicóloga, chegando inclusive a receber materiais esportivos como pagamento pelos serviços prestados, em certa ocasião. Iniciou sua carreira em psicologia do esporte no futebol de base em 2003, convidada por Ricardo Drubsky – então gerente das categorias de base do Atlético Mineiro – para desenvolver o projeto de criação do departamento de psicologia do esporte no clube. Paula conta que teve sorte de se encaixar no perfil almejado pelo gerente para o cargo: proximidade do mundo esportivo e experiência de mais de quatorze anos como psicóloga. Além do fato de não ser uma mulher tão jovem a ponto de haver o risco de que se envolvesse amorosamente com jogadores...

A psicóloga conta que uma vez na base – e, portanto, lidando diretamente com a formação dos atletas –, ao elaborar o projeto de atuação da psicologia do esporte para o Atlético, procurou pensar um meio de intervir no discurso do esporte de alto rendimento. Nesse sentido, explica que em seu trabalho aborda o esporte em três níveis: no primeiro,

intervindo no clube-empresa e na estruturação deste junto à gerência; no segundo, com as comissões técnicas; no terceiro, com as equipes de jogadores e, eventualmente, trabalhando com os atletas em atendimentos individuais.

Atuando no nível do clube-empresa, utiliza-se dos conhecimentos da Análise Institucional para intervir junto aos funcionários do clube: desde a gerência e as comissões técnicas até a cozinha, a hotelaria, a lavanderia, dentre outros serviços. Tais ações visam à transformação da forma como é organizada a vida dos jovens jogadores no CT, de maneira que os próprios jovens também possam participar e opinar sobre eventuais mudanças naquele ambiente – demasiadamente militarizado, de acordo com a psicóloga.

Paula justifica a importância da intervenção nesse nível, pois muitos dos meninos que treinam no CT também residem naquele local,

*porque os meninos estão ali [no CT] e fazem dali o seu lar. Então, todas as figuras: o cara que é o disciplinário da noite, o porteiro da noite, o da manhã... Todas essas pessoas cumprem funções de família. E por mais que aquilo seja um lugar para se morar, não forma uma família, ali é um lugar onde as pessoas não são irmãs, no sentido de que elas saem do quarto e tem que trancá-lo, se não alguém rouba suas coisas.*

Paula explicita uma questão recorrente nos CTs: não é por morarem todos juntos e nem por jogarem a favor de uma mesma equipe que aqueles jovens serão todos amigos. A rivalidade e a competitividade, ao contrário do que possa parecer, não estão presentes somente entre os clubes adversários, nem restritos ao período dos campeonatos: são engendradas no dia-a-dia da formação/produção dos atletas.

A menção a furtos apareceu em alguns momentos das entrevistas realizadas com os psicólogos. Ao que parece, são corriqueiros os roubos de dinheiro, roupas e materiais esportivos entre os atletas. Apesar disso, e da distância da família e dos amigos, muitas vezes os jovens preferem ficar alojados no clube por medo de que algum outro atleta, uma vez em tempo integral no local, tenha mais tempo para conquistar a simpatia do técnico e acabe ocupando o seu lugar no time – conta Paula. Nesse mesmo sentido de competição, Alessandra, a psicóloga do América, dissera sobre os garotos da base: “*Eles são amigos, mas no fundo um está torcendo para que o outro quebre a perna para poder entrar no lugar dele*”.

Em todos os clubes há uma cota de atletas para cada categoria e também para cada posição em campo. Manter a vaga em uma equipe de base é tarefa árdua, pois a rotatividade de jogadores sendo testados em peneiras ou indicados por empresários é alta. Além de estarem constantemente em avaliação – pelos técnicos e pelos especialistas –, estão, eles mesmos, continuamente se avaliando e se cobrando, lidando com a ameaça de serem plenamente substituíveis em suas condições de peças. Com tal situação se deparam todos os dias os atletas do Galo ao lavar as mãos antes das refeições:



**Figura 16: Placa afixada no lavabo anexo ao refeitório do hotel onde moram muitos dos jogadores das categorias de base na Cidade do Galo.**  
**Fonte: CLUBE ATLÉTICO MINEIRO, 2011.**

Na placa, lê-se: “Lembre-se apenas de que se você não treinar usando o máximo de sua capacidade haverá alguém com a mesma habilidade que a sua, e o dia em que vocês se enfrentarem ele levará vantagem” - ameaça nada sutil que estimula a vigilância do atleta sobre o próprio corpo e a competitividade entre os jogadores. Competitividade esta, aliás, efeito da subjetividade capitalística (GUATTARI; ROLNIK, 2007). Através do controle de si e da competitividade extrai-se o rendimento – tanto esportivo quanto financeiro – do corpo-atleta, produto do clube-empresa. Nesse processo,

Os indivíduos são reduzidos a nada mais do que engrenagens concentradas sobre o valor de seus atos, valor que responde ao mercado capitalista e seus equivalentes gerais. São espécies de robôs, solitários e angustiados, absorvendo cada vez mais as drogas que o poder lhes proporciona, deixando-se fascinar cada vez mais pela promoção. E cada degrau de promoção lhes proporciona um certo tipo de moradia, um certo tipo de relação social e prestígio. (GUATTARI; ROLNIK, 2007, P.48)

É em busca dessa promoção de que nos falam Guattari e Rolnik (2007) que milhares de meninos de diversas localidades do Brasil se lançam na engrenagem do futebol contemporâneo, muitas vezes se digladiando uns com os outros – sem saber ao certo a que estão servindo com tal luta, mas cada um com a certeza de que será o jogador-produto mais bem sucedido do mercado.

Paula observa que muitas vezes os atletas têm consciência da condição quase escravizante à qual se submetem, mas que essa condição acaba naturalizada como caminho edificante para o sucesso na profissão. O garoto acredita que precisa ter jogado futebol em campos de várzeas com latas no lugar de bolas, ser pobre, passar fome, rodar o país inteiro em busca de uma oportunidade, sofrer, cair e levantar-se como nas biografias dos grandes jogadores de outrora, para ser atleta – e nessa conta entram todos os tipos de abusos físicos e subjetivos que se possa imaginar. Por outro lado, os próprios dirigentes também acreditam e sustentam essa premissa, pois ela agrega valor ao seu produto. É o diferencial do jogador brasileiro que os “garotos de playground” – ainda que frequentem escolinhas de futebol desde muito novos –, nesse raciocínio, não possuem. Portanto, menor seria o potencial desses últimos de se tornarem craques rentáveis. Além disso, por não morarem nos CTs e geralmente terem acesso a outras possibilidades fora do futebol, esses garotos acabam desistindo da carreira futebolística.

Já se admite publicamente, desde pelo menos os anos de 1960 – quando o futebol brasileiro começa a se tecnicizar e a instrumentalizar os corpos atletas mais intensamente –, que ninguém nasce mais para jogar futebol de alto rendimento: todos seriam formados/produzidos para serem atletas. No entanto, se ninguém mais nascesse para jogar futebol, o que seria do celeiro de craques brasileiros, *órfão de pelés e de manés*, frente ao mercado global?

Foi em uma campanha pela valorização do produto nacional, embalada pela expectativa do hexacampeonato, que, quarenta anos após o futebol brasileiro ter rompido com tal naturalização, surgiu o *slogan* “*nascido para jogar futebol*” na camisa da seleção brasileira:



**Figura 17: Camisa da seleção brasileira em 2006, 2008 e 2011 respectivamente.  
Fonte: Divulgação CBF.**

Mas não somente o futebol brasileiro promoveria seu produto na Copa do Mundo de 2006. Em dezembro do ano de 2005 o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior divulgou em uma reportagem que o Brasil utilizaria o palco esportivo da Alemanha, país sede da Copa de 2006, para fazer negócios:

Para reforçar a imagem de que o talento brasileiro vai além dos campos de futebol, uma grande campanha promocional do Brasil foi lançada pela Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX-Brasil) na manhã de hoje em São Paulo e, simultaneamente (via webcasting), na Alemanha. O objetivo é ampliar a divulgação da Marca Brasil e aumentar o potencial da geração de negócios em 2006, principalmente na Europa. (BRASIL, 2005)

A intenção foi mostrar ao mundo que as indústrias brasileiras, assim como os jogadores, também era “talentosa”.

Após essa pequena discussão sobre a produção do atleta brasileiro, podemos entender melhor o interesse do Atlético em manter os atletas alojados no clube, como nos conta Paula:

*A gente tem uma prática no CT que é não alojar meninos com menos de 13 anos<sup>28</sup>. Embora isso aconteça às vezes, porque é uma luta para o clube entender. Porque eles estão numa corrida à caça de talentos. Então se você não aloja e o outro clube o faz você está perdendo. Então ficar pensando eticamente se seria mesmo legal pegar o menino de 13 anos, absolutamente longe de todos os vínculos familiares, a quilôoooooooo metros de distância [...] isso não é uma coisa que o clube começa a pensar com esse cuidado que a gente pensa, porque ao clube não interessa pensar. Para o futebol não interessa pensar isso.*

<sup>28</sup> Os clubes mineiros são obrigados pelo Ministério Público a não alojarem jovens menores de 14 anos.

E é na tentativa de “se fazer pensar isso” que Paula atua em um segundo nível, junto às comissões técnicas, em ações denominadas “conversas com a psicologia”. Consistem em reuniões constantes com as comissões técnicas para que seus integrantes possam tratar dos assuntos do treinamento no que diz respeito à relação entre eles e os atletas.

Essas reuniões parecem assumir um tom pedagógico, no sentido de tentar ensinar a técnicos, preparadores físicos e outros, algo que parece óbvio, mas naquele ambiente não é: que o atleta também é uma pessoa que deseja, tem medo, conflitos com a família, com a escola, a namorada, dentre outras questões. E, além do mais, que tais questões continuam existindo embora se queira que o menino as deixe guardadas no armário antes do treino. Melhor dizendo, que os formadores deveriam pensar além dos corpos mecânicos: pensar a formação não somente como produção de corpos físicos, mas como subjetividades e modos de vida – também ali produzidos, por mais que a tanto se neguem a pensar.

Por volta de 2008, o Atlético recebeu de um posto de saúde da região a doação de preservativos. Um dos médicos das categorias de base, então, procurou a psicóloga para conversar sobre o assunto. Essa simples ação gerou um curioso acontecimento analisador das relações entre os atletas e os outros profissionais no CT:

- *O que a gente vai fazer com essas camisinhas?* – pergunta o médico.
- *Não sei. Eu não uso!* – responde ironicamente a psicóloga, e continua:
- *Mas vamos pensar aqui: como a gente vai fazer bom uso dessas camisinhas?*

Paula relata que, em parceria com a comissão técnica e o departamento médico, elaborou um projeto a respeito dos preservativos:

*Aí a gente fez um projeto, todo mundo achou um máximo, bacana. Mas não saiu do papel porque eles queriam que eu pusesse o projeto em andamento, quando o projeto era pra que eles pudessem conversar com os atletas sobre camisinha. Que pudessem dizer que no DM [Departamento Médico] tinha camisinha e que eles podiam pegar a camisinha. E eles deram conta? Não! Só pode saber que se transa, mas não se pode falar. [...] Eu chegava à beira de campo e falava com o técnico: “Fulano! Vai falar da camisinha?!”. Mas eles não enxergam lugar para falar disso.*

Vale notar que, ao recusar-se a assumir o lugar de mediadora, tão desejado pelos clubes em suas demandas, a psicóloga convoca os outros profissionais a que, além de exercerem suas funções de produtores de corpos físicos, se impliquem enquanto formadores.

*Como escola também não é coisa de se envolver. Você vai falar com um técnico assim ó: “Fulano de tal não tá bem na escola.” E ele diz: “Não vem me contar! Fulano está excelente [em campo]! Bom demais. Não posso ficar sem ele!” Então assim o técnico não quer se envolver, porque se ele se envolver, ele vai ter que tomar medidas. E às vezes as medidas não são interessantes do ponto de vista do desempenho da equipe. Então é muito difícil. Por exemplo: nós perdemos um técnico agora, o Bicalho, que era uma pessoa capaz de deixar de levar um atleta para uma viagem internacional se ele não tivesse bom comportamento. Mas a pressão que ele sofria, inclusive da presidência, era enorme. Tipo assim, o cara tem que ir. É lá [em outros países, principalmente nos europeus] que estão os olheiros, é lá que nós podemos fazer negócio. Não interessa se o cara do ponto de vista moral é uma coisa fora do comum, uma aberração, não interessa, tem que por o menino pra jogar. Então eu acho que na base a gente tem esses problemas, entendeu? Um é a pressão pelo resultado, e a outra é a formação.*

A entrada do jogador em campo, nas competições, é importante não somente do ponto de vista do rendimento esportivo, mas igualmente do lucro que o clube consegue extrair de seus atletas. Logo, mesmo o “jogador ruim”, por mais que possa prejudicar o desempenho da equipe em algum momento, precisa estar em campo nas competições para estar na vitrine do mercado do futebol. Os campeonatos das categorias de base funcionam como verdadeiras feiras, onde os produtos estão à disposição, demonstrando suas qualidades aos empresários e olheiros de outros clubes – sempre atentos aos aspectos técnicos e ao comportamento dos jovens em campo.

Dessa forma, a educação formal dos atletas não é prioridade para o clube-empresa, pois o que ela agrega ao jogador-produto é muito pouco em relação ao seu valor de mercado, e os próprios jogadores tem consciência disso. Garantir a educação dos jovens, porém, pode agregar valor à imagem da empresa – entra na conta das “benfeitorias” do clube, como discutido em relação ao América Mineiro. Portanto, oferecer assistência pedagógica, psicológica e social “pega bem” para o clube - como em outro momento dissera Paula. Mas, nas relações internas do clube,

*É uma luta muito grande. Ela [a pedagoga] já trabalha há muitos anos lá, mas é uma luta. Uma coisa é dizer que o estudo é importante. É muito fácil dizer isso, mas na prática, o menino, ele volta toda a sua libido para o esporte, para o treinamento. E o*

*técnico, muitas vezes, agora já não acontece mais isso, mas eu me lembro de um técnico que falava com os atletas que estudar era importante porque nem todo mundo vai ser jogador. Mas o menino tinha que sair às dezoito horas para ir à escola e alguns técnicos começavam o treino às dezesseis, quando o sol estava mais baixo. E o treino acabava às dezoito, dezoito e quinze... Ou seja, o menino não ia na aula naquele dia. Mas se alguém fosse falar com o técnico que os meninos tinham que sair mais cedo por causa da aula, nossa! Eles me matavam! Não tem jeito... então, assim, agora, isso não acontece mais [...] O técnico sabe que o menino tem que ir pra escola, mas ele ainda não dá conta de um atleta que manda falar que não vai porque prefere ficar estudando de tarde. Nossa! Isso é muito difícil de um técnico aceitar. Ele que estude em outra hora, mas aquela hora é hora de treinamento. [...] Então não é o estudo o mais importante, nem pra família. É muito raro um pai e uma mãe ligar pra gente querendo saber como vai o filho na escola!*

Nesse momento, Paula se emociona e seus olhos ficam marejados. Conta que na época em que Ricardo Drubsky era gerente da base do Atlético, havia a idéia de se fazer uma escola dentro do CT, assim como acontecera no Cruzeiro, mas que ela e a pedagoga lutaram para que isso não acontecesse,

*Porque os meninos moram muito longe de tudo. CT é uma coisa assim: afastada de shopping, afastada da vida, afastada de tudo. É um campo de concentração. Por mais que ali tenha instalações modernas, higiênicas, confortáveis... Poxa, os meninos são adolescentes. E aí, se uma escola tivesse instalada ali, eles iriam ver as mesmas pessoas todos os dias. Isso é extremamente estressante. A gente acha que é bacana o menino pegar o ônibus e ir aquele bando para a escola. E lá eles terem colegas, por mais que falem muito e tenham que ter toda aquela rotina diferente. Mas lá eles são assediados porque são jogadores, lá eles podem fazer outras relações de amizade e amorosas também.*

Em um terceiro nível, Paula aborda a intervenção com os atletas em grupos operativos e o atendimento individual aos jogadores. Diz que inicialmente esse trabalho não era bem recebido pelos técnicos, que não entendiam o motivo pelo qual a psicóloga não aplicava testes para selecionar e cuidar de jogadores específicos – por serem “problemáticos” ou economicamente rentáveis para o clube. Ao invés disso, Paula promovia, ao ver dos técnicos, “joguinhos e brincadeiras” com o elenco: “Até que eles entendessem que o problemático é

*uma coisa que o grupo tem que resolver e não o psicólogo tem que resolver demorou muito” - comenta.*

Não é raro que esse tipo de demanda seja feita aos psicólogos e, como vimos até o momento, ela é constante nos ambientes onde se pratica futebol de alto rendimento. Tal demanda tem a ver com uma visão comum, corroborada por algumas teorias ligadas à psicologia, de que o problema é produzido – seja de forma inata ou aprendida – “na cabeça do indivíduo”. Discordando desse pensamento, Paula parece entender que a subjetividade é uma produção maquínica, modelada e fabricada no registro do social. Os indivíduos resultam de uma produção de massa, de agenciamentos coletivos de subjetivação que podem se individualizar, produzindo modos de ser e de viver que podem se cristalizar, mas que não são “naturalmente individuais” (GUATTARI; ROLNIK, 2005).

Paula ressalta que em decorrência dos trabalhos em grupo alguns atletas a procuram para conversar em particular, de forma espontânea; outras vezes, porém, são encaminhados pelo departamento médico.

*A psicologia tem uma demanda ali assim: quando parece que nada mais é possível ser feito, ai eles pensam – só pode ser a psicologia. Quando um menino se queixa de dor e não sai do DM [departamento médico], mas a tomografia não mostra dor, não mostra lesão. Ou que faz uma cirurgia junto com outro atleta e o outro já tá indo treinar e ele não consegue. Tem os encaminhamentos do povo da nutrição que quer saber como é essa coisa do menino que não emagrece, faz a dieta e não emagrece, ou que está magro demais – come os suplementos e não engorda. Enfim, o DM pra mim é o lugar da devastação do atleta.*

Constantemente ameaçados pelas exigências utilitárias que o futebol de alto rendimento solicita ao corpo-atleta, os limites e resistências do próprio corpo ao controle, ainda que sejam temporários, tornam-se problemas para o clube. Este, quase sempre como última tentativa, recorre ao psicólogo para controlar as peripécias do *Sobrenatural de Almeida*, personagem que, quando não está diretamente em campo, está eventualmente atrapalhando o trabalho do pessoal do departamento médico e brincando com a carreira dos atletas.

A partir da experiência de Paula no Atlético Mineiro é possível vislumbrar possibilidades de uma psicologia do esporte que questione a forma como o saber funciona e circula (FOUCAULT, 1995), um pouco menos adaptada, em suma, aos parâmetros de rendimento esportivo. Apesar de entender as peculiaridades e limitações de se trabalhar em

um centro de treinamento e as dificuldades de ser psicólogo nesse contexto, Paula questiona as relações de saber/poder vigentes e, na medida do possível, inventa modos de não sucumbir aos regimes de verdade e prática de técnicos e dirigentes, tentando fazer, em meio a eles, circularem outras potencialidades

## 6 “QUANTO VALE OU É POR QUILO?”: O EMPRESÁRIO, O JOGADOR-EMPRESA E O JOGADOR-PRODUTO

*Em março de 1950, o Bangu comprara Zizinho ao Flamengo por 600 mil cruzeiros, equivalentes na época a 33 mil dólares. Hoje parece pouco, mas fora a maior transação do futebol brasileiro até então. E não era pouco. Com aquele dinheiro, comprava-se um apartamento de dois salões e cinco quartos no Rio, com varandas debruçadas sobre o oceano Atlântico. Em junho de 1953, para ter Garrincha, o Botafogo pagou ao Serrano de Petrópolis, dono do seu passe, quinhentos cruzeiros, equivalentes na época a 27 dólares. Você leu 27. Foi a menor transação do futebol mundial em todos os tempos para um jogador da sua categoria. E não parecia pouco - era pouco. Com esse dinheiro, comprava-se, quando muito, uma bicicleta.*

Ruy Castro

Ao longo da presente dissertação, várias menções foram feitas à instrumentalização do jogador, às idéias de jogador-produto e jogador-empresa, e aos polêmicos empresários. Durante as entrevistas com os psicólogos das categorias de base, a presença desses últimos agentes foi constantemente citada. Neste capítulo, pretende-se discutir os impactos da Lei Pelé na formação do jogador; bem como o surgimento da figura do empresário gestor de carreiras e da vida dos futebolistas no mercado de jogadores e os efeitos do futebol empresarial na formação do atleta.

Vimos que nos anos de 1960, o desenvolvimento de táticas e a preparação física cada vez mais especializada dos atletas intensificam-se, criando uma divisão política entre os admiradores do *futebol-arte* e do *futebol-força* (RODRIGUES, 2004). Em 1970, o futebol brasileiro apresentava-se de forma mais competitiva, e os recursos investidos por empresas no esporte aumentaram.

Apesar do efeito disciplinar e polarizador dessa divisão política, vale lembrar que não existe oposição entre *futebol-arte* e do *futebol-força*. O que existe é uma tensão imanente entre forças mais, e menos flexíveis, que no futebol se traduzem em conflitos entre práticas progressistas – impondo uma necessidade modernizante – e tradicionalistas. Ambas aparecem ainda em tematizações tais como: amadorismo x profissionalismo; juventude x experiência; drible x passe; Maradona x Pelé; amor à camisa x dinheiro; colocar ou não chip na bola; utilizar ou não câmeras para auxiliar a decisão do juiz nas partidas, dentre inúmeros outros pares de opostos.

Também não é de hoje que nos deparamos com o *futebol-marketing*. Desde quando o futebol brasileiro começou a se afastar das práticas elitistas características da época do amadorismo – anterior aos anos de 1930 –, rumo à profissionalização, a utilização do futebol

como veículo de publicidade esteve presente. Esse processo se intensifica na década de 1950. Ao mesmo tempo em que o futebol populariza-se e integra-se à cultura nacional, o jeito brasileiro de jogar futebol se consagra pelo *futebol-arte*. A habilidade tornar-se o critério primordial de seleção de jogadores, ao invés da condição socioeconômica – critério anterior à profissionalização.

Surgem nesse contexto nossos “*pelés e manés*”. Entretanto, já naquela época consagrada ao futebol habilidoso, notavam-se mudanças no treinamento – cada vez mais voltado ao preparo físico e tático –, bem como na produção e divulgação das partidas.

Nos anos de 1960, os jogadores da Seleção Brasileira – campeã em 1958 – estampavam caixas de fósforo e propagandas de cigarro, dentre a divulgação de outros produtos. Na imagem abaixo, vemos Pelé em propaganda do Biotônico Fontoura:



**Figura 18: Pelé na propagando do produto Biotônico Fontoura.**  
**Fonte: CADENA, 2011.**

Nos anos de 1960 e 1970 o futebol funcionava como dispositivo propagandista não somente das empresas – que utilizavam a área ao redor dos gramados e as camisas dos jogadores como veículos publicitários de marcas de material esportivo – mas também do Estado, durante a ditadura militar, como nos conta Areias (2007): “Onde o Arena<sup>29</sup> vai mal, mais um time no Nacional”, dizia um adágio popular da época que resumia bem a intenção do governo de incluir equipes modestas [no Campeonato Brasileiro] para agradar o povo” (AREIAS, 2007, p.32). Segundo o autor, essa política de inclusão de clubes no campeonato nacional chegou a seu ápice no ano de 1979, quando noventa e seis times participaram da competição.

Neste cenário, o Campeonato Brasileiro foi se tornando altamente deficitário para a CBF<sup>30</sup>, que tinha de arcar com os custos das viagens e hospedagens dos times, e para os clubes, que só conseguiam encher os estádios em partidas decisivas ou em clássicos contra rivais de tradição. É interessante ressaltar que isso acontecia em uma época em que nossos craques estavam, em sua maioria, jogando no Brasil. (AREIAS, 2007, p.32)

Em 1987 surge o Clube dos Treze — união dos grandes clubes do futebol brasileiro —, criado por alguns dos principais clubes brasileiros da época: São Paulo, Flamengo, Corinthians, Vasco, Botafogo, Palmeiras, Santos, Internacional, Grêmio, Cruzeiro, Bahia, Vitória da Bahia e Atlético Mineiro. (RODRIGUES, 2006). Atualmente, a associação conta com vinte clubes, pois, aos antes citados, somaram-se Atlético Paranaense, Coritiba, Fluminense, Goiás, Guarani, Portuguesa e Sport.

O Clube dos Treze foi um movimento modernizador da estrutura do futebol brasileiro, baseado em modelos europeus. Os clubes se uniram em oposição à CBF, que se declarou incapaz de administrar um campeonato nacional naquele ano. No mesmo ano de sua fundação, o Clube dos Treze realizou a Copa União, um campeonato também nacional, mais racionalizado e comercializado, que marcou a “independência” dos clubes brasileiros frente à CBF e também a dependência, da mesma associação, quanto às empresas, que começariam a tornar-se principais financiadoras do futebol brasileiro. Para aquele campeonato, todos os clubes participantes assinaram contratos de patrocínio com a Coca-Cola. Outras duas grandes empresas também investiram economicamente na competição. A partir daquele campeonato estaria, entre os principais objetivos da liga, entender e tratar o futebol como atividade econômica.

---

<sup>29</sup> Partido de sustentação do governo militar.

<sup>30</sup> Confederação Brasileira de Futebol. Desmembramento da antiga CBD, criada em 1980.



**Figura 19: Propaganda da Coca-Cola em 1987.**  
**Fonte: AREIAS, 2007.**

Os patrocínios e anúncios publicitários tornam-se então de suma importância, garantindo capital aos clubes e conseguindo novos torcedores – agora também consumidores – para seus produtos. Vende-se o produto e se engrandece a prática do futebol. O corpo do jogador passa a ser cada vez mais explorado publicitariamente pelas marcas.

Nos anos de 1990, foram sancionadas duas leis sobre questões do futebol: a Lei Zico (8.672/93) e, posteriormente, a substituta Lei Pelé (9.615/98), que tiveram importância fundamental na atual configuração das relações comerciais no esporte.

A Lei Zico foi projetada em um contexto de redefinição da intervenção estatal no âmbito esportivo. Tinha como objetivo tentar modernizar o futebol brasileiro mediante o fim do passe, a profissionalização da gerência dos clubes, a criação dos clubes-empresa e a promoção de alterações no sistema eleitoral da CBF. Foi aprovada com muitas ressalvas, pois ainda que algumas mudanças em prol da comercialização do espetáculo tenham sido aceitas, muito do pensamento paternalista historicamente construído ainda persistia, e ainda hoje

persiste, no futebol brasileiro (RODRIGUES, 2006). Naquela época, pouco se mudou com relação às expectativas de uma gestão empresarial do futebol (PRONI, 2000). Com relação ao passe do jogador, ficou estipulado que ainda seria propriedade do clube ao qual aquele “pertencia”, porém o atleta poderia, a partir de então, opinar sobre sua transferência para outros clubes.

Quatro anos depois, as discussões em torno do passe retornam ao Congresso Nacional com o projeto da Lei Pelé. Dessa vez, o fim do passe foi decretado, bem como a obrigatoriedade de as agremiações se transformarem em clubes-empresa. O jogador de futebol passa então, ao menos teoricamente, a controlar totalmente a venda da sua força de trabalho.

Apenas teoricamente, no entanto. Com o futebol, agora, funcionando em consonância com a flexibilidade das relações do mercado neoliberal global, a maioria dos jogadores delegaria tal exercício de poder aos – polêmicos, mas sempre presentes – empresários. Ao contrário do que faz supor uma leitura literal da lei, os jogadores continuam sendo “vendidos”, mesmo com o fim do passe. O que muda é que eles têm, atualmente, o direito legal de opinar nas negociações. Antes da Lei Pelé, apesar de consultados, isso não era um direito. Hoje em dia, os clubes garantem uma porcentagem sobre a venda do jogador nos contratos de trabalho. Não foi exatamente o atleta que deixou de ser uma mercadoria, portanto; apenas as relações de compra e venda se modificaram. Se antes o jogador, apesar de consultado, não tinha decisão final sobre sua negociação, atualmente, apesar de ser necessário o consenso nas negociações, os contratos costumam assegurar previamente, ao clube e ao empresário, uma porcentagem na transferência.

Os clubes sentiram-se prejudicados, pois agora todo o capital investido na formação de um jogador não mais teria garantia de retorno. Os jogadores, por sua vez, quando não expelidos dos clubes em função do excesso de contingente, começaram a assinar contratos em idades cada vez mais precoces para garantir lugar nos gramados. Atualmente, os contratos também garantem às agremiações a permanência do atleta, por um tempo mínimo, a serviço do clube que o formou, visto que cada vez mais novos os atletas são assediados por clubes-empresa estrangeiros em busca dos *nascidos para jogar futebol*.

Algumas atualizações já foram feitas a Lei Pelé, visando a que se cuidasse das regras que prejudicam os clubes e a dificultar a saída de jogadores brasileiros para clubes do exterior. Uma mudança recente estipula que o clube formador tenha direito a cinco por cento do valor negociado entre o atleta e o novo clube. Porém, apesar de todo grande clube ter em sua estrutura as categorias de base, a CBF ainda não reconheceu nenhum clube brasileiro

como “clube formador”. Sendo assim, ao menos legalmente, a formação de jogadores no Brasil é inexistente.

Numa outra revisão dessa mesma lei, a vigência do primeiro contrato do jogador da base – aos dezesseis anos – passou de dois para até no máximo cinco anos, em decorrência das reivindicações dos clubes, que rapidamente perdiam seu investimento para o mercado europeu. Segundo Fragelli (2008), a duração e valor desse contrato são modulados de acordo com o interesse do clube na permanência do atleta – embasado no desempenho nos campeonatos.

Quando um jogador é considerado “diferenciado”, o clube passa a cortejá-lo com mimos financeiros que vão desde a reforma da casa dos pais até um aumento salarial substancial, capaz de mudar completamente a sua vida social e econômica bem como da sua família, dependendo de sua cotação no mercado do futebol”. (FRAGELLI, 2008, p.23)

Havendo interesse, o contrato é assinado, e os clubes se resguarda através de valores astronômicos nas multas rescisórias, pois sabem que a possibilidade do atleta transferir-se antes do término do contrato é alta. Geralmente, os clubes interessados na contratação do atleta cobrem o valor da multa, não havendo muitas garantias para a agremiação de origem de que o atleta cumprirá o tempo do contrato. Em virtude dessa facilidade,

[...] empresários, dirigentes de clubes, técnicos, pais de atletas e os próprios jogadores assim que se estabelecem num clube como titular, ainda que não sejam considerados fenômenos do futebol, passam a negociar uma possível transferência para um clube europeu ou mesmo para um outro clube nacional, que vai ajudá-los a se projetar no cenário futebolístico e aumentar seus salários. (FRAGELLI, 2008,p.24)

Mas nem todos os atletas chegam a assinar o primeiro contrato com o clube de origem. Alguns são negociados antes da idade-limite para clubes europeus por seus empresários, que acabam por lucrar ainda mais do que o clube formador. A presença dos empresários preocupa principalmente os dirigentes de clubes, que não conseguem montar um elenco definitivo por conta da volatilidade do mercado de transferências de atletas. Sobre essa questão, Paula, a psicóloga do Atlético, comentara durante a entrevista:

*Eu tenho um questionário identificatório para quando um menino chega ao CT. Há oito anos, quando eu entrei no clube, todo menino queria ser jogador profissional. De cinco anos pra cá quer ser jogador profissional e jogar na Europa. Ou seja, é muito claro que o atleta vai fazer o percurso aqui, mas ele está visando o futebol europeu.*  
(Paula de Paula)

Na tabela abaixo, constam os números de transferências de atletas federados para o exterior entre os anos de 2003 e 2010:

Ano	Transferências para o exterior	Retornos para o Brasil
2003	858	*
2004	857	*
2005	804	391
2006	851	311
2007	1085	489
2008	1176	659
2009	1017	707
**2010	1029	683

**Tabela 1: Número de transferências de jogadores para o exterior e de retornos para o Brasil.**

**Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2011.**

**\*Não constam dados do sobre o retorno de jogadores antes de 2005.**

**\*\* Dados ainda em atualização pela CBF.**

Assim como a exportação de atletas é crescente, o retorno dos mesmos aumenta a cada ano. Porém os clubes somente conseguem manter os atletas no Brasil, principalmente os que passaram por algum clube estrangeiro, quando podem sustentá-los. Sendo assim, para competir com os altos salários europeus e manter seus jogadores, os clubes constroem uma rede de associações e de interesses comerciais com empresas.

Já o jovem atleta, em busca do sonho de ser o jogador-produto mais bem sucedido do mercado, entrega a gerência de sua vida ao primeiro que aparecer prometendo esse futuro. Entrega-a aos empresários, ou procuradores, ou agentes, conforme cada um prefira ser chamado. Assim os caracteriza Fragelli (2008):

Encontra-se todo o tipo de empresários, desde olheiros despreparados que atuam na periferia das grandes cidades, até os chamados agentes FIFA, profissionais bem sucedidos em suas carreiras que se submetem a exames promovidos pela entidade que os habilita a negociarem contratos de jogadores por eles representados, inclusive no exterior. (FRAGELLI, 2008,p.24)

Para os que trabalham na informalidade, tudo se passa aos moldes de ganhar um prêmio na loteria: geralmente oferecem aos atletas uma “ajuda de custo” mensal e material esportivo para que os garotos possam jogar, apostando que, no futuro, algum deles agregará

valor econômico suficiente para ser negociado, redundando, como retorno, em uma bolada equivalente ao valor da mega-sena acumulada. Alguns desses empresários sequer gerenciam a carreira do atleta; apenas fazem a mediação das negociações entre os clubes. Sobre eles, comentou Alessandra, psicóloga do América:

*Tem aqueles que sugam o menino, porque ele cobra, mas quando eu vou atrás dele porque o menino está precisando de alguma coisa ele não ajuda. Tem os bons, mas a maioria suga. E briga com o clube. [...] Acho que foi a Lei Pelé que trouxe isso. Porque o que acontece: ele tira do clube, o clube investe, ele não. E na hora da negociação tem que dividir com ele, eu não concordo. A não ser aqueles que dão assistência mesmo. Tem uns que estão ali o tempo todo, esse vale a pena. (Alessandra Monteiro)*

Já os agentes mais influentes no mundo esportivo<sup>31</sup> geralmente montam uma empresa. Vendem, em primeiro lugar, a possibilidade da realização do sonho aos jogadores e suas famílias; em segundo lugar, os convencem de que são incapazes de gerir carreiras (DAMO, 2007); em terceiro lugar, quando conseguem a confiança de seus futuros clientes, oferecem toda uma gama de materiais e serviços. Facilmente conseguem que as famílias entreguem seus filhos aos cuidados da empresa que possuem e que, dali em diante, planeja cada carreira de forma personalizada, prestando assessoria jurídica, financeira, fiscal, de imprensa, de imagem, oferecendo *personal trainer*, assistência psicológica e médica, além de “babás” que acompanham o jogador - muitas vezes incluindo a família nas atividades diárias do jovem atleta.

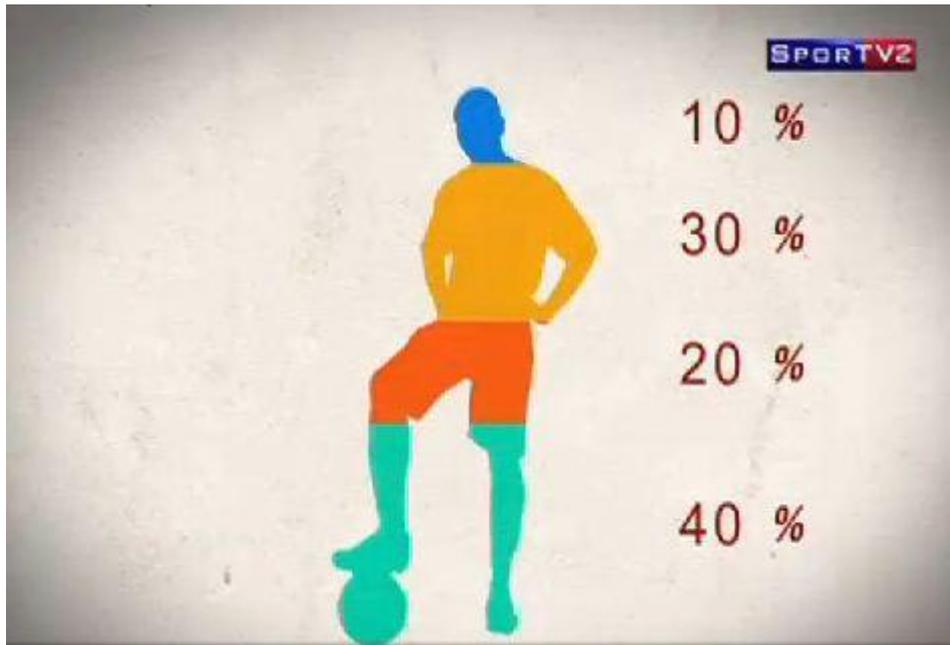
“O *Homo oeconomicus* neoliberal não é mais um parceiro da troca, é um empresário de si mesmo, ele próprio é seu capital, a fonte de sua renda” (FOUCAULT, 2008, p.311).

Nesse sentido, o jogador passa a ser, ele próprio, uma empresa a ser gerenciada. O que o intensifica é seu faturamento mensal, qual uma “pessoa jurídica”.

Trata-se, pois, do “jogador fatiado”, que divide seus direitos e lucros com empresas investidoras. Estas aplicam capital no empreendimento-jogador, tal qual em uma bolsa de valores:

---

<sup>31</sup> Às vezes ex-jogadores e ex-dirigentes.



**Figura 20: jogador fatiado.**  
**Fonte: SPORTV, 2010.**

Alguns jogadores chegam mesmo a render mais que a Bolsa. Neymar, jogador do Santos, no período de 2009 a 2011, rendeu setecentos e trinta por cento aos seus investidores (BASTOS, 2011). Em entrevista concedida ao canal de televisão *SporTV*, o pai do jogador, Neymar da Silva Santos, declarou a respeito do agenciamento do filho: “A gente está aqui para ajudar ele [...] Neymar tem que só jogar futebol, a gente que está trabalhando” (SPORTV, 2010). O jogador, portanto, é instado a não se preocupar com nada mais a não ser jogar futebol, cuidando, é claro, para manter-se como um produto no qual valha a pena investir. Seus funcionários cuidam do resto.

Muitos jovens brasileiros, antes de serem projetos de um empresário ou de um clube, são projetos das próprias famílias, conforme nos disse Paula, psicóloga do Atlético:

*[...] a família às vezes já teve um pai que tentou, um tio que tentou, um irmão mais velho que se quebrou, que teve que trabalhar ou não pode ficar investindo naquilo e aí escolhe-se um... e a família toda se organiza: o pai larga o emprego, a mãe muda de cidade, o irmão, todo mundo vai atrás do menino. Ou a família se esfacela, eles ficam um tanto num lugar, o pai vem trazendo o menino, moram numa pensão ruim demais, mas leva o menino, traz. [...] Então todo mundo dá a sua cota de sacrifício pra que aquele menino possa treinar, possa... entendeu? Possa suportar toda a instabilidade que é passar de uma categoria pra outra e no final do ano ser dispensado um tanto de menino. [...] Eu acho que hoje é muito difícil um menino não ter empresário. (Paula de Paula)*

Apesar de não desfrutarem do mesmo *glamour* dos jogadores já consagrados, os jovens das categorias de base são acompanhados desde cedo por esses agentes, como, mais uma vez, nos asseverou Paula:

*Isso tudo é um percurso que o atleta não faz sozinho. Ele tá desde o início agenciado. Não é possível um atleta entrar no futebol hoje assim porque ele pegou a mochilinha dele e ligou pra lá, ficou sabendo que dia que é o teste e foi. Não, ele não vai nem ser visto. E porque ele não vai ser visto? A não ser que ele chegue lá e que coincida que os observadores técnicos estejam fazendo uma peneirada, vendo 200 pra escolher só o melhor em uma determinada posição: ou um meio de campo, ou só um goleiro, ou só um lateral. [...] Você tem não sei quantos meninos, mas eles não estão sendo todos vistos. Eles estão vendo só os meninos que estão naquelas condições. que são meninos que correu o risco de estar pelo necessário, de tá sozinho, ele e a mochilinha e... ele tá ali, e o observador está vendo a posição dele e ele ainda ter que se arrebrantar vindo de lugar nowhere, sabe? Então é muito difícil que isso aconteça. (Paula de Paula).*

Os clubes e os empresários tentam, de todas as formas, aumentar o valor das negociações em torno do jogador. Para tanto, promovem uma especulação entre clubes em volta do produto. Em 2010, Jobson, então jogador do Brasiense, demonstrou descontentamento com o prolongamento das negociações do seu passe: “Estamos na expectativa. Sei que está próximo, mas ainda não tenho uma definição. Fico chateado com essa situação, ficam me leiloando. Eu não sou vaca” (Jobson *apud* VIEIRA, 2010)

Conforme observa Arlei Damo, “poucos são os espaços sociais que na atualidade convertem, sem restrições éticas, pessoas em coisas, como no futebol” (DAMO, 2007, p.68). Sim, pois no futebol contemporâneo, os jogadores são cada vez menos autônomos. Profissionais supostamente livres, mas tutelados como se fossem incapazes de cuidar da própria vida, com a figura do empresário cada vez mais presente, gerindo todo o processo.

## 7 OS IDIOTAS DA OBJETIVIDADE E SEU ADMIRÁVEL JOGO NOVO

*É como se o futebol fosse quase somente uma disputa programada de estratégias, de causas e efeitos, o que está longe de ser. O futebol, como a vida, tem muitas perguntas e poucas respostas.*

*Tostão*

As disputas pela hegemonia entre futebol-arte e futebol-força, atualizadas em temáticas que variam com o passar do tempo, nos põe a pensar em instâncias e efeitos envolvidos na prática do futebol.

O drible é bonito, mas arcaico. Bonito nos grandes jogadores do século passado, sente-se saudade dele. Aos espectadores ele faz falta, mas no meio esportivo é quase um insulto ao tão valorizado controle. Desde os anos de 1960 ensina-se, nas escolinhas brasileiras de futebol, que passar a bola para o “coleguinha” em um ato mecânico treinado de diversas formas, repetidas vezes, constitui *solidariedade*. Ensinava-se antes que isso se chamava “construção coletiva”. Mas que construção coletiva é essa na qual a voz do jogador não reverbera na construção daquilo que faz? O jogador é reduzido a uma peça de jogo quase inexpressiva e substituível. Seus movimentos têm que ter explicação. Finalidade, causa e efeito.

Ao longa da história do futebol profissional, a tentativa de alcançar o corpo e o rendimento idealizados como perfeição tornou-se, ao que parece, mais importante que outros fatores - como o próprio espetáculo e a criatividade dentro de campo. As exigências de padrões específicos de um corpo dito saudável, desejado pela comissão técnica, a partir dos quais os jogadores do futebol profissional são esculpidos, é visível na contemporaneidade. A habilidade com a bola, a técnica, podem ser a porta de entrada para um clube. Mas essa entrada dificilmente se dará sem um empresário que a possibilite e sem um corpo que se adapte às exigências do rendimento idealizado. Assim, os atletas são modelados numa espécie de “higienismo esportivo” que tenta eliminar as mutações e os imprevistos, para alcançar uma perfeição.

Desse modo, determinadas racionalidades tornam-se o caminho privilegiado através do qual se alcançará o êxito. Com isso, gradualmente, as ciências do esporte ocupam lugar dentro dos CT para cuidar do corpo atleta. Esse cuidado, porém, aproxima-se mais de um

controle de desempenho. O futebol, em sua mistura singular de práticas disciplinares e de biopoder, modela e modula a formação do jogador de futebol contemporâneo.

Delegando poder e autonomia quase que inquestionáveis em troca de um “lugar ao sol”, o atleta torna-se um corpo-recipientes a ser preenchido pelos instrumentos, medições e expectativas “daqueles que entendem” o que se passa, ou seja, os especialistas. O jogador, nessa perspectiva, torna-se um mero produtor dos dados, em manutenção constante, visando a uma maior produtividade esportiva, tendo, como justificativa para tanto, a produção do atleta ideal. Isso emite um efeito de bem estar que faz as pessoas acharem que estão agindo em torno do suposto “bem”, quando estão se submetendo a interesses e técnicas em constante produção, e de uma forma cada vez mais acelerada.

A estatística é tratada como a essência da vida, na medida em que indica em qual direção estão indo o aproveitamento do atleta e o do grupo. Tudo precisa ser medido e quantificado para incrementar o rendimento. Os gols, o espetáculo, a habilidade não bastam. Aliás, nada basta, nada é suficiente: a perfeição é uma meta constante e tirânica, em relação à qual se está sempre “em falta”.

Os recordes marcam histórias. São os mil gols do Pelé ou do Romário, o número de jogos sem perder e os pontos na tabela que se tornam metas. Números e mais números, o espetáculo tem, cada vez mais, a função de produzir números. Melhorar os números do atleta (taxas biológicas e índices produzidos nas partidas) para, a cada vez, produzir mais números. Para o futebol, atividade econômica globalizada, não basta viver, sentir, afetar-se; há que expandir os limites, os recordes, o corpo.

Nelson Rodrigues, em suas crônicas, utiliza a expressão “*idiotas da objetividade*” para dizer dos que tentam a captura do futebol pela objetivação e massificação das práticas, num processo que mecaniza a formação dos jogadores e, por consequência, a prática desse esporte. No espetáculo produzido através dessas práticas, a busca pela “verdade” importa mais do que a capacidade de afetar e ser afetado pelo mundo.

Disciplina e biopoder se articulam também em dispositivos em prol da manutenção da produção, aos moldes capitalísticos. Modulado o futebol pelas relações de mercado, de compra e venda, os clubes, na impossibilidade de impedir que seus jovens atletas os abandonem antes que o retorno do investimento feito em sua formação aconteça, produzem jogadores “tipo exportação”, sob medida para atender à demanda atual dos compradores, de forma a prevenir eventuais prejuízos futuros. Por conta disso, queixam-se da perda de poder sobre a venda de seus jogadores-produto, sentem-se roubados pelos empresários que ganham dinheiro na negociação do atleta. Porém esses mesmos empresários também ajudam o clube a

vender mais facilmente seus jogadores, aquecendo, dessa forma, o mercado global da bola. Basta um jogador se destacar num jogo e ser notado pela mídia para que os empresários comecem a trabalhar, oferecendo sua mercadoria para times do exterior ou para times brasileiros que estejam em posição privilegiada no cenário nacional, em busca de contratos vantajosos.

E haja criatividade nos penteados e nas comemorações de gol em um mercado que oscila tanto quanto as trancinhas do jogador Vagner Love, que mudam de cor conforme a da camisa do time pelo qual joga no momento. Por essas e outras, o futebol é, para além do sonho infantil de ser jogador, a esperança de “salvação” financeira dos *nascidos para jogar futebol* e suas famílias. Admitir que não há espaço para todos é tarefa difícil para quem dedica infância e parte da adolescência a esse esporte, sendo quase cerceado, durante todo esse processo, no que tange à possibilidade de aprender outras profissões. Na condição de aprendizes, esses meninos vivem uma rotina muito semelhante à dos profissionais, ainda que mascarada por uma suposta benevolência por parte do clube que provê a formação.

Forças análogas às que moldam e regulam a formação do jogador operam nas práticas da psicologia do esporte - especialidade que, a despeito de certa marginalidade diante das outras ciências do esporte, empreende sua “carreira” de maneira semelhante à do jogador, adaptando-se às exigências do mercado.

Frente à convocação para que lidem com o “*Sobrenatural de Almeida*”, os psicólogos do esporte desenvolvem práticas as mais diversas, bem como múltiplas orientações teóricas. Alguns trabalhando na invisibilidade, outros sob os holofotes midiáticos, todos dizem alguma coisa sobre o modo de funcionamento do lugar onde trabalham e sobre a instituição-futebol que instituem (e que os institui). Circulando entre modos de fazer, percebe-se, contudo, que a diversidade de práticas que compõem as várias psicologias do esporte indica a diversidade de subjetividades e de modos de vida possíveis - ainda que num ambiente à primeira vista tão cristalizado como são os CTs e atravessadas por uma instituição inegavelmente capitalística como o futebol.

A voz do atleta diversas vezes reverbera, sem ser escutada. Inclusive por aqueles que se propõem a trabalhar com a escuta. Em diversos momentos os psicólogos do esporte parecem agir como “idiotas da subjetividade” para justificarem sua importância frente ao grupo de cientistas do esporte e frente aos dirigentes. Os idiotas da subjetividade colaboram para a existência de modos de vida homogêneos. E esses modos não se encontram, evidentemente, somente nos CTs. Estão igualmente nos hospitais psiquiátricos, nas escolas,

nos consultórios, nas universidades. Essa “idiotice” nos atravessa a todo momento; cabe-nos não nos deixar ser por ela capturados.

Todos os especialistas do esporte entendem e falam, cada um a partir de seus saberes, sobre as políticas do futebol de alto rendimento. No entanto, idiotas da objetividade e/ou da subjetividade, eventualmente tornam o futebol um lugar apolítico onde nada pode interferir se não for para a reprodução dos modelos dominantes – oferecendo subsídios para maximizar o desempenho esportivo.

Nessa perspectiva, no trabalho do psicólogo supervalorizam-se os testes e psicodiagnósticos, que passam a ser utilizados como dispositivo criador de perfis de jogadores para responder à demanda de técnicos. Assim se estabelece uma psicologia de alto rendimento – descritiva e adaptativa –, mais ligada à necessidade de afirmar o lugar da psicologia e de responder às encomendas do clube tal como são feitas que a de intervir mediante um questionamento dos saberes e poderes que circulam nas relações esportivas.

O trabalho do psicólogo nos clubes é geralmente medido pela quantidade de dados e documentos gerados e pelos efeitos de docilização produzidos nos corpos-atletas. Por outro lado, algumas (raras?) vezes a atuação do psicólogo funciona mediante a criação de dispositivos que buscam abrir algum espaço para que o jogador de futebol, assim como outros trabalhadores dos CTs, possam efetivamente subjetivar-se, ao invés de meramente sujeitar-se a normalizações e controles.

Também os psicólogos querem ser ouvidos, na esperança de saírem da solidão de seus questionamentos cotidianos. Suas falas, tão presentes nesta dissertação, algo revelam do como as forças que potencializam afetam seja o corpo do exercitado atleta, seja, de maneira diferente, a aparentemente sedentária pesquisadora que não passou incólume por sua itinerância no futebol.

É, sem dúvida, um desafio sustentar práticas de psicologia – e de outras especialidades – voltadas para a inventividade, e não para a adaptação, como é comum no futebol contemporâneo. Mas creio que seja preciso enfrentar tal desafio, pois enquanto as forças da racionalidade objetivante vão na direção de proteger-nos da mutação, da imprevisibilidade e do acaso - normalizando e massificando modos de vida -, outras forças promovem movimentos divergentes, surpreendendo e escapando a tal modelo – qual no drible inesperado e nas jogadas não programadas, que criam efeitos (com a bola, e para a vida).

## REFERÊNCIAS

- AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa: considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009. Disponível em: <<http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/view/119/286>>. Acesso em: mar. 2010.
- AREIAS, João Henrique. **Uma bela jogada: 20 anos de marketing esportiva**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2007.
- BASTOS, Thiago. Eles rendem mais que a bolsa... **Placar**, São Paulo, abr. 2011, p.29.
- BELTRÃO, A.P. **Visão técnica do futebol moderno**. Rio de Janeiro: Paralelo, 1974.
- BORGES, Serafim. **Avaliação pré-participação: crianças e adolescentes – iniciação esportiva**. Disponível em: <[www.cremerj.com.br/palestras/703.pdf](http://www.cremerj.com.br/palestras/703.pdf)>. Acesso em: maio 2009.
- BRASIL. **Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993**. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8672.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8672.htm)> Acesso em: maio 2011.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm)>. Acesso em: mai. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 7.644, de 18 de dezembro de 1987**. Dispõe sobre a Regulamentação da Atividade de Mãe Social e dá outras Providências. Disponível em: <[http://www.dji.com.br/leis\\_ordinarias/1987-007644/1987-007644-.htm](http://www.dji.com.br/leis_ordinarias/1987-007644/1987-007644-.htm)>. Acesso em: 14 jun. 2011.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Brasil lança campanha internacional na Alemanha**. Brasília, 9 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=1&noticia=6812>>. Acesso em abr. 2011.
- CADENA, Nelson Varón. O garoto propaganda Pelé. In: **Almanaque da comunicação**. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/436.html>>. Acesso em: jun. 2011.
- CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CLUBE ATLÉTICO MINEIRO. **Categorias de base**. Disponível em:

< [http://m.atletico.com.br/interna\\_futebol.php?secao=base&page=sobre2](http://m.atletico.com.br/interna_futebol.php?secao=base&page=sobre2) >. Acesso em: maio 2011.

**CLUBE DOS TREZE.** Disponível em: < <http://clubedostreze.globo.com/pt/> >. Acesso em: maio 2011.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Transferências.** Disponível em: < <http://www2.cbf.com.br/php/transferencias.php> >. Acesso em: 29 maio. 2011.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **DECRETO-LEI N. 1.212 - DE 17 DE ABRIL DE 1939.** Disponível em:  
< [http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra\\_lei.asp?ID=58](http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID=58) >. Acesso em: 29 maio 2011.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **João Carvalhaes.** Disponível em: < <http://www.crsp.org.br/memoria/joao/videos.aspx> >. 2000. 1 vídeo.  
.Acesso em: mar. 2011.

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE. **Testes de futebol.** Disponível em:  
< [http://www.cruzeiro.com.br/index2.php?section=profissional\\_testefutebol](http://www.cruzeiro.com.br/index2.php?section=profissional_testefutebol) >. Acesso em: 25 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Toca da Raposa I.** Disponível em:  
< [http://www.cruzeiro.com.br/index2.php?section=clube\\_tocal](http://www.cruzeiro.com.br/index2.php?section=clube_tocal) > Acesso em: maio 2011.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão:** a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre: Hucitec. 2007.

DANTAS, Marina de Mattos. **Subjetividade, capitalismo e esporte:** vivências e discussões sobre tornar-se jogador de futebol. Monografia (conclusão do curso de Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Psicologia, Belo Horizonte. 2008. 40 f.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs.** Rio de Janeiro: Ed.34, 1995. v. 1.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho e Edmundo:** a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998.

FOUCAULT, M.. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. ; RABINOW, P. Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. Aula de 17 de março de 1976. In: \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: M. Fontes, 2008.

FRAGELLI, Teresa Cristina Braga. **Vencer ou vencer: os impasses do atleta de alto rendimento no futebol espetáculo**. 2008. 50 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 439p.

GUERRA, Márcio de Oliveira. O jogo da moda: a transformação do futebol em negócio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro-RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: < [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0904-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0904-1.pdf) >. Acesso em: 8 abr. 2008.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal**. 2010.

LOURAU, René. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: NEPE/UERJ, 1995. p.77-92.

MÁXIMO, João; KAZ, Leonel. **Brasil arte e magia: um século de futebol**. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2006.

MIRA Y LOPEZ, Emilio; SILVA, Athayde Ribeiro da. **Futebol e psicologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

OLIVEIRA, Clícia. Adriano faz exames de sangue e ouvido na Gávea, nesta terça-feira. **Globoesporte.com**, Rio de Janeiro, 12 maio 2009. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Flamengo/0,,MUL1122758-9865,00-ADRIANO+FAZ+EXAMES+DE+SANGUE+E+OUVIDO+NA+GAVEA+NESTA+TERCA+FEIRA.html>>. Acesso em: maio 2009.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PERELMUTTER, D. **A história oral e a trama sensível da subjetividade**. 1997. 113f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997, p. 26-68.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significação das memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n..2, p. 59-72, 1996.

\_\_\_\_\_. *“O que faz a história oral diferente”*. In: **Projeto História**, n. 14. São Paulo, PUC, 1997, p. 25-39.

PROJETO SOMA. Disponível em: < <http://divisaosomacicaat.blogspot.com> (blog do Projeto Soma) > Acesso em: fev. 2009.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, Instituto de Economia, 2000.

RIO DE JANEIRO (ESTADO). Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro. **Complexo Esportivo Caio Martins**. Disponível em:

< [http://www.suderj.rj.gov.br/complexo\\_esportivo.asp](http://www.suderj.rj.gov.br/complexo_esportivo.asp) > Acesso em: maio 2011.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 11, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 maio 2007.

\_\_\_\_\_. Pós-modernidade, mercado e a mobilidade do jogador de futebol: Um estudo empírico sobre os impactos do fim do passe no futebol gaúcho. **Akrópolis**, Umuarama, v. 14, n°. 1: jan./mar., 2006.

RODRIGUES, Nelson. À sombra dos criouloões em flor. In: CASTRO, Ruy (Org.). **À Sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANT'ANNA, D. B. . Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. **Motrivivência**, Santa Catarina, n. 15, p. 13-24, 2000.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. A cidade dividida nas charges de Mangabeira. In: **Revista Z Cultural.**, v. 6, n.1. Disponível em: < <http://www.pacc.ufrj.br/z/ano6/1/marcelino.php#aut> >. Acesso em: 30 maio 2011.

SOARES, Carmem Lúcia. Escultura da carne: o *bem*-estar e as pedagogias totalitárias do corpo. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SPORTV. **SPORTV Repórter**, 13 out. 2010. Disponível em:

< <http://sportv.globo.com/videos/v/sportv-reporter-empresarios-13112010/1375329/#/Programas/SporTV+Repórter/page/1> >. Acesso em: fev. 2011.

TOSTÃO. Os novos Pelés do futebol. **Gazeta do Povo**, 26 jul. 2009, Coluna do Tostão, Disponível em:

<<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=908833&tit=Os-novos-peles-do-futebol>>. Acesso em: 8 ago. 2009.

VIDAL, D. De Heródoto ao gravador: histórias da história oral. **Resgate**, n.1, 1980.

VIEIRA, Márcia. Luiz Estevão faz leilão por Jobson e irrita jogador. **Jornal O Dia**, Rio de Janeiro, 11 jun. 2010. Disponível em:

<[http://odia.terra.com.br/portal/ataque/botafogo/html/2010/6/luiz\\_estevao\\_faz\\_leilao\\_por\\_jobson\\_e\\_irrita\\_jogador\\_87561.html](http://odia.terra.com.br/portal/ataque/botafogo/html/2010/6/luiz_estevao_faz_leilao_por_jobson_e_irrita_jogador_87561.html) > . Acesso em: jun. 2010.

WAENY, M.F.C.; AZEVEDO, M.L.B. **João Carvalhaes**: pioneiro da Psicologia do Esporte, 2003. Disponível em: < <http://www.crpssp.org.br/memoria/joao/artigo.aspx> >. Acesso em: mar. 2011.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.